



**Juan Iurk Nogueira**

**A ESPERANÇA CRISTÃ EM LUTERO**  
seu desenvolvimento histórico e a aplicação  
pastoral frente aos desafios atuais

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Teologia Sistemática  
pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia, do  
Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Cesar Augusto Kuzma

Rio de Janeiro,  
fevereiro de 2022.



**Juan Iurk Nogueira**

## **A ESPERANÇA CRISTÃ EM LUTERO**

**seu desenvolvimento histórico e a aplicação**

**pastoral frente aos desafios atuais**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Cesar Augusto Kuzma**

Orientador  
PUC-Rio

**Maria Teresa de Freitas Cardoso**

PUC-Rio

**Anselmo Ernesto Graff**

ULBRA

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2022.

Todos os direitos reservados. A reprodução do presente trabalho, total ou parcial, é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Juan lurk Nogueira**

Concluiu o Bacharelado em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil em 2011 e especialização em Habilitação ao Ministério Pastoral no Seminário Concórdia em 2013. É pastor evangélico luterano, desde 2014, no bairro de Realengo, Rio de Janeiro – RJ.

### Ficha Catalográfica

Nogueira, Juan lurk

A esperança cristã em Lutero : seu desenvolvimento histórico e a aplicação pastoral frente aos desafios atuais / Juan lurk Nogueira ; orientador: Cesar Augusto Kuzma. – 2022.

138 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2022.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Segunda vinda de Cristo. 3. Escatologia luterana. 4. Luteranismo. 5. Fé, esperança e amor. I. Kuzma, Cesar Augusto. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para meus pais, João e Regina,  
minha esposa, Lidianne,  
e meu filho, Sebastian,  
por compartilharem comigo da mesma esperança.

## Agradecimento

Ao meu orientador, Professor Dr. *Cesar Augusto Kuzma*, pelo estímulo e parceria para a realização deste trabalho.

À CAPES e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

À *Congregação Evangélica Luterana Concórdia* por permitir e apoiar este período de estudo.

Aos meus pais, *João e Regina*, pelo amor com que me amaram e pela esperança cristã compartilhada comigo.

À minha esposa *Lidiane*, cujo amor e encorajamento dispensado a mim foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Ao meu filho *Sebastian*, com quem quero compartilhar a esperança cristã.

Aos amigos *Rômulo, Tardelli e Daniel* pelo incentivo, apoio e direcionamentos necessários.

Aos professores que participaram da Comissão Examinadora.

## Resumo

Nogueira, Juan Iurk; Kuzma, Cesar Augusto (Orientador). **A Esperança Cristã em Lutero seu desenvolvimento histórico e a aplicação pastoral frente aos desafios atuais**. Rio de Janeiro, 2022, 138p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A esperança cristã em Lutero tenta resgatar elementos para os atuais estudos teológicos dos últimos tempos a respeito deste tema. A teologia luterana, proveniente da Reforma do século XVI, não tratou diretamente do tema em questão naquele período. Assim, diante das novas pesquisas da Escatologia, faz-se necessário o resgate de artigos de fé que auxiliem a traçar a esperança cristã sob a perspectiva luterana. Para alcançar o objetivo de compreender e definir a esperança cristã na perspectiva luterana, foi imprescindível a releitura de teólogos luteranos – Lutero, Melanchthon, Chemnitz, Gerhard, Walther – e teólogos consagrados no luteranismo atual. A metodologia utilizada foi a bibliográfica. O texto foi escrito em forma cronológica, iniciando por Lutero, seguindo até os teólogos do último século. Como resultado, o presente trabalho apresenta o desenvolvimento do tema da esperança cristã no ensino e na proclamação da Igreja cristã.

## Palavras-chave

Segunda vinda de Cristo; escatologia luterana; luteranismo; fé, esperança e amor.

## Abstract

Nogueira, Juan Iurk; Kuzma, Cesar Augusto (Advisor). **Christian Hope in Luther its historical development and pastoral application in the face of current challenges**. Rio de Janeiro, 2022, 138p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Christian hope in Luther tries to rescue elements for the current theological studies of recent times on this topic. Lutheran theology, coming from the 16th-century Reformation, did not directly address the issue at hand in that period. Thus, in the face of new research on eschatology, it is necessary to rescue articles of faith that help to trace Christian hope from the Lutheran perspective. To achieve the objective of understanding and defining Christian hope in the Lutheran perspective, it was essential to reread Lutheran theologians – Luther, Melancthon, Chemnitz, Gerhard, Walther – and theologians consecrated in present-day Lutheranism. The methodology used was bibliographic. The text was written in the chronological form, starting with Luther, following until the work of Lutheran theologians of the last century. As a result, the research presents the development of the theme of Christian hope in teaching and proclaiming the Christian Church.

## Keywords

Second coming of Christ; lutheran eschatology; lutheranism; faith, hope and love.

## Sumário

1 Introdução	11
2 Lutero	14
2.1 97 Teses – 1517	15
2.2 Debate de Heidelberg – 1518	16
2.3 Trabalho nos Salmos – 1519-1521	19
2.4 Catorze Consolações – 1520	29
2.5 Sacramentos – Santa Ceia e Batismo – 1520	32
2.6 Nobreza Cristã – 1520	33
2.7 Composições – 1523	34
2.8 Usura – 1524	35
2.9 Da Vontade Cativa – 1525	37
2.10 Guerra dos Camponeses – 1525	38
2.11 Salmo 130 – 1525	40
2.12 Epístola a Timóteo – 1528	42
2.13 Pai Nosso – 1529	44
2.14 1 Coríntios 15 – 1534	45
2.15 Epístola aos Gálatas – 1535	47
2.16 Usura, aos Pastores – 1540	52
2.17 Oração Contra os Turcos – 1541	53
2.18 Gênesis 3 – 1544	54
2.19 Salmos – 1545	56
2.20 Romanos – 1546	57
2.21 Aspectos Centrais nas Leituras em Lutero	60
3 A Esperança Cristã em Teólogos no Período da Reforma e Pós-Reforma	62
3.1 Filipe Melanchthon (1497-1560)	63
3.2 Martin Chemnitz (1522-1586)	71
3.3 John Gerhard (1582-1637)	78



3.4 Carl Ferdinand Wilhelm Walther (1811-1887)	86
3.5 Conexão da Esperança em Lutero	95
4 Esperança: Formulações Escatológicas Contemporâneas e Implicações Verticais e Horizontais.	99
4.1 Esperança Secundária	101
4.2 A Esperança é a Espera de Alguém	107
4.2 Esperança Viva no Amor	111
4.3 Aspectos contemporâneos e presentes na teologia de Lutero	120
5 Conclusão	124
6 Bibliografia	130

## Abreviaturas

- LC        **Livro de Concórdia.** As confissões da Igreja Evangélica Luterana. Tradução de Arnaldo Schüller. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Comissão Interluterana de Literatura, 2021.
- OSel      Lutero, Martinho. **Obras Seleccionadas.** Vários autores. 13 vols. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1987-2018.
- NAA       **Bíblia Sagrada.** Nova Almeida Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

## Introdução

A esperança cristã encontrou lugar de destaque nos estudos da escatologia teológica no século XX. Muitos autores, de diversas vertentes cristãs, se debruçaram sobre essa temática. Neste trabalho, o foco se dará nos desdobramentos do tema da esperança para os teólogos luteranos, o que foi dito e produzido a respeito do tema da esperança e como respostas às demandas humanas (por esperança) foram articuladas. Além disso, analisar-se-á a forma como artigos de fé foram revisitados para formulação dos argumentos que expõem a compreensão acerca da esperança cristã. Tendo-se em vista os desafios que se apresentam para a vida humana, guerras, catástrofes, violência e, agora, a pandemia, reacende o assunto do que se espera do futuro. Dessa forma, se faz premente acompanhar as questões e os reveses a respeito da esperança cristã nos estudos dos últimos tempos sem, no entanto, ignorar as respostas já formuladas que mantiveram a Igreja de Cristo esperançada. O tema da esperança tomou corpo nas rodas teológicas do último século, no entanto, a esperança nunca deixou de ser tema presente na vida da Igreja Cristã desde os seus primórdios.

A busca por uma abordagem luterana sobre o tema da esperança cristã torna-se essencial, tendo em vista que, no último século, inúmeros teólogos – *Moltmann, Pannenberg, Bonhoeffer, Rubens Alves, Gustavo Gutiérrez, entre outros* – escreveram e trabalharam o tema da esperança. Muitas das obras surgem como resposta às incertezas mundiais e à desesperança humana. No campo luterano, a produção teológica com vistas a esperança cristã tem se desenvolvido e aberto um novo caminho, o qual será pesquisado no intento de encontrar direcionamentos às questões que se levantam perante os problemas e necessidades das pessoas humanas.

Este estudo se propõe a buscar as contribuições que possam ser extraídas dos escritos de Martinho Lutero e de outros teólogos luteranos sobre a esperança cristã. Dessa forma, investiga-se o que os teólogos escreveram e como sua teologia pode ajudar e direcionar o aprofundamento do tema. A investigação se dará nas obras disponíveis que foram produzidas pelos próprios teólogos selecionados. A esperança cristã será o foco da pesquisa, matéria essa que se desenvolve na área da

escatologia. Nesse sentido, o estudo analisa o que Lutero produziu a respeito da esperança cristã e como se deu o desdobramento histórico, chegando até os dias atuais. Essa pesquisa tem o interesse de buscar o pensamento proveniente da Reforma, no tocante a esperança, e como ela enfrentou e enfrenta as questões que se reacendem na sociedade, além de abordar como os teólogos formularam, ensinaram e proclamaram a esperança cristã para aprendizagem dos cristãos.

Para desenvolver essa pesquisa acerca da esperança cristã foi necessário revisitar as obras de cada teólogo. No caso do reformador Martinho Lutero, deu-se prioridade às obras disponíveis em português<sup>1</sup>. Os teólogos posteriores à Reforma também deixaram farto material. A escolha dos nomes teve por motivo a estreita ligação histórica e conexão com o ensino luterano proveniente da Reforma. Além destes, foram pesquisados teólogos oriundos do último século e que tiveram trabalhos direcionados ao tema da esperança cristã, especialmente por conta das demandas provenientes das várias correntes teológicas. Vale registrar a dificuldade com a pesquisa especialmente no que concerne a ida presencial às bibliotecas, tendo em vista que as mesmas estavam fechadas em razão da pandemia da Covid-19.

O primeiro nome a ser estudado será o do próprio Martinho Lutero (1483-1546). Os textos consultados provêm das mais diversas etapas da vida do Reformador. Em alguns momentos, Lutero apresenta apenas pistas sobre o tema da esperança, enquanto em outros desenvolve consistentemente a forma como compreende o assunto. Nas reflexões que Lutero faz, há o contraste quanto às esperanças comuns e à esperança vindoura. Temas como: justificação pela fé, dupla justiça, usura, bem como comentários bíblicos e cartas, foram consultados para delinear a concepção a respeito da esperança cristã.

No segundo momento do trabalho serão apresentados o pensamento e a argumentação dos teólogos que foram fundamentais para a estruturação da teologia da Reforma, bem como para a consolidação da igreja luterana. Os quatro teólogos – Filipe Melanchthon (1497-1560), Martin Chemnitz (1522-1586), John Gerhard (1582-1637) e Carl Ferdinand Wilhelm Walther (1811-1887) – trazem em suas obras os desdobramentos da teologia proveniente da Reforma, e dentre os trabalhos consultados são encontrados conceitos condizentes à esperança cristã, os quais ajudam a formular sua caminhada histórica. Dessa forma, o tema da esperança cristã

---

<sup>1</sup> Obras Seleccionadas com 13 volumes - OSel

é encontrado, em alguns casos, de forma diminuta, porém os achados perfazem a imagem de como este assunto foi abordado em cada período na história posterior a Reforma Luterana.

Em terceiro lugar, os últimos cem anos são contemplados com a análise de artigos e livros produzidos por teólogos luteranos contemporâneos – *Sasse, Scaer, Sánchez, Preus, entre outros* – os quais descendem da linha teológica que perpassa Lutero, Chemnitz, Gerhard e é propagada por Walther no Sínodo de Missouri<sup>2</sup>. Nesse período, os materiais produzidos se voltam especificamente para o tema da esperança cristã como resposta e dialogam com o que foi escrito à época. Os anseios humanos e as questões sociais recebem destaque, tendo em vista que são parte da esperança humana, bem como o resgate dos conceitos reformatórios primevos.

Este trabalho não teve a intenção de dialogar como as diversas obras produzidas no século XX, mas, sim, fundamentar a compreensão e posição luterana diante do tema da esperança cristã. O diálogo se torna profícuo quando se tem fundamentada a posição e o desenvolvimento teológico próprio. Nesse sentido, a busca pelas bases do pensamento luterano acerca do tema da esperança se torna o intento para este estudo.

Espera-se fundamentar a posição luterana, bem como encontrar as respostas às questões que afligem a pessoa humana, além de encontrar a *fonte*, o *tempo*, o *local* e *em quem se espera* a esperança cristã. Outrossim, procura-se a relevância da esperança cristã, não só diante de Deus e na relação com Ele, mas também diante do semelhante na vida cotidiana, e como a esperança se apresenta nas relações humanas em uma tentativa de apresentar a correlação entre a esperança cristã e as esperanças comuns presentes nas vidas hodiernas.

---

<sup>2</sup> Sínodo da Igreja Luterana nos Estados Unidos: Lutheran Church Missouri Synod - LCMS

## 2

### Lutero

Lutero, o Reformador do século XVI, foi um monge agostiniano que, após mergulhar no estudo do texto original da Escritura Sagrada – em grego e hebraico - iniciou um caminho sem volta. Martinho Lutero começou a questionar e buscar debates a respeito do que se ensinava na Igreja como sendo a verdade cristã. Seus embates são conhecidos e o principal deles, dentre muitos, é o das *95 teses* afixadas nas portas da Catedral de Wittenberg. Lutero não poupou a pena e escreveu sobre tudo o que perpassava o seu período histórico. Seu enfrentamento à temas delicados e sensíveis encontra ecos até os dias atuais. Dessa forma, nos últimos anos, tem se intensificado a pesquisa acerca do que pensou, escreveu e ensinou o Reformador. Essa redescoberta tomou fôlego após a passagem do quinto centenário da Reforma, em 2017. Publicações e estudos foram desenvolvidos na tentativa de desvelar a obra de Lutero e sua contribuição para o pensamento teológico pós-Reforma.

Neste capítulo, perpassaremos alguns dos escritos de Lutero, desde cartas, tratados, teses, comentários bíblicos e outros, em uma investigação do uso e da compreensão que o Reformador tinha a respeito do tema deste trabalho, a saber, a Esperança Cristã. A pesquisa se debruçou, de forma investigativa, no que está registrado nas *Obras Seleccionadas de Lutero*. Em alguns pontos onde se encontraram referências ao tema, havia apenas breves citações, as quais foram inseridas no estudo tendo em vista seu contexto. Já em outros textos, a esperança cristã é desenvolvida com mais profundidade, com isso se pode exprimir melhor a compreensão do objeto do estudo.

O texto foi colocado em ordem cronológica aos escritos, por isso, em alguns momentos, poderá parecer que o Reformador retoma pensamentos que já foram abordados, ou talvez se tenha a impressão de que ele pula de uma perspectiva a outra. Porém, essa foi a forma pensada para construir o texto e proporcionar uma progressão ao pensamento e uso da esperança para Lutero.

## 2.1

### 97 Teses – 1517

Em 1517, um mês antes da conhecida data em que as *95 Teses* foram fixadas na porta da catedral de Wittenberg, Lutero apresentou, junto ao seu discípulo Francisco Günther, as *97 Teses* contra o pelagianismo na doutrina da graça. A fusão de teologia e filosofia foi severamente atacada no debate sobre a Teologia Escolástica em 1517<sup>3</sup>. Günther esperava receber seu diploma de bacharel; Lutero, em contrapartida, estava interessado em levantar o necessário debate a respeito da aplicação de regras da lógica filosófica<sup>4</sup>. Sua proposta era uma alternativa ao método teológico vigente e seu argumento apresentava um método paradoxal de estudo das verdades cristãs. Dentre as teses expostas, encontram-se cinco que combatem o uso e a aplicação da esperança, como era feito até aquele momento, ou seja, acreditava-se elas seriam conquistadas como virtudes humanas. As teses que abordam o tema iniciam no número vinte e um até o número vinte e cinco.

21. Nada há na natureza [humana] senão atos de concupiscência contra Deus; 22. Todo ato de concupiscência contra Deus é um mal e uma prostituição do espírito; 23. Também não é verdade que um ato de concupiscência pode ser posto em ordem pela virtude da esperança. Contra Gabriel Biel; 24. Isto porque a esperança não é contrária ao amor, que somente busca e deseja o que é de Deus; 25. A esperança não vem de méritos, mas de sofrimentos que destroem méritos. Contra a prática de muitos<sup>5</sup>.

O problema enfrentado por Lutero e Günther diz respeito à prática teológica presente, a qual buscava encontrar no ser humano atos aos quais Paulo chama de “da carne”<sup>6</sup>, como se esta fosse fonte e meio da esperança. A tese 24 deixa clara a compreensão do Reformador de que a pessoa humana, por si só, não busca a Deus. A pessoa não tem inclinação para o bem. O Reformador se refere aos méritos como aqueles que eram alcançados por meio de atos meritórios, boas obras e relíquias. Seu argumento é de que não é nesses lugares que a esperança cristã deve residir, pois, se assim o fosse, não concederia a esperança, mas uma esperança em si mesmo, já que se firmaria na própria pessoa, ou seja, no que se faz ou não na promessa.

<sup>3</sup> HÄGGLUND, B., História da Teologia, p. 182.

<sup>4</sup> FISCHER, J. Introdução ao Debate Sobre a Teologia Escolástica. In: OSeI 01, p. 13

<sup>5</sup> LUTERO, M. OSeI 01, p. 16.

<sup>6</sup> Gl 3,3

Esse ensino foi combatido por Lutero desde os primórdios de seus trabalhos<sup>7</sup>. O objeto certo da esperança precisa ser apontado, tirando da pessoa humana o engano em buscar em si o que lhe poderia ser dado pela esperança. A defesa que faz da concupiscência humana como fator preponderante e contrário a uma esperança como virtude do ser humano, deseja trazer ao debate o pensamento que destoa do que era ensinado por teólogos e pensadores da época. Vale ressaltar que o pensamento vigente também foi prática do Reformador pré-Reforma. Sua busca incessante em encontrar paz com Deus também é a busca por uma esperança que lhe era ofuscada pelas regulamentações e obras meritórias. É na redescoberta do Crucificado e de sua obra completa e meritória que há uma guinada na compreensão e ensino de Lutero.

## 2.2

### Debate de Heidelberg – 1518

Em 1518, no mês de maio, acontece o Debate de Heidelberg. Chama-se debate, mas, na realidade, não houve um debate em si. Não havia outro debatedor além de Lutero. Ele precisava ir àquela cidade apresentar um relatório de suas atividades a Staupitz, por conta disso lhe foi estendido um convite para que dirigisse o debate<sup>8</sup>. O alvo de suas teses foi a teologia occamista, diretamente no que se refere à postura prática do ser humano, já que os seguidores de Guilherme de Occam (1285-1349) perpetuaram o ensino de que há intrinsicamente algum bem no indivíduo como tal. Lutero ataca esse pensamento diretamente, ao discordar desse ensino e apresentar o ser humano como pecador em todos os seus atos, enquanto distante da graça, mesmo que as ações sejam virtuosas perante os homens. As melhores obras humanas são pecados diante de Deus<sup>9</sup>.

Dentre as teses apresentadas por Lutero, a tese onze relaciona a verdadeira esperança com a atitude humana: Não se pode evitar a presunção, nem pode haver verdadeira esperança, se em cada obra não se temer o juízo de condenação<sup>10</sup>. Ao

<sup>7</sup> Alguns dos textos: Debate para Esclarecimento do Valor das Indulgências; Um Sermão sobre Indulgência e Graça; Sermão sobre as Duas Espécies de Justiça; Um Sermão sobre a Preparação para a Morte; esses encontram-se na OSel 01, 2003.

<sup>8</sup> DREHER, M. N. Introdução a O Debate de Heidelberg. In: OSel 01, p. 35

<sup>9</sup> DREHER, M. N. Introdução a O Debate de Heidelberg. In: OSel 01, p. 36

<sup>10</sup> LUTERO, M. OSel 01, p. 45.



que parece, Lutero correlaciona a esperança ao temor ao Senhor. No entanto, sua argumentação continua com a explicação e elucidação da tese. Nela, percebe-se que o Reformador, na verdade, aponta para o obstinado desejo do ser humano em confiar em suas próprias obras fiando-se nas mesmas e, conseqüentemente, nutrindo uma esperança que não tem lastro na Escritura. Contudo, esse atrevimento, na verdade, poderá levar o ser humano à dúvida e ao desespero. Lutero explica sua tese ao dizer.

Pois é impossível ter esperança em Deus sem desesperar de todas as criaturas e sem saber que nada ajuda à própria pessoa senão Deus. No entanto, como não existe ninguém que tenha essa esperança pura, conforme dissemos acima, e assim não deixamos de confiar até certo ponto na criatura, fica claro que, por causa dessa impureza, deve-se temer o juízo de Deus em todas as coisas. E assim deve ser evitada a presunção, não apenas na aparência exterior, mas na atitude interior, isto é, de sorte que nos desagrade que ainda nos fiemos na criatura<sup>11</sup>.

O temor virá com a consciência de que não se pode esperar em si mesmo e nem no ser humano. Quando este fato se revela, na verdade, o que se passa na pessoa é desesperança pelo que se é, pelo que se faz e pelo que se tem. Voltando-se em temor para Deus, reconhecendo a sua incapacidade, poder-se-á esperar Nele. Percebe-se que o Reformador estrutura seu pensamento a respeito da esperança retirando do centro o ser humano.

Ainda no mesmo conjunto de teses, encontra-se a de número dezesseis, a qual amplia e completa a compressão para a tese onze citada anteriormente. Lutero a expõe da seguinte forma: O ser humano que crê querer chegar à graça fazendo o que está em si acrescenta pecado sobre pecado, de sorte que se torna duplamente réu<sup>12</sup>. Assim ele toca na espinha dorsal do ensino occamista, e acrescenta a explicação à tese.

Pois do que foi dito fica evidente que, enquanto faz o que está em si, o ser humano peca e procura exclusivamente o que é seu. Contudo, se crê que, através deste pecado, torna-se digno da graça ou apto para ela, ele ainda acrescenta uma soberba presunção e não crê que o pecado seja pecado, nem que o mal seja mal; isto, porém, é um pecado muito grande. Assim consta em Jr 2.13: “Meu povo cometeu um duplo pecado: abandonaram a mim, a fonte viva e cavaram poços dispersos para si, que não prestam para segurar as águas.” [...] ao ouvires essas palavras, ajoelha-te e pede por graça, colocando a tua esperança em Cristo, no qual está a nossa salvação, vida e ressurreição. [...] Bem assim é que Deus concede a graça aos humildes e é assim

<sup>11</sup> LUTERO, M. OSeI 01, p. 45-46.

<sup>12</sup> LUTERO, M. OSeI 01, p. 47.

que quem se humilha é exaltado. A lei humilha, a graça exalta. A lei opera o temor e a ira; a graça opera a esperança e a misericórdia<sup>13</sup>.

A explicação de Lutero revela a esperança que procede da graça e não dos atos praticados pelas pessoas. Na realidade, a dignidade humana perante Deus se dá por Cristo, fora disso tudo é maculado pelo mal. Dessa forma, o Reformador delimita a fonte primeva e única da esperança. Pela lei, o mal é revelado; pela graça, se efetua a esperança. O humilhar-se, para, não se trata de buscar uma vida humilde, mas em humildade reconhecer-se incapaz e se deleitar na graça. O Reformador tem como alvo do seu debate a falsa esperança mercantilizada, que retira a esperança da graça e a coloca na lei, no cumprimento de obrigações. Somente está apto para conseguir a graça de Cristo quem desesperar totalmente de si mesmo e colocar a sua confiança totalmente em Cristo<sup>14</sup>.

Mais à frente, parece contraditório o que Lutero escreve no comentário à tese dezessete, mas encontra sustentação quando se lê o todo.

O pecado, porém, não é reconhecido senão pela lei, assim, fica claro que não é o desespero, mas, antes, a esperança que é pregada quando se nos prega que somos pecadores. Porque esta pregação do pecado – ou melhor, o reconhecimento do pecado e a fé em tal pregação – é preparação para a graça. Pois o desejo da graça só surge quando nasceu o conhecimento do pecado<sup>15</sup>.

Nesse ponto, a esperança se vincula ao anúncio da lei – lembrando que Lutero escreveu as teses no ano de 1518, logo após o evento da fixação das 95 *teses* – logo, pode ser que não haja essa vinculação, lei e esperança, nos seus textos posteriores. Relacionar a esperança à lei, mesmo com a explicação complementar que foi dada, na verdade destoa do que a lei faz com o ser humano, pois ela aponta o mal e traz desesperança. Contudo, o Reformador assinala para o desejo da graça, sendo esta, sim, a operadora da esperança. Só pode desejar a graça quem se reconhece na desgraça.

<sup>13</sup> LUTERO, M. OSel 01, p. 47-48.

<sup>14</sup> DREHER, M. N. Introdução a O Debate de Heidelberg. In: OSel 01, p. 37

<sup>15</sup> LUTERO, M. OSel 01, p. 48.

## 2.3

### Trabalho nos Salmos – 1519-1521

Um dos refúgios de Lutero, os Salmos, lhe eram fonte de compreensão dos assuntos importantes tratados em outras partes da Escritura. O Reformador mergulha fundo, ruma cada palavra e cada pensamento, até extrair o máximo do ensino sálmico. Após compreender a respeito da justiça, na carta aos Romanos 1,17, Lutero faz sua reinterpretação do saltério a partir do ano de 1519<sup>16</sup>. Parte do seu trabalho e estudo versa sobre o tema da esperança. Um dos textos em que o Reformador desenvolve sua análise está no comentário ao versículo sete do capítulo cinco do livro dos Salmos. O texto da Escritura diz “Eu, porém, pela riqueza da tua misericórdia, entrarei na tua casa e me prostarei diante do teu santo tempo, no teu temor” (Sl 5,8, NAA). Deste versículo Lutero retira, com profundidade, a compreensão de uma antítese, a qual trata do temor e da esperança.

Pois são duas as coisas através das quais se exercita esta vida: temor e esperança, como aquelas duas fontes, Juízes 1[.15], uma superior, a outra inferior. O temor provém do contemplar as ameaças e os temíveis juízos de Deus, diante do qual ninguém é puro, ninguém é sem pecado, ninguém escapa da condenação. A esperança provém do contemplar a promessa e as amabilíssimas misericórdias de Deus, assim como [ensina] o Sl 24[sc. 25.6]: "Lembra-te das tuas comiserações e das tuas misericórdias que são desde a eternidade", de modo que, em sua presença, ninguém pode ser impuro, injusto ou deixar de ser salvo<sup>17</sup>.

A leitura feita por Lutero encontra a esperança proveniente do contemplar as misericórdias do Senhor. Assim como se vê em outros escritos do autor, aqui há em suas palavras a intenção de deixar claro aos seus ouvintes e leitores que é na misericórdia de Deus que se pode esperar. Ao invés de buscar em si algo que só Deus pode conceder – pois não há ninguém puro e sem pecado – que a pessoa humana se renda a riqueza da comiseração que se encontra no Senhor e que nas suas promessas se revela. Por mais que o uso próprio da palavra esperança não esteja e nem se encontre no texto escriturístico do Salmo em questão, ainda assim é na leitura acurada que o tema se desvela.

Pois a misericórdia de Deus, que é o objeto da esperança, ele coloca sem mencionar o termo “esperança”. Por outro lado, o “temor”, cujo objeto é o juízo de Deus, ele

<sup>16</sup> BAESKE, A. Introdução ao Trabalho do Frei Martinho Lutero nos Salmos apresentado a Estudantes de Teologia em Wittenberg. In: OSeI 08, p. 342.

<sup>17</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 376.

coloca sem mencionar o termo “juízo”, enquanto aparenta que ele, antes, devesse opor a misericórdia e o juízo ou a fé e o temor. [...] E essas duas coisas, a esperança e o temor, são, dentre todos, de longe, os mais agradáveis sacrifícios e obras piedosas que os ímpios e aqueles justiciários, como nem ensinam nem entendem, também não fazem nem podem fazer<sup>18</sup>.

Lutero, em sua produção teológica, entende que o ser humano naturalmente busca as boas obras, então ele desvela o caminho para o cristão. A maturação da teologia do Reformador encontra no temor e na esperança o sacrifício (im)possível ao ser humano. Vale ressaltar que ambos são concedidos pelo Espírito Santo, o qual ensina o temor e a esperança por meio da Sagrada Escritura – preceitos e promessas. Por isso, ao final da sentença, Lutero diz que os ímpios e os justiciários não podem fazê-lo, é obra própria do crente – temer e esperar.

Mais à frente, comentando o versículo onze do mesmo Salmo, Lutero avigora seu pensamento no tocante ao uso da palavra esperança. O Reformador a relaciona com a alegria, a qual é encorajada pelo salmista que diz: “alegrem-se todos os que confiam em ti” (Sl 5,11, NAA). Lutero expõe, de forma incisiva, que o lugar da esperança não está naquilo que o ser humano produz – seja em direção a Deus ou não – ou em outra coisa que o valha, mas a esperança se descobre nas promessas provenientes do Senhor, cujo anúncio gera a verdadeira alegria.

Queres, portanto, saber onde está a verdadeira alegria do coração? “Alegrar-se-ão”, diz, “os que esperam em ti”. Esta é uma definição aceita e uma sentença assegurada, não em obras, não em outras coisas, mas somente na esperança alegra-se o coração do homem. Quem procurar alegrar-se, em outro lugar exceto na esperança, suará muito e se esforçará em vão; também estará pior do que a mulher que sofria de hemorragia, após ter gasto todos os seus bens com médicos. Assim sucede com os que, de consciência perturbada, correm para cá e para lá, consultando ora estes e ora aqueles, fazendo ora isso e ora aquilo e tentando tudo para acalmar seu coração<sup>19</sup>.

O exemplo que Lutero usa da mulher com fluxo de sangue, registrada no evangelho de Lucas 8,43, serve de ilustração para os que buscam sanar a sua necessidade (de alegria) em outro lugar que não no Senhor. A esperança em Jesus, por parte daquela mulher no que havia ouvido a respeito dele, moveu-a, esperançosa, a receber aquilo que só o Senhor poderia lhe conceder. Assim também,

<sup>18</sup> LUTERO, M. OSel 08, p. 377.

<sup>19</sup> LUTERO, M. OSel 08, p. 384.

como argumenta o Reformador, só encontrará a alegria os que têm a sua esperança no Senhor – de outra forma, será um correr atrás do vento<sup>20</sup>.

Lutero, ainda comentando esse versículo do Saltério, diz: “afastemo-nos um pouco desse ponto mais redundante para que, uma vez por todas, conheçamos a força e a essência da esperança”<sup>21</sup>. Nesse ponto, o Reformador assevera o tema, lançando o que se pode chamar de bases para compreensão da esperança em sua teologia. Para o Reformador, a desesperança provém de uma alma que detesta o pecado e busca, de maneira insensata, um grande número de boas obras, de justiça e de felicidade, na tentativa de sanar aquilo que lhe incomoda. Pois, se todos os que esperam devem se alegrar no Senhor, as palavras do salmista não excluem os que se encontram em tribulação. O que Lutero observa é que a esperança se encontra, até mesmo, nos mais despossuídos; ao tempo que a desesperança pode habitar no coração e mente daqueles que, antes de esperar no Senhor, buscam a esperança em seu próprio agir. Não há para o Reformador consequência diferente do que desesperança e tristeza para as pessoas que se esforçam em construir uma esperança por meio dos seus atos. Os pontos da questão são: quando será satisfeita essa necessidade? É possível que eu já tenha feito o suficiente ou ainda terei que continuar agindo? Será que Deus já está satisfeito? Lutero entende que a satisfação de Deus está no Senhor. Tudo o que poderia agradar a Deus, Jesus o fez. Esperar no Senhor é, para Lutero, encontrar o caminho da alegria.

Não se pode dizer, segundo o Reformador, que a fonte da desesperança é a quantidade de pecado que a pessoa tem e que tenta, em vão, justificar-se. É o sentimento insensato que, juntamente com a consciência aflita, busca nas boas obras aplacar a culpa, pois acredita que estas obras, as quais contrapõem os pecados que o afligem, poderão vencê-los<sup>22</sup>. Esse é um pensamento acerca da fé e do relacionamento com Deus que está corrompido, segundo Lutero. Esse argumento é corroborado pelas narrativas dos diálogos de Jesus com seus interlocutores, os quais lhe questionavam “o que devo fazer”<sup>23</sup>. Dessa forma, se clarifica que quem assim vive - esperando nas boas obras - não espera em Deus, mas em si mesmo. A esses o Reformador chama de ímpios, os quais constroem sua esperança sobre suas

---

<sup>20</sup> Pv 1,14.

<sup>21</sup> LUTERO, M. OSel 08, p. 385.

<sup>22</sup> LUTERO, M. OSel 08, p. 386.

<sup>23</sup> Mc 10,17; 12,28; Lc 10,25; Jo 6,28.

próprias boas obras. O Reformador insta aos que o leem – e ouvem – a desesperançar das obras e a se refugiar no Senhor. Outrossim, ele não encontra a esperança numa dinâmica entre obra e confiar no Senhor, pois para o Reformador, isso não é possível.

[Ele] volta os olhos para as obras passadas que pressupõe [existirem] e nas quais pudesse se fiar que, com boa razão, não existem. Se ele espera em Deus por causa das obras (visto que ele sonha esperar em Deus mais confiante e mais alegre se vir diante de si grande número de obras), ele será convencido de estar confiando mais em obras do que em Deus - que há de mais horrível e mais ímpio do que isso?<sup>24</sup>.

Ao justo, ou seja, àqueles que creem em Jesus e nele depositam sua confiança, embora também pequenos, não desesperam. Isto acontece porque, assim como diz o Reformador, eles passam por males e bens corporais e espirituais (os pecados). A estes indivíduos não há um fiar-se numa vida boa que venham a levar ou desesperar pelo pecado. Diferente do ímpio, para Lutero, o justo não se apega aos dons e privações dessa vida, mas se alegra e se apega ao Senhor. O Reformador, então, recupera um dos textos do livro de Provérbios, o qual diz “porque sete vezes cairá o justo e se levantará; mas os perversos são derrubados pela calamidade” (Pv 24,26, NAA). Mais à frente Lutero afirma “a esperança que existe no mérito é nula”<sup>25</sup>, pois, enquanto o justo alegra-se e espera no Senhor, ao ímpio a esperança há de ser buscada em méritos e em si mesmo, o que pode leva-lo à completa desesperança.

O raciocínio desenvolvido por Lutero condiciona a força da esperança na salvação. Para construir o silogismo para esse argumento, o Reformador vai ao texto do apóstolo Paulo aos Romanos que diz “porque Deus encerrou todos na desobediência, a fim de mostrar a sua misericórdia a todos” (Rm 11,32, NAA). Ou seja, a lei revela o pecado<sup>26</sup> e isso quer dizer que todos pecaram<sup>27</sup>, e este conhecimento vem a pessoa que é honesta e incisivamente medita na Lei. A importância da Lei do Senhor reside na função de revelar ao ser humano a sua situação. Nesse sentido, o reconhecimento do ser pecador o faz olhar para a frente e encontrar a condenação futura, restando esperar na promessa.

Porque onde não há lei, também não há pecado; onde não há pecado, também não há misericórdia; onde não há misericórdia, também não há salvação; onde não há

<sup>24</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 386.

<sup>25</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 387.

<sup>26</sup> Rm 5,13.

<sup>27</sup> Rm 3,23.

salvação, também não há Deus. Ora, assim, a força do pecado é a lei; a força da lei é a misericórdia; a força da misericórdia é a esperança; a força da esperança é a salvação; a força da salvação, porém, é Deus, por intermédio de Jesus Cristo, nosso Senhor – visto que ele próprio é o Deus que salva e o Senhor Deus, que superou a morte, Sl 67[sc. 68.20]. Visto que a lei opera em nós o pecado, a misericórdia opera (isto é, locupleta) a lei; a esperança, a misericórdia; [161] a salvação, a esperança; Deus, a salvação e tudo isso, em Cristo<sup>28</sup>.

Pode-se ver que o argumento do Reformador aponta para a esperança no Crucificado. É do Salvador que emana a fonte da esperança, segundo o pensamento de Lutero. Sua leitura bíblico-teológica lança as bases para toda construção posterior do seu trabalho. Porém, mesmo as pessoas conhecendo teoricamente este tema, o Reformador reconhece que “devido à corrupção do nosso sentimento que confia nisso, adquire-se o mínimo de esperança”<sup>29</sup>. Tendo em vista essa deficiência da natureza humana, em se refugiar na Boa Nova da salvação, Lutero reconhece que há a necessidade de se pregar, constantemente, a Mensagem da Cruz<sup>30</sup>.

O combate travado por Lutero para que seus ouvintes não depositem sua esperança nas próprias obras continua. Contudo, o Reformador não defende, de forma alguma, que as boas obras não sejam parte na vida do cristão. Seria um engano defender tal pensamento, tendo em vista que a própria Escritura diz o contrário. As boas obras não são proibidas, mas recomendadas. O Reformador argumenta que o bem procede de dentro, para que se faça o que é bom e o pecado seja esmagado no interior.

Esse sentimento (a cabeça da velha serpente), totalmente oculto e carnal, que confia nessas obras e resiste de maneira obstinada à esperança, que existe somente na misericórdia de Deus, deve ser esmagado, desarraigado e destruído. Deve-se reconhecer que, caso não se tenha vivido uma vida boa, não se fique desesperado por isso, nem se tenha esperança pelo fato de se ter vivido uma vida boa<sup>31</sup>.

Ao expor seu pensamento, Lutero ainda reforça que não se fie no quão boa ou ruim foi a sua vida, para que não fique desesperançado, mas que tampouco não resista à esperança na misericórdia de Deus. Isto pode ser difícil, especialmente para aqueles que vivem uma boa vida. No entanto, o Reformador não está pensando em pessoas de posses – se bem que se pode incluí-las, tendo em mente as palavras de Jesus em Mateus 19,24 – mas numa boa vida de boas obras. Ou seja, pessoas que

<sup>28</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 387-388.

<sup>29</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 388.

<sup>30</sup> 1Co 1,32.

<sup>31</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 389.

se destacam na sua solidariedade e busca pelas melhores e mais exuberantes obras. Neste caso a pessoa luta, não apenas conta o pecado que nela habita, mas, também, contra a sua esperança em no Salvador. O ponto da argumentação de Lutero é a salvação, e não há, para o cristão, salvação fora de Cristo; ou como disse o Reformador “onde não há salvação (por meio de Cristo), também não há Deus”<sup>32</sup>.

O Reformador vê a esperança como uma virtude teológica. Seu pensamento se desenvolve nessa perspectiva, pois não se pode, para Lutero, esperar em outra coisa que não no próprio Deus, isto é, de forma concisa, no seu próprio Filho Jesus. A revelação Crística manifesta os atributos próprios de Deus. Seu amor e bondade são, para o cristão, o ponto focal para os olhos da fé. Além disso, para o Reformador, não se pode esperar concorrentemente em “fontes” de esperança pois, a rigor, só há uma única fonte.

A esperança é uma virtude teológica, que não tem por objeto (como o chamam) senão unicamente Deus. Deus, porém, é a bondade e a nossa misericórdia prometida a nós. Onde alguém confia em outra coisa a não ser na misericórdia prometida (isto é, Deus), ele está equivocado e já perdeu a esperança. O mesmo faz aquele que espera em Deus juntamente com os méritos. Assim como Deus não pode ser amado ao lado de outra [coisa] (como ensina Sto. Agostinho), porque, então, ele não é amado acima de tudo, assim, também, não se pode esperar nele ao lado de qualquer outra coisa, porque, [neste caso], não se espera nele acima de tudo. Mas também não se pode crer nele ao lado de outro, porque, [neste caso], não se crê nele acima de tudo. Estas três virtudes [fé, amor, esperança] são de tal forma divinas porquanto elas têm um objeto, um sujeito, um criador, uma obra, uma arte um modo divinos [...]. Mas quem põe a esperança em suas obras, vê-as e segura-se nelas, julga através delas e nelas se apoia; não [espera no] Prometedor que não se pode ver, nem sentir, nem compreender, pois ele ouviu-o somente pela palavra que Ihe foi anunciada. Essas coisas são difíceis, aspérrimas, duríssimas para a nossa carne, porque nelas impera a morte<sup>33</sup>.

Esperar no Senhor não é fácil e nem possível para a pessoa humana, segundo o pensamento de Lutero, posto ser necessário levar-se em consideração a velha natureza herdada de Adão. Ao ser humano é impossível crer em Deus por sua própria vontade e força. No Catecismo Menor, escrito pelo Reformador, ao explicar o Terceiro Artigo do Credo, lê-se “creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo Evangelho”<sup>34</sup>. Nesta breve alegação da temática do crer, a compreensão de Lutero anula a ação do ser humano desde o acender à chama da fé.

<sup>32</sup> LUTERO, M. OSel 08, p. 388.

<sup>33</sup> LUTERO, M. OSel 08, p. 390.

<sup>34</sup> LC, p. 390.



Se há esperança em Cristo, esta não vem senão do Espírito Santo que, por meio da Palavra, iniciou o apego à mensagem de Cristo nos corações. Porquanto a esperança se agarra ao que é invisível, Lutero lembra das Palavras do apóstolo Paulo “ora, esperança que se vê não é esperança. Pois quem espera o que está vendo?” (Rm 8,24, NAA) argumentando, dessa forma, contrariamente aos que nutrem esperança naquilo que é feito por meio das obras meritórias. O Reformador sentencia “é certo que a esperança não provém dos méritos, mas os méritos da esperança”<sup>35</sup>. Assim se inverte o fluxo do que se ensinava à época e coloca as obras no lugar que elas precisam estar. Não são nelas que se espera, mas é justamente na esperança em Cristo que se encontra fôlego para as boas obras. Para Lutero as obras são resposta à esperança e não a causa delas, como se observou em seus comentários.

As tribulações na vida humana também são um fator que requer uma força sobrenatural da pessoa para não sucumbir. Ainda no seu comentário ao Salmo cinco, Lutero toca nesse tema ao relembrar das palavras do apóstolo Paulo na carta aos Romanos<sup>36</sup>, quando questiona: “o que dirão ao apóstolo, quando ele coloca a paciência como resultado da tribulação? Quem suportaria qualquer tribulação sem ter esperança<sup>37</sup>?”. O que o Reformador faz é um exercício argumentativo para levar aos seus interlocutores o reconhecimento de que sem a esperança – em Cristo – o ser humano sucumbiria à desesperança.

Pois quem desespera, não chegará jamais à paciência, nem à experiência, nem à glorificação na tribulação; mas, pelo contrário, pela tribulação tornar-se-á sempre pior, conforme Cristo, Mt 7.27, ensina a respeito da casa edificada sobre a areia, cuja ruína será grande ao precipitarem-se [contra ela] os ventos e os rios [...]. Por isso é indispensável que a esperança esteja presente no início da tribulação<sup>38</sup>.

A confirmação dessa esperança, segundo Lutero, se revela após a tribulação. A consciência de que se está na esperança certa ocorre após as tormentas. A tribulação, no argumento do Reformador, também serve como validação da esperança que nutre a vida da pessoa humana. Se ela tem o objeto certo da esperança - a misericórdia e bondade de Deus revelados em Jesus - dessa forma, ao se amenizar as tribulações, mais se confirma essa mesma esperança.

<sup>35</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 391.

<sup>36</sup> Rm 5,3.

<sup>37</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 391-392.

<sup>38</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 392.

[Pois] não basta somente crer, ter esperança e amar, mas importa também ter consciência e estar certo de que se crê, se tem esperança e se ama. Aquilo [a esperança] acontece às escondidas durante a tempestade, isto [a confirmação da esperança] após a tempestade [...]. Assim, a cruz produz, naqueles que a suportam e passam por provações, uma esperança inabalável até o fim (isto é, ela a inicia e a faz crescer; ela traz a lume e também a torna segura e conhecida)<sup>39</sup>.

A cruz é um tema recorrente no trabalho de Lutero. Quando se refere a ela na vida do cristão, está reconhecendo o Deus que se oculta<sup>40</sup> e que age também por meio das provações. Em grande parte das vezes, as pessoas buscam enxergar e encontrar Deus na sua criação – nas belas paisagens, na imensidão do universo, na profundidade dos oceanos – mas é na cruz, tanto na de Cristo como na que passam os homens, que Deus alimenta e fortalece a fé e a esperança do seu povo, sendo esta última recebida por meio da fé (Batismo e Palavra). O Reformador insta a reconhecer que há o que chama de *opus alienum dei*, ou seja, quando Deus se vale das tribulações para corroborar a confiança do seu santo povo.

Se o homem perseverar, realiza-se nele a esperança, isto é, ele aprende que nada há em que se possa alegrar, esperar ou gloriar-se, além de Deus, porque a tribulação tira tudo de nós, resta única e exclusivamente Deus, que ela não pode tirar, pelo contrário, pode nos trazer Deus. Ora, tiradas todas as coisas, inclusive as boas obras e os méritos, se perseverarmos, encontramos Deus e nos fiamos somente nele e, assim, fomos salvos mediante a esperança<sup>41</sup>.

O Reformador não descarta as esperanças que se constroem no decorrer da vida. Esperanças ou desesperanças do cotidiano – futuro, família, trabalho, sociedade etc. Neste ponto poderia chamar-se de dualismo da esperança. No pensamento do Reformador há a esperança espiritual e a esperança corporal. Ambas residem o mesmo corpo, porém, uma sobressai-se frente a outra. Nesse sentido, se encontra as palavras do apóstolo Paulo quando relembra aos cristãos romanos a passagem da vida de Abraão, o qual tem a esperança corporal, mas que, contra ela, espera na esperança espiritual da promessa - “Abraão, esperando contra a esperança, creu, para vir a ser pai de muitas nações, segundo lhe havia sido dito: ‘Assim será a sua descendência’” (Rm 4,18, NAA). Lutero retira dessa passagem o desenvolvimento da sua argumentação a respeito da paciência em relação à esperança. Fazendo um jogo com os sentidos das palavras, ele apresenta sua tese.

<sup>39</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 393.

<sup>40</sup> Is 45.15.

<sup>41</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 394.

Alguém pode chamar a esperança de paciência espiritual ou paciência em suportar a culpa, assim como, em contraposição, se poderia chamar a paciência de esperança corporal ou esperança em suportar as penas. Pois, que é ser tentado na consciência e pelo desespero senão sentir que as culpas não podem ser remidas, que Deus não quer tornar-se propício, que todas as boas obras desabam desde os alicerces? Todavia, o homem que perseverar e esperar na esperança contra a esperança, será encontrado probo e, por meio desta tribulação, despido de méritos, vestir-se-á da esperança e será coroado eternamente com a coroa indestrutível. Pois, na verdade, Deus não está irado e nem quer [considerar] as culpas irremissíveis, mas ele nos tenta, se desejamos esperar mais na sua pura misericórdia do que nos nossos méritos<sup>42</sup>.

Lutero exala preocupação com os que ainda esperam nas obras e nos méritos, construindo os alicerces da sua teologia sobre este fundamento. Percebe-se a urgência do assunto e o desejo de que seus interlocutores abandonem as falsas esperanças e esperem no Senhor, mesmo que isso vá contra tudo que é normal e natural para a natureza humana, ou seja, o desejo de esperar nos méritos e obras visíveis. Contudo, o ensino divino se contrapõe ao pensamento humano<sup>43</sup>. Por outro lado, as obras ocorrerão, não para conquistar o que já foi conquistado por Cristo, mas será a ação de Deus na vida do cristão a favor do seu próximo<sup>44</sup>, pois os que desse modo praticam boas obras, não para si, mas para Deus, agem como instrumentos de Deus. Nelas, nada arrogam a si, estando satisfeitos somente em Deus, no qual esperam<sup>45</sup>. O objeto próprio da esperança, para Lutero, a rigor, é o próprio Deus, do qual emana toda sorte de boas ações.

Duas coisas devem ser observadas na esperança: os nossos méritos e a promessa de Deus. Entre estas duas, debes situar a esperança, de forma que saibas que ela está fundada na promessa e que os méritos provêm da esperança, de modo que os méritos sejam obra da esperança; a esperança, porém, obra da palavra ou da promessa. Razão pela qual não é necessário que tenhas méritos para que tenhas esperança, antes, porém, [importa] que esperes com simplicidade muito pura na palavra da promessa que te é dada de graça, assim que, tendo esperança nela, possas, então, produzir méritos [...]. Pois esta misericórdia de Deus, que faz a promessa gratuitamente, e a verdade, que cumpre a promessa, são as causas da esperança. Através destas, a alma é estimulada a ter esperança, a invocar e a viver retamente. Se estas não existissem nem nos tivessem sido reveladas, não haveria espaço para a fé nem para a esperança. Por essa razão, o objeto da fé e da esperança é Deus, que faz a promessa gratuitamente, ou a própria Palavra daquele que promete, e nada mais. Caso não se atentar para isso constantemente e em toda parte, forçosamente e ao mesmo tempo, a esperança cai por terra, assim como uma casa construída sobre a areia desaba, quando se lançam as águas e os ventos contra ela [Mt 7.27]. Sobre esta rocha da promessa e infalível Palavra, está edificada a Igreja de Cristo, conforme se lê em Pv 18[.10]: “O nome do Senhor é uma torre forte, à qual acorre o justo e será exaltado”,

<sup>42</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 395.

<sup>43</sup> Is 55,08.

<sup>44</sup> Ef 2.10.

<sup>45</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 398.

bem como em Sl 60[sc. 61.4]: “Tu és a minha esperança, torre firme frente à face do inimigo.” Nada é mencionado aqui em relação a méritos; tão somente faz-se menção a Deus e ao seu nome, nos quais [o salmista] deposita a esperança<sup>46</sup>.

A leitura que Lutero faz dos textos dos Salmos revela sua compreensão de que não são os méritos e as obras que produzem ou geram a esperança, mas o inverso disso, ou seja, é a esperança que se fia nos méritos de Cristo que produz as boas obras na pessoa humana. Assim, o Reformador expõe a sua compreensão a respeito do tema e revela no que se sustenta sua teologia, a saber, a esperança na promessa. Dessa forma, a esperança na promessa é, por assim dizer, o alicerce de seu trabalho. No comentário aos Salmos, Lutero esclarece o que entende e onde se encontra a esperança, sendo ela anterior ao que o ser humano pode ver e se agarrar.

O aperfeiçoamento dessa esperança acontece por meio da experiência. São os sofrimentos que aprimoram e fortalecem a esperança. Ao que parece, Lutero está deslocando o desenvolvimento de uma esperança encarnada do ideal das obras para colocá-la na perspectiva do desenvolvimento por meio das intempéries humanas. O Reformador não inclui – a fé, a esperança e o amor – no pacote das virtudes possíveis de serem aperfeiçoadas por obras.

Percebe-se por aí que outras virtudes, talvez, possam ser aperfeiçoadas por obras; a fé, a esperança e o amor, porém, somente [o podem] pelo sofrer; pelo sofrer, digo, no sentido de que elas sofrem no seu interior o agir de Deus. Pois as obras das outras [virtudes] são frutos da fé, da esperança e do amor, como se visses nelas a fé encarnada, a esperança encarnada, o amor encarnado; aliás, elas são praticadas tão somente em obras rudes. E aqui a noiva de Cristo novamente suja os pés, [mas] gaba-se de tê-los lavado; e veste a túnica, [mas] gloria-se de tê-la tirado; posto que não pode ser feito sem culpa o que se faz através da carne corrompida. Mas a obra da fé, da esperança e do amor parecem ser a mesma. Pois o que é a fé senão aquele sentimento do coração que se chama crer, a esperança, [aquele sentimento que se chama] esperar, o amor, o sentimento que se chama amar<sup>47</sup>?

As boas obras, para Lutero, são o encarnar da fé, da esperança e do amor. A perspectiva da encarnação como ato da esperança eleva diametralmente a compreensão do ensino que o Reformador propaga. As virtudes da fé, esperança e amor são concedidos por Deus para o crer, esperar e amar, os quais são o encarnar nas obras das mãos dos cristãos. Esta imagem se conecta diretamente com o Encarnado, o qual veio aos homens para dar-lhes o que crer, esperançá-los na promessa e amá-los pelos seus atos. Lutero diz que a pessoa é preparada por meio

<sup>46</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 405-406.

<sup>47</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 406.

da esperança para uso exclusivo de Deus<sup>48</sup>, ou seja, a esperança encarna o cristão, a esperança se reflete nas obras cristãs. A esperança para agir como instrumento de Deus no mundo pode ser a leitura eficaz do pensamento do Reformador. Assim, através da esperança que nasce da tribulação que age em nós, somos configurados à imagem divina e criados segundo a semelhança daquele que nos fez<sup>49</sup>, encarnados para, agora sim, às boas obras preparadas de antemão para que os cristãos as fizessem<sup>50</sup>.

## 2.4

### Catorze Consolações – 1520

Em 1520 Jorge Espalatino, capelão da corte, solicitou a Lutero que redigisse um escrito de consolo para o Príncipe Eleitor Frederico, o Sábio, que adoeceu gravemente. Nesse escrito, intitulado “Catorze Consolações”<sup>51</sup>, é possível observar o lado *cura d'almas* do Reformador<sup>52</sup>. Lutero desenvolve o texto apontando para o meio pelo qual o consolo vem, a saber, por meio da Palavra. Lutero escreve de forma sóbria, não descarta as intempéries na vida cristã. Suas palavras não são ilusórias, mas realistas quanto a condição humana.

O Reformador estabelece o lugar onde o príncipe pode buscar amparo, apoio e esperança. O conteúdo do escrito se divide em sete males (na primeira parte), e em sete bens (na segunda parte). O tema da esperança se destaca na segunda parte, especificamente na “Segunda Imagem – O Bem Futuro ou a Nossa Frente”<sup>53</sup>. Lutero se reporta ao futuro, não apenas o eterno, mas especialmente o do dia de amanhã na vida dos que não creem.

Aos que não são cristãos pouca consolação se pode dar dos bens futuros em seus males, porque todas as coisas são incertas, ainda que nisso seja provocador de grande inquietação aquele sentimento que se chama esperança, muito conhecida, pela qual recebemos a ordem de esperar coisas melhores na mútua consolação humana; pelo que também somos levados, com muita frequência, a empreender grandes coisas ao incerto, sim, sendo sempre enganados, como ensina Cristo no Evangelho segundo Lucas 12.18,21ss. a respeito daquele que disse a sua alma: “Destruirei meus silos, e construirei maiores, e direi a minha alma: Descansa, come, bebe, festeja, alma

<sup>48</sup> LUTERO, M. OSel 08, p. 407.

<sup>49</sup> LUTERO, M. OSel 08, p. 408.

<sup>50</sup> Ef 2,10

<sup>51</sup> LUTERO, M. OSel 02, p.11-48.

<sup>52</sup> DREHER, M. N. Introdução às Catorze Consolações. In: OSel 02, p. 11.

<sup>53</sup> LUTERO, M. OSel 02, p. 35.

minha; tens muitos bens para muitos anos. Disse-lhe, porém, Deus: Estulto, nesta noite pedirão de ti tua alma, e o que preparaste, de quem será? Assim é aquele que ajunta tesouros e não é rico para com Deus”<sup>54</sup>.

Segundo o Reformador, aquele que não crê, vive na incerteza. Na sequência, Lutero vê o valor próprio da esperança, esperança que espera por dias melhores e condições favoráveis ainda nesta vida. Mesmo nessa esperança o Reformador encontra a bondade de Deus em não deixar o ser humano sucumbir ainda mais nos males que se apresentam. Além disso, Lutero compreende que, dessa forma, Deus molda o seu povo para que esperem na esperança cristã vindoura.

Não obstante, Deus não abandonou os filhos dos seres humanos a tal ponto que não os consolasse com o sentimento de que o mal será removido e que o bem tomará seu lugar; ainda que estejam na incerteza quanto ao futuro, assim mesmo esperam na certeza, pelo que são sustentados neste ínterim, para não acontecer que, no desespero pelo mal que lhes advém, não suportem o mal presente e façam coisas ainda piores. Por essa razão, mesmo este sentimento de esperança é dom de Deus, não que Deus quisesse que eles se apoiassem nela, mas no sentido de chamar a atenção para aquela esperança sólida que confia só nele. Pois ele é longânimo para conduzi-los a penitência, como está dito em Rm 2.4, e também não permite que todos sejam enganados por esta esperança falaz, [para ver] se de algum modo voltam à razão e chegam à esperança de verdade<sup>55</sup>.

A desesperança, afirma o Reformador, pode levar a pessoa a outros males. Tendo em vista esse mal que pode acontecer na vida do seu povo, ele permite que os que creem tenham boas esperanças para o dia de amanhã. Lutero reconhece ser dom de Deus o bom sentimento do esperar da vida.

Lutero foi informado a respeito do estado daquele que receberia a carta, o qual passava por uma enfermidade delicada, cuja morte era iminente. Era importante que ele, o Príncipe Eleitor, estivesse em paz com a perspectiva de sua morte, então Lutero escreve diretamente sobre o tema ao colocar um olhar positivo sobre o findar da vida quando se descansa na esperança cristã.

É verdade que também eles se alegram naquela esperança comum incerta de que o mal presente acabará e que o bem contrário aumentará, ainda que não seja isso que os preocupe tanto, a não ser que seu próprio bem aumente, bem este que é a verdade em Cristo, no qual crescem dia a dia, por causa do qual vivem e esperam. Mas além disso, disse eu, eles têm dois bens máximos futuros na morte: primeiro, que com a morte se põe um termo a toda a tragédia dos males desta vida, como está escrito: “Preciosa é aos olhos do Senhor a morte de seus santos” [Sl 116.15] e: “Nele dormirei em paz e descansarei” [Sl 4.9], e ainda: “Se o justo for surpreendido pela

<sup>54</sup> LUTERO, M. OSel 02, p. 34.

<sup>55</sup> LUTERO, M. OSel 02, p. 34-35.

morte, estará no refrigério” [Sl 4.7], [...]. Deste modo acontece que o cristão, quer morra, quer viva, está sempre em situação melhor. Por isso é coisa bem-aventurada ser cristão e crer em Cristo. Razão por que diz Paulo: “Para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro” [Fp 1.21] e em Rm 14. 8: “O que vive, vive para o Senhor; o que morre, morre para o Senhor; quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor.” Esta segurança Cristo no-la obteve porque morreu e ressuscitou, para ser Senhor dos vivos e dos mortos, capaz de nos oferecer segurança tanto na vida quanto na morte, conforme diz em Sl 22 [23].4: “Se andar em meio a sombra da morte, não temerei os males, pois tu estás comigo”<sup>56</sup>.

A visão positiva de que fala o Reformador tem por fundamento a confiança que há em Cristo. Crer no Salvador é a base para que se tenha uma esperança sadia quanto a passagem pela morte. Os males que afetam a vida humana também são deixados para trás com a morte, como relembra Lutero. Assim se compreende o morrer como lucro.

Se, porém, tal lucro da morte pouco efeito produz em nós, isto é sinal de que a fé em Cristo está fraca em nós, que ela não avalia devidamente o valor e o lucro da boa morte ou não acredita que a morte é boa, impedida que está pelo velho ser humano ainda excessivamente vivo e pela sabedoria da carne. Por isso é preciso esforçar-nos para que cheguemos ao ponto de reconhecer este benefício da morte e de amá-lo. É uma grande coisa o fato de a morte, o pior mal para outros, se tornar para nós o maior lucro. E se Cristo não nos tivesse concedido isto, que teria feito que fosse digno de tão grande empenho de si mesmo? Evidentemente é uma obra divina a que ele realizou; por isso não admira que tenha transformado o mal da morte no [bem] máximo<sup>57</sup>.

Mais à frente, na sexta Imagem, o Reformador fala do “Bem Direito ou à direita”<sup>58</sup>. Insta ao príncipe em seu escrito que perceba que aquilo que ele recebeu durante a vida foram bênçãos para a consolação da parte de Deus. Ele inclui, em sua explanação, a família e os amigos, bem como o que foi e é dado para o viver diário. A soberania de Deus é delineada revelando a vontade e decisão que estão sob sua orientação. Contudo, na exposição de Lutero, há bençãos maiores do que aquilo que é concedido para a vida cotidiana.

Eu digo: Deus dá também aos seus abundância desses bens para consolação deles e de outros. Estes, porém, não são seus bens verdadeiros, e sim sombra e sinais dos verdadeiros bens, que são: a fé, a esperança, a caridade, e outras graças e dons que todos se tornam comuns pela caridade<sup>59</sup>.

<sup>56</sup> LUTERO, M. OSel 02, p. 34.

<sup>57</sup> LUTERO, M. OSel 02, p. 34-35.

<sup>58</sup> LUTERO, M. OSel 02, p. 43.

<sup>59</sup> LUTERO, M. OSel 02, p. 44.

Assim, se observa que a esperança é posta como um bem superior, elevado acima do que é materialmente dado, o que é apenas sombra daquilo que realmente será plenamente concedido. Para Lutero, a esperança é um bem concedido que tem importância e está no mesmo nível da fé, pensamento este que reflete a teologia medieval, sob a qual o Reformador foi ensinado por tanto tempo, e que coloca a fé, esperança e caridade no mesmo patamar como virtudes teológicas<sup>60</sup>. Dessa forma, o Reformador encontra na esperança parte integrante do viver cristão, sendo a esperança em Cristo acima do que se espera para a existência cotidiana futura.

## 2.5

### Sacramentos – Santa Ceia e Batismo – 1520

Ainda em 1520, o Reformador escreve “um sermão a respeito do Novo Testamento, isto é, a respeito da Santa Missa”<sup>61</sup>, o qual versa sobre a centralidade do culto cristão, acentuando-se as palavras da instituição e os benefícios do Santo Sacramento. Para o Reformador, este é o ponto central e culminante da celebração litúrgica. Segundo ele, a esperança é avigorada por meio da eucaristia. Lutero escreve:

Somos fortalecidos na fé, fortificados na esperança e aquecidos no amor. Pois enquanto vivermos na terra sempre acontecerá que o mau espírito e todo o mundo nos atacará com alegrias e tristezas para apagar o amor de Cristo, eliminar a fé, enfraquecer a esperança. Por isso necessitamos muito desse sacramento; nele podemos recuperar-nos quando diminuimos, e exercitar-nos diariamente para o crescimento e o melhoramento do espírito<sup>62</sup>.

O Sacramento é alimento para a esperança ante os ataques que proporcionam tanto alegrias como tristezas com a intenção de dirimir o amor de Cristo, bem como a fé e a esperança. Isto porque o intento do mau espírito, como escreveu Lutero, é retirar do coração a esperança cristã e colocar no lugar desta qualquer outra esperança. A promessa contida nas palavras da instituição, unida aos elementos visíveis, traz o precioso alimento para a fé, fortalecendo na vida cristã a esperança. Fez Cristo neste testamento e apôs-lhe um selo e sinal poderoso e muito nobre em e nas palavras, isto é, sua própria e verdadeira carne e seu próprio e verdadeiro

<sup>60</sup> LUTERO, M. OSel 02, p. 104, nt. 31.

<sup>61</sup> LUTERO, M. OSel 02, p. 253-276.

<sup>62</sup> LUTERO, M. OSel 02, p. 259.



sangue sob o pão e o vinho<sup>63</sup>. A palavra “Isto É” ressaltada por Lutero, na boca de Cristo testifica o alimento da esperança contido na eucaristia.

No mesmo ano, Lutero escreve sobre o Batismo. Em seu duro escrito direcionado às práticas da igreja romana chamado “Do Cativo Babilônico da Igreja” (1520), o Reformador julga que este sacramento permaneceu ilibado e incontaminado. Lutero desenvolve a doutrina do Batismo em íntima ligação com a promessa<sup>64</sup>, tendo em vista que não está na pessoa a fidelidade da promessa, mas sim naquele que a faz. Dessa forma, a confiança na promessa do Batismo traz consolo ao que espera.

Alegar-se-á de ainda ter uma proteção tão grande em defesa de sua salvação por haver sido batizado (...). Maravilhosamente será alentado seu coração e animado para a esperança na misericórdia, se considerar que a divina promessa que lhe foi feita não pode mentir e perdura até agora, íntegra e sem mudança, não podendo ser modificada por pecado algum, como diz Paulo: “Se não cremos, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo” (2 Tm 2,13). Digo que essa verdade de Deus o preservará de modo que, ainda que tudo o mais decaia, essa verdade em que creu não o abandonará. Porque com ela tem algo a opor ao inimigo que o assalta. Possui algo com que objetar aos pecados que lhe perturbam a consciência. Tem com que responder ao horror da morte e do juízo. Possui, finalmente, algo que lhe servirá de consolo em todas as tentações, ou seja, essa única verdade que diz: “Deus é veraz em suas promessas, cujo sinal recebi no Batismo. Se Deus é por mim, quem será contra mim?” (cf. Hb 10,23; Rm 8,31)<sup>65</sup>.

Vemos aqui o quão valoroso se torna o Sacramento do Batismo. Neste ato encontramos o fundamento para a esperança Cristã, pois a promessa não perde sua validade. A pessoa batizada pode recorrer a essa promessa, como argumenta Lutero, para que encontre forças e consolo perante as tentações e cresça na esperança da misericórdia de Deus.

## 2.6

### Nobreza Cristã – 1520

O tema recorrente a respeito da vida cristã, perante os governos e autoridades do mundo, não foi ignorado por Lutero, pelo contrário, este foi um assunto que deixou legado valioso quanto ao lugar da autoridade na sociedade da época. O

<sup>63</sup> LUTERO, M. OSel 02, p. 259.

<sup>64</sup> DREHER, M. N. Introdução ao Do Cativo Babilônico da Igreja. In LUTERO, M. OSel 02, p. 342.

<sup>65</sup> LUTERO, M. OSel 02, p. 377.

desenvolvimento do tema trouxe novos ares para a governabilidade, ainda mais levando-se em consideração o tempo de convulsão social pelo qual passavam e a dificuldade de compreensão do lugar próprio do governo e da Igreja.

O Reformador reconhece que um bom governo traz esperança para o coração do povo. Ele fala sobre o tema quando escreve “À nobreza cristã da nação Alemã, Acerca da Melhoria do Estamento Cristão” (1520). O Reformador não elimina a possibilidade de uma esperança que acende na vida cotidiana com a mudança de governos. Assim, ele escreve apelando ao povo que “Deus nos deu por cabeça um jovem nobre, despertando com isso grande e boa esperança em muitos corações; ao lado disso cabe contribuirmos com a nossa parte e aproveitar a ocasião e a graça”<sup>66</sup>. A esperança de que algo seja melhor no futuro, no que diz respeito às coisas deste tempo, leva o povo de Deus a ser parte na mudança, sendo esta a exortação do Reformador.

Vê-se que a esperança vem acompanhada com a pré-disposição em contribuir. Para Lutero, não se espera de forma inerte, no que diz respeito ao cuidado da sociedade, mas a esperança gerada por uma nova gestão política – e aqui poderia se incluir outras categorias – torna os cristãos participativos para o bem comum, movidos e encorajados pela primeira e própria esperança cristã. Esse é um ensino teológico que reflete o viver humano e a ação cotidiana para que a esperança vigore. Uma esperança para ação e participação. Esta é uma esperança que pode falhar, mas independente daquele de quem se espera, no caso, a realeza, o reformado se predispõem a fazer parte, como cidadão, para que se concretize o que se espera. A esperança cristã aguarda a promessa, a esperança no cristão o leva a ação. Assim o pensamento do Reformador poderia ser traduzido.

## 2.7

### Composições – 1523

Lutero é conhecido por escrever inúmeras canções. Os hinos compostos pelo Reformador, em grande parte, possuem melodias conhecidas à época de músicas contemporâneas<sup>67</sup>, o que levou o canto a se espalhar entre as pessoas. Em 1523, Lutero compõe um hino embasado no Salmo 130, o qual se tornou um canto de

<sup>66</sup> LUTERO, M. OSel 02, p. 280.

<sup>67</sup> DREHER, M. N. Introdução a Hinos. In: LUTERO, M. OSel 07, p. 474

consolo nos funerais da época<sup>68</sup>. A estrofe três graciosamente exorta o desesperar de si mesmo para então, na estrofe quatro, encorajar a confiança naquele que, conhecidamente, cuidou do seu povo em Israel.

3 - Por isso em Deus esperarei,  
de mim desesperando;  
meu coração lhe entregarei,  
em seu amor confiando.  
Consolo tenho neste amor  
que me dedica o meu Senhor,  
jamais desanimando.  
4 - E ainda que demore noite a dentro  
e até a madrugada,  
meu coração não há de desesperar  
do poder de Deus nem preocupar-se.  
Assim proceda o verdadeiro Israel,  
gerado do Espírito,  
depositando sua esperança em Deus<sup>69</sup>.

O tema da esperança e desesperança, o qual Lutero em diversos momentos desenvolveu, se reacende na sua composição de forma sutil. O encorajamento de desesperar de si e esperar no Senhor, indica o lugar da esperança para Lutero. A espera é em alguém, mas não em qualquer alguém, senão no Senhor que revelou seu cuidado para com Israel. A vida cristã, dessa forma, se firma na promessa que espera, principalmente em um momento tão sensível como é um sepultamento. O uso desse hino serviu para que os que choravam a perda de um ente encontrassem força e esperança para seguirem adiante. Assim, a mensagem da promessa que alimenta a esperança é também cantada em versos.

## 2.8

### Usura – 1524

Em 1524, Lutero escreveu contra o “Comércio e a Usura” da época. Destaca-se nesse escrito a desesperança do Reformador quanto a uma mudança daqueles que detinham o monopólio – e não impressiona ser um problema enfrentado atualmente. As pessoas simples sofriam com empresários gananciosos e bancos que se valiam dos juros abusivos. O Reformador, depois de algumas prédicas e escritos sobre o

<sup>68</sup> DREHER, M. N. Introdução a Hinos. In: LUTERO, M. OSel 07, p. 493.

<sup>69</sup> LUTERO, M. OSel 07, p. 494-495.

assunto<sup>70</sup>, reúne a sua argumentação contra as práticas vigentes. O argumento do Reformador questiona a esperança como algo que reside na ação do ser humano, ainda mais quando este detém o dinheiro e os meios de produção. Assim como Jesus alertou nos evangelhos de que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha<sup>71</sup>, parece que Lutero o entende dessa forma, já que não se pode esperar o bem ou a complacência daqueles que encontraram e vivem o céu na terra.

A necessária consequência disso são as inúmeras falcatuas, malícias e espertezas atualmente em voga entre os comerciantes, tanto que já não tenho mais esperanças de que se possa melhorar tudo isso; na verdade, tudo está tão sobrecarregado com maldade e fraudes, que deixa de ser sustentável a longo prazo, tendo que ruir por si mesmo. [...] Pois se houvéssimos que permitir que cada qual venda sua mercadoria tão caro quanto queira, e que emprestar, o empréstimo sob fiança e a necessidade de fiador fosse justo, aconselhando e ensinando mesmo assim como proceder cristãmente nesse assunto, preservando sã e tranquila consciência, isso seria o mesmo que aconselha e ensinar que injusto é justo, mau é bom, e que se pode viver e proceder segundo a Escritura Divina e, ao mesmo tempo, contra ela. Pois esses três erros, de cada qual vender tão caro quanto queira, o empréstimo e a fiança, são as três fontes de onde mana toda sorte de crimes, injustiças, fraudes e espertezas por toda a parte<sup>72</sup>.

Os males apontados por Lutero e percebidos no contexto da época, são o que empurram as pessoas a novos males. Esse retrato social e os problemas da ordem financeira se perpetuaram na sociedade, assim o Reformador retira integralmente a confiança na pessoa humana.

A preocupação de Lutero se volta também aos cristãos que são passados para trás nos negócios. Lutero insta a que se levantem vozes em defesa daqueles que foram lesados. Contudo, o Reformador entende que não é possível que seja a vítima a ter que se defender sozinha, isso no tocante as demandas entre irmão na fé<sup>73</sup>. Lutero tem como base o que Paulo escreveu na primeira carta aos Coríntios, quando irmãos se apresentam perante juízes não cristãos para angariar uma causa<sup>74</sup>. Porém, se há da parte daquele que foi prejudicado a intenção de reaver o que lhe seja próprio, sem dar atenção à Palavra, o Reformador recomenda a tolerância. Além de alertar, com preocupação, a força do que o lesado crê e onde espera.

<sup>70</sup> RIETH, R. W. Introdução ao Assunto Economia. In: LUTERO, M. OSeI 05, p. 372.

<sup>71</sup> Lc 18,24.

<sup>72</sup> LUTERO, M. OSeI 05, p. 389.

<sup>73</sup> LUTERO, M. OSeI 05, p. 403.

<sup>74</sup> 1Co 6,6ss.

Assim também se deve tolerar os que demandam e lutam por bens temporais, como cristãos fracos e pueris, dos quais não se deve abrir mão, porque ainda existe a esperança de melhorarem, como o mesmo apóstolo ensina em muitas ocasiões<sup>75</sup>.

Vale destacar que a esperança de melhora não se dá pela própria pessoa, mas ela decorre de amadurecimento da fé e compreensão do ensino escriturístico. A Palavra como fonte de mudança, é nessa receita que se fia a esperança de transformação do Reformador. Pode-se perceber ainda melhor esse pensamento na continuação do escrito.

Seria impossível libertarmo-nos do apego aos bens temporais, se Deus não tivesse ordenado que tivéssemos que sofrer injustiça, sendo por meio deles exercitados a desprender nossos corações dos falsos bens temporais deste mundo, abrindo mão deles em paz, e a colocarmos a esperança nos invisíveis bens eternos. Por isso, quem procura retomar seus pertences e não deixa o manto depois de ter dado a vestimenta, esse age contra sua própria pureza e esperança para a salvação eterna, para a qual Deus quer exercitar e incitar por meio desse mandamento e sofrimento de injustiça. E mesmo que nos fosse tirado tudo, não há motivo de preocupação como se Deus fosse abandonar-nos e não nos fosse dar também o sustento material, como está escrito no Salmo 37.25: “Fui moço, e envelheci, porém jamais vi o justo desamparado, nem seus filhos a mendigar pão”. Isso também ficou comprovado no caso de Jó, que no final recebeu muito mais do tinha antes, embora tudo que possuiu lhe tivesse sido tirado. Em que resumo, esses mandamentos querem libertar-nos do mundo e tornar-nos ávidos do céu<sup>76</sup>.

Aqui se chega num ponto importante da teologia de Lutero, quando a esperança move a vida cristã a ter o olhar transformado para as coisas deste tempo. Não é um desprezo pelos bens, mas uma vida de mordomia, sabendo que o que aqui se tem se findará, pois a traça e a ferrugem o corroem<sup>77</sup>.

## 2.9

### Da Vontade Cativa – 1525

O texto *Da Vontade Cativa* é uma das obras clássicas de Lutero, escrito no ano de 1525. Sua intenção com o texto era responder a “Diatribes sobre o Livre Arbítrio”, de Erasmo de Roterdã<sup>78</sup>. Sem entrar no mérito das questões levantadas e desenvolvidas nessa obra, segue-se neste trabalho a tarefa de desvelar o uso e a percepção de Lutero no que diz respeito à Esperança. Ao tratar das obras que

<sup>75</sup> LUTERO, M. OSeI 05, p. 403.

<sup>76</sup> LUTERO, M. OSeI 05, p. 404.

<sup>77</sup> Mt 6,19.

<sup>78</sup> DREHER, M. N. Introdução Da Vontade Cativa. In: LUTERO, M. OSeI 04, p. 13.

agradam a Deus, o Reformador expõe seu ensino abordando o tema e demonstrando que delas nada resulta e nem se pode esperar quanto a recompensa, ou seja, a promessa vindoura. Contudo, seu argumento é de que as ações dos cristãos têm sua fonte na esperança, diferente do que se ensinava ao dizer o contrário disso. A esperança, nesse caso, se refere ao que há de vir, ou seja, na promessa feita por Deus ao seu povo.

Por conseguinte, assim como as palavras da lei servem de instrução e iluminação para ensinar o que devemos e o que não somos capazes [de fazer], assim as palavras da recompensa, ao indicarem o que há de ser, servem de exortação e cominação mediante as quais os piedosos são estimulados, consolados e erguidos para prosseguir, perseverar e vencer no fazer o bem e suportar o mal, para que não se fatiguem nem se quebrem, assim como Paulo exorta os seus coríntios dizendo: “Procedei de modo viril, sabendo que vosso trabalho no Senhor não é vão” [1Co 15.58; 16.13]. Assim Deus ergue Abraão dizendo: “Eu sou tua recompensa sobremaneira [grande]”. Isso é o mesmo que quando confortas alguém mostrando-lhe que suas obras certamente agradam a Deus, um gênero de consolação da qual a Escritura não raro se utiliza. E não é uma consolação pequena saber que se agrada a Deus, ainda que daí nada mais resulte, se bem que isso seja impossível. A isso se refere tudo que se diz a respeito da esperança e da expectativa, pois as coisas que esperamos certamente hão de acontecer, se bem que os piedosos não esperem por causa das mesmas ou busquem tais coisas por sua própria causa<sup>79</sup>.

O Reformador organiza seu pensamento e desenvolve o lugar da esperança na vida cristã, especialmente em se tratando da proatividade cristã, por meio das boas obras, mesmo que não resulte em ganho e recompensa próprios. Lutero reforça que reconhece que as boas obras agradam a Deus, as quais fazem bem a quem as faz e podem servir de encorajamento para que continuem, porém, não deve prover delas a esperança. Dessa forma, o Reformador quer deixar clara a sua posição quanto a ideia de que pessoas piedosas não esperam tais coisas, ou seja, o que há de vir, mas as buscam por causa da lei de Deus e não esperam na promessa. Trata-se da esperança como fonte das obras e não o contrário.

## 2.10

### Guerra dos Camponeses – 1525

Lutero enfrentou outra tensão em seus dias, quando no ano de 1525, na Alemanha, eclodiu a Guerra dos Camponeses. Esse foi um dos acontecimentos mais

<sup>79</sup> LUTERO, M. OSeI 04, p. 111-112.

intensos daquele período, que durou um longo tempo e se difundiu por boa parte da Europa. A Guerra dos Camponeses alemã se intensificou em junho de 1524, na margem sudeste da Floresta negra, próximo à fronteira com a Suíça<sup>80</sup>. Naquele ano, ocorreu em paralelo uma revolução na Suábia, onde foi redigido um texto pelos revoltosos chamado de os “Doze Artigos”, uma espécie de escrito programático que reunia as queixas das aldeias no sul da Alemanha, além de ser uma defesa das suas ações revolucionárias. Uma milícia se formou nesta região e Lutero se envolveu na discussão primordialmente porque os “Doze Artigos”, os quais eles usavam para legitimar suas ações, eram fundamentados na Escritura<sup>81</sup>. Esse foi o motivo de Lutero ter escrito a “Exortação à Paz” como resposta a esse grupo rebelde.

Além do uso da Escritura de forma equivocada, Lutero questiona ainda a defesa do movimento que se diz “cristão” ao escrever: “defendo o que é correto quando luto pelo nome cristão e peço que não seja ultrajado”<sup>82</sup>.

Se fossem cristãos, eles deixariam de ameaçar com punho e espada e se apegariam ao Pai-Nosso e levariam sua causa à presença de Deus, dizendo: “Faça-se a tua vontade”, e ainda: “Livra-nos do mal, amém” [Mt 6.10,13], como no Saltério, onde os verdadeiros santos trazem sua aflição perante Deus, procurando nele seu auxílio; eles desistem de defender-se a si mesmos e de resistir ao mal. Esse tipo de oração lhes teria ajudado bem mais em sua aflição do que se o mundo estivesse em suas mãos. Também teriam consciência limpa e a consoladora esperança de que seriam ouvidos, como rezam suas promissões em 1Tm 4.10: “Ele é o Salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis”. E no Salmo 50.15: “Invoque-me no dia da angústia; eu lhe ajudarei”. E Salmo 91. 15: “Ele me invocou na angústia, por isso lhe ajudarei”. Vejam, esta é a maneira legitimamente cristã de alguém livrar-se de desgraça e mal, ou seja, aguentar e invocar a Deus<sup>83</sup>.

Nesse texto, pode-se perceber o quão confiante Lutero é na ação divina e nela coloca a sua esperança. A oração é um bem precioso e nela se encontra consoladora esperança para o Reformador. A exortação aos camponeses serve de encorajamento para que se mantenham apegados a fé cristã e em oração. Pode parecer uma confiança lúdica, porém, o Reformador se vale do próprio relato bíblico para defender essa confiança. Ao lembrar-se do Pai Nosso e dos Salmistas, Lutero revisita os ensinamentos básicos da fé cristã e, conseqüentemente, da esperança que aguarda na vontade de Deus. Vale ressaltar que a defesa de Lutero está no âmbito teológico e no uso escriturístico diante das alegações do movimento camponês.

<sup>80</sup> RIETH, R. W. Introdução a Guerra dos Camponeses. In: OSel 06, p. 274.

<sup>81</sup> RIETH, R. W. Introdução a Exortação à Paz. In: OSel 06, p. 304.

<sup>82</sup> LUTERO, M. OSel 06, p. 320-321.

<sup>83</sup> LUTERO, M. OSel 06, p. 321.

A esperança no socorro do Senhor, invocando-o e aguentando as intempéries, é o caminho segundo Lutero mais agradável a Deus. De forma prática, o Reformador escreve, quanto ao problema enfrentado, de que o povo enlouquecido é um caso maldito e perdido, que ninguém consegue governar senão os tiranos<sup>84</sup>. Sendo assim, a exortação que Lutero faz aos cristãos é de que esperem no Senhor.

## 2.11

### Salmo 130 – 1525

No comentário ao salmo 130, Lutero apresenta a esperança em pé de igualdade ao temor a Deus. Dois assuntos antagônicos, mas que preenchem e se encontram no mesmo ser. O cristão se encontra neste paradoxo da esperança e temor pois, como argumenta Lutero, quem não vê o juízo de Deus, não teme; quem não teme, não clama; quem não clama, não encontra graça<sup>85</sup>. Aquele que não teme ao Senhor, ao cabo não encontra a graça e, conseqüentemente, a esperança. São dois lados da mesma moeda.

Por isso, numa pessoa justa sempre deve haver temor diante do juízo de Deus, por causa do velho homem de quem Deus é inimigo e opositor. E, ao lado deste temor, deve haver também esperança na graça por causa da misericórdia, que é propícia a este temor por causa do novo homem, que também é inimigo do velho e que, portanto, concorda com o juízo de Deus. Assim, temor e esperança estão juntos. E, como o juízo de Deus gera o temor, assim também o temor gera o clamor, mas o clamor obtém a graça. E enquanto o velho homem vive, o temor, isto é, sua cruz e seu morrer, não deve cessar nem deve esquecer o juízo de Deus. E quem vive sem a cruz, sem temor, sem a sentença de Deus, não vive de modo justo. [518] A esse respeito diz o Salmo 9[sc. 10.5s.]: “Tuas sentenças foram tiradas de diante de seus olhos, e diz: Eu nunca mais serei abalado, nada de mal me acontecerá”<sup>86</sup>.

A dicotomia do velho e do novo homem é usada por Lutero para definir o lugar próprio do temor e da esperança. Sendo o velho homem o herdeiro de Adão, a quem cabe o juízo, e o novo homem o herdeiro da graça, onde reside a esperança. O novo homem, gerado no Batismo, é aquele que diz como o salmista “Aguardo o Senhor, a minha alma o aguarda; eu espero na sua Palavra”<sup>87</sup>. Esse versículo é

<sup>84</sup> LUTERO, M. OSel 06, p. 379.

<sup>85</sup> LUTERO, M. OSel 08, p. 536.

<sup>86</sup> LUTERO, M. OSel 08, p. 536.

<sup>87</sup> Sl 130,5, NAA.



utilizado por Lutero para tratar a compreensão da esperança em contradição com a desesperança.

Agora, ele descreve a esperança, a vida do novo homem, como deve comportar-se diante dela. Pois estas duas partes são ensinadas em todos os salmos, sim, em toda a Escritura Sagrada. Pois Deus é tão maravilhoso para com os seus filhos que ele os torna bem-aventurados, mesmo em situações contraditórias e discordantes. Pois esperança e desespero são contraditórios. No entanto, os filhos devem ter esperança em meio ao desespero, pois temor não é outra coisa do que um desespero inicial. E esperança é início do restabelecimento. E ambas as situações, contraditórias por natureza, precisam estar em nós. Porque há duas pessoas contraditórias por natureza em nós, a velha e a nova. A velha tem de temer, desanimar e perecer, a nova tem de ter esperança, subsistir e ser exaltada. E ambas ocorrem ao mesmo tempo em uma pessoa humana, sim, até mesmo em uma só obra. Tal como um escultor: no mesmo momento em que exclui e corta o que na madeira não deve pertencer à figura, ele também promove o surgimento da forma da escultura. Assim, no temor que exclui o velho Adão, cresce a esperança que forma o novo homem<sup>88</sup>.

A beleza e interpelação que Lutero faz da esperança como habitante da pessoa humana, que também sente o desespero e temor, revela que sua compreensão do viver da esperança não se resume ao viver próprio humano, mas sim na promessa de Deus, a qual propõe à pessoa que nele espere. Isso porque se vive nas duas realidades de forma paradoxal, tanto na esperança cristã como no temor ao Senhor. Elas não se excluem, mas convivem no mesmo ser justo. Parece incongruente que a realidade do ser viva em oposição, mas segundo argumenta o Reformador, o paradoxo é parte do ser, no qual duas realidades existem – a do novo e a do velho homem. O Velho teme o juízo, o Novo espera na promessa.

Isto é, minha alma se tornou algo que aguarda e anseia, como se ele [o salmista] dissesse: Todo o ser e a vida da minha alma não se tornaram outra coisa do que um mero aguardar e ansiar por Deus. Isto se pode dizer em latim assim: *Sustinui dominum, sustentrix seu expectatrix fuit anima mea* [esperei pelo Senhor; minha alma se encheu de esperança e expectativa]. Minha alma se tornou ansiosa. Isto é expressão de um firme e constante ansiar em que a alma nada descobre a não ser aquilo pelo que anseia ou aguarda, como diz no Salmo 39[sc. 40.1]: “Ansioso eu esperei pelo SENHOR.” Assim também aqui. Esperei tão firmemente por Deus que minha alma se tornou ansiosa, de forma que toda a sua vida é ansiar, ter esperança e aguardar. E aguardo na sua Palavra. Isto é, sua promessa e seu voto. Pois ter esperança e ansiar sem a Palavra de Deus é tentar a Deus. Esta é a natureza da pessoa interior: que ela leva em si constante anseio, esperança, confiança e fé em Deus. Por isso, Deus, que prometeu graça e auxílio a todos os que confiam nele, que se entregam a ele e que por ele anseiam, também não a abandona. Esta mesma Palavra e promessa de Deus é todo o conteúdo do novo homem, que não vive do pão, mas da própria Palavra de Deus<sup>89</sup>.

<sup>88</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 536-537.

<sup>89</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 537.

A esperança não está dissociada da Palavra para Lutero. Sem a Palavra não se pode haver graça, sem a graça não se pode haver esperança. A nova natureza espera no Senhor. A alma se torna ansiosa, no sentido de ansiar pelo que se recebe na promessa, sendo essa a obra própria do novo homem que agora se volta com os olhos a esperar no seu Senhor dia e noite.

Quer, pois, dizer: quando começa a confiar em Deus, não cesses, deixa à tardinha e a noite passarem, permanece na espera até amanhecer novamente. Pois o novo homem, cuja obra não é outra do que aguardar a Deus e ansiar por ele, não deve cessar, tal qual faz e tem de fazer a pessoa exterior. E esta é a vida que dever ser vivida nas três grandes virtudes, a saber, fé, esperança e amor. A característica e a natureza destas virtudes são descritas nos salmos como *affectus et opera eorum* [atitudes e obras que delas procedem]. Por isso, neste pequeno salmo são descritas toda a vida, a obra e a mudança da pessoa interior de forma magistral: que elas não sejam outra coisa do que um confiar em Deus e uma entrega total à sua vontade<sup>90</sup>.

Dessa forma, Lutero finaliza seu comentário a respeito do salmo 130, apontando como obra própria do povo de Deus o ansiar e esperar no Senhor, a esperança como virtude da vida cristã e presente no coração daquele que aguarda. Não se trata de uma vida ativa, no que se refere à promessa, mas passiva e esperançada no que não se vê e no que se aguarda das mãos do Senhor.

## 2.12

### Epístola a Timóteo – 1528

Este talvez seja o texto que mais se conecte à realidade vivida pela humanidade nos dias atuais – a pandemia da Covid-19. Lutero escreveu o comentário à primeira epístola de Paulo a Timóteo no período em que Wittenberg era assolada pela peste. Aulas foram suspensas. Pessoas fugiram da cidade para lugares mais seguros<sup>91</sup>. O Reformador ficou intencionalmente para trás na cidade. Sua casa recebeu enfermos e se tornou como um hospital naqueles dias. Lutero escreveu a respeito da tarefa e do testemunho cristão em outro texto do período, intitulado *Ob man vor dem Sterben fliehen möge* (Se é lícito fugir da morte). Sua asserção essencial, existencial e ativa, é: “Se tu [, morte,] podes amedrontar, então, meu Cristo pode encorajar; se tu podes matar, meu Cristo pode dar a vida; se tu tens

<sup>90</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 538.

<sup>91</sup> BAESKE, A. Introdução aos Apontamentos do Dr. M. à Primeira Epístola a Timóteo. In: OSeI 09, p. 428

veneno na boca, Cristo tem tanto mais remédio”<sup>92</sup>. Lutero se coloca destemido, quando o assunto é confiar em Cristo, nem mesmo a morte poderia abalá-lo, pois esperançava no Senhor. Nota-se a prática do que se prega, se há esperança de vida, nem a morte o afugentou.

A motivação para que Lutero seguisse em Wittenberg e fizesse o que era preciso, encontra resposta na esperança cristã. Um dos textos, pelo qual o Reformador expressa essa compreensão, está no capítulo quatro da primeira epístola a Timóteo, onde lê-se: “Pois é para esse fim que trabalhamos e nos esforçamos, porque temos posto a nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos, especialmente dos que creem”<sup>93</sup>. Lutero compreende que “é para esse fim”, o de servir ao próximo, que o cristão vive a esperança.

“Para este fim” [4.10]. [...] essas são palavras afetuosas, devido ao fato de que possuímos uma promessa em relação às coisas presentes. Essa firme esperança que temos, anima-nos para trabalhar e suportar injúrias. Trata-se de uma promessa segura, porque temos o Homem que virá em tempos futuros. Por isso trabalhamos, exercitamos a piedade, cumprimos as tarefas, observamos todas as coisas para que a glória de Deus cresça e o Reino de Deus se propague. No tocante às nossas privações, diz-se, em seguida, que não só trabalhamos, mas, também, padecemos. Numa e noutra coisa, exercitamos a Palavra, de modo ativo e passivo. Por que isso? Porque a esperança está contida num Deus vivo; não colocamos nossa esperança no mundo. Não trabalhamos ou sofremos injúrias para experimentar o favor, a riqueza e as honrarias do mundo. Tampouco colocamos esperança num deus fictício [...]. Nossa esperança está verdadeiramente posta no Deus verdadeiro. Quem tem sua esperança posta em Deus, sabe, com absoluta certeza, que suas obras e seus sofrimentos agradam a Deus e experimenta, com toda a certeza, a misericórdia e a graça de Deus<sup>94</sup>.

A espera ativa, para Lutero, agrada a Deus. O cristão que espera no Senhor, mas o espera ativamente, ou seja, servindo o próximo e suportando ultrajes, agrada ao Senhor – não em função do que suporta, mas em função do que confia. Assim poderia ocorrer em tempos de grande necessidade, como ocorreu no período em que o Reformador permaneceu em sua atividade. Naquele momento, Lutero esperou ativamente, servindo à população da cidade. Pode-se entender que a esperança também serve de motivador para a ação – uma *esperança para*. Uma esperança para agir, para servir, para amar o próximo. Isso ocorre por conta da

<sup>92</sup> BAESKE, A. Introdução aos Apontamentos do Dr. M. à Primeira Epístola a Timóteo. In: OSeI 09, p. 429.

<sup>93</sup> 1Tm 4,10, NAA.

<sup>94</sup> LUTERO, M. OSeI 09, p. 542.

maturidade da fé, a confiança no Ressuscitado transforma a perspectiva da realidade presente, como se viu no pensamento de Lutero.

## 2.13

### Pai Nosso – 1529

Em 1529 Lutero completa a redação dos “Catecismos”, tanto o Menor quanto o Maior. O texto foi escrito tendo como intenção ser um livro de instrução às congregações que padeciam com o precário ensino das escrituras<sup>95</sup>. A composição do Catecismo Maior perpassa pelos: Dez Mandamentos e a explicação de cada um deles; o Credo Apostólico, com o devido esclarecimento de suas três partes; e uma parte dedicada ao Pai Nosso, onde Martinho Lutero desenvolve, elucida e aprofunda cada uma das petições. Além desse conteúdo, ainda há um consistente estudo a respeito dos Sacramentos e uma exortação à confissão<sup>96</sup>.

Ao explicar a última petição do Pai Nosso “mas livra-nos do mal. Amém”, o Reformador, em sua exposição, aponta o Diabo como aquele de quem se pede que o Senhor livre. Livrar do mal é livrar do maligno, livrar do maligno é livrar dos seus intentos em levar o cristão para longe da esperança.

Seu propósito é arrancar-nos da fé, da esperança e do amor, e levar-nos à superstição, falsa arrogância e obstinação, ou, por outro lado, ao desespero, à negação e blasfêmia de Deus e a inúmeras outras coisas abomináveis. Estes são os laços e as redes, sim, os verdadeiros “dados inflamados” (Ef 6.16) que o diabo, não a carne e o sangue, atira ao coração da maneira mais venenosa<sup>97</sup>.

Na compreensão de Lutero, um dos alvos da ação do Diabo é a esperança. Uma pessoa que perde a esperança, perde a Jesus, já que é por meio dele que a esperança pode ser nutrida e semeada no coração. Retirar a esperança é retirar a Jesus. Esse perigo é reconhecido pelo Reformador que encontra, na oração ensinada por Jesus e orada por toda a Igreja, a petição que se preocupa especialmente com a esperança.

---

<sup>95</sup> WARTH, M. Introdução aos Catecismos. In: OSeI 07, p. 315.

<sup>96</sup> WARTH, M. Introdução aos Catecismos. In: OSeI 07, p. 318.

<sup>97</sup> LUTERO, M. OSeI 07, p. 416.

## 2.14

### 1 Coríntios 15 – 1534

Lutero pregou nos anos de 1532 e 1533 uma série de sermões a respeito do capítulo 15 da carta do apóstolo Paulo aos Coríntios. Para ele, apenas o anúncio da ressurreição pode despertar a esperança pela vida futura<sup>98</sup>. Dessa forma, se pressupõe que as homilias pregadas pelo Reformador deram conta de reforçar a mensagem do Ressuscitado. A fé que confia na ressurreição dos mortos sofre ataques desde o dia em que ocorreu o Domingo Pascal. A Partir de então, o ensino a respeito da ressurreição dos mortos, por meio da promessa do Ressuscitado, constantemente está em xeque.

Afinal, os próprios apóstolos já tinham profetizado anteriormente que, nesses últimos dias, surgiriam muitos debochados na cristandade, que caçoariam intensamente da nossa fé e do artigo referente ao dia derradeiro, à ressurreição e à vida futura, gozando de nós abertamente como se fôssemos os maiores palhaços, pelo fato de ainda termos essa esperança e por ela sofrermos toda sorte de riscos e contratempos, como já, agora, vemos com os próprios olhos<sup>99</sup>.

A zombaria, reconhece Lutero, ocorre pelo desprezo à mensagem da ressurreição e da vida futura. O aspecto escatológico presente na mensagem cristã levanta oposição desde o tempo dos apóstolos, como afirma o Reformador. Em contrapartida, resta ao cristão ter como base este artigo de fé, a saber, o da ressurreição, depositando sua esperança e consolo<sup>100</sup>. Em 1Coríntios 15,19 lê-se que “se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos as pessoas mais infelizes deste mundo”<sup>101</sup>. A respeito desse versículo, o Reformador declara que se a ressurreição nada fosse, essa seria uma causa vã e perdida<sup>102</sup>. Assim se delineia o ensino de que não pode haver esperança cristã fora da ressurreição e que não se sustenta uma esperança que não tem ao que esperar.

E a cristandade inteira, desde o começo do mundo, seria apenas crença errônea, gente miserável e deslumbrada que se deixou seduzir e fazer de palhaço por um sonho e uma fantasia sem fundamentos que, inclusive, por isso, haveria de sofrer toda a

<sup>98</sup> RIETH, R. W. Introdução ao Capítulo 15 [da primeira carta] de S. Paulo aos Coríntios. In OSeI 09, p. 284.

<sup>99</sup> LUTERO, M. OSeI 09, p. 290.

<sup>100</sup> LUTERO, M. OSeI 09, p. 291.

<sup>101</sup> 1Co 15,19, NAA.

<sup>102</sup> LUTERO, M. OSeI 09, p. 327.

perseguição, tormento e martírio e, depois de, longamente, resistirem e terem essa esperança, partiriam e morreriam, agora, sofrendo um infame engano?

O questionamento de Lutero segue a indagação do próprio apóstolo. Mais à frente o Reformador se vale do argumento que relembra a “Aposta de Pascal” (se bem que Lutero é anterior ao grande filósofo apologeta Blaise Pascal). Muito mais do que disputar a crença com os que não creem, Lutero se esmera em reforçar a esperança dos que creem.

Quem, porém, é cristão, não deve ser tão vago com sua fé, mas deve ter certeza, para que saiba o que o espera e não [deve] se importar com ponderações, vacilações ou deboches de outra gente, podendo replicar: se tu não queres crer, vai lá e o experimenta; tua teimosia logo acabará<sup>103</sup>.

O Reformador debocha, em certa medida, daquele que questiona a esperança cristã. Em compensação, Lutero reconhece que a batalha da fé e da esperança cristã não é fácil. A oposição à esperança na ressurreição intenta em várias frentes, e o Reformador é sensível a essa batalha. De nada valeria a insistência na esperança cristã, se a ressurreição dos mortos não fosse uma realidade.

Repara bem um cristão e compara-o com outras pessoas que não creem, vivem na gandaia, têm e fazem o que querem e, quando chegam ao fim da vida, diz Jó [4.21], descem num instante e nem se dão conta, jamais experimentam o que é verdadeiro sofrimento ou tristeza, aflição ou amargura. Em comparação com esses, nós, que queremos ser cristãos, temos que passar por toda sorte de tormento e infortúnio; [as pessoas] nos desprezam, repudiam-nos, caluniam-nos e nos xingam, hostilizam-nos e acham que não temos o direito de viver sobre a terra; temos que esperar, diariamente, o pior, como o diabo e o mundo possam nos prejudicar. Quem quereria cometer a besteira de tornar-se um cristão se a vida futura nada fosse?<sup>104</sup>

A fé cristã é deturpada quando não espera a vida futura. O vislumbre do presente pode desvirtuar a esperança. A vida do cristão não é de flores, entende Lutero. O Reformador argumenta que a esperança se sustenta quando reconhecemos a nossa situação, ou seja, que temos consolo e esperança tanto maiores de que teremos a vida por meio de Cristo, com a mesma certeza que temos e sentimos o pecado e a morte desde Adão<sup>105</sup>. Assim como a realidade da morte é conhecida ao homem natural, assim também ao homem nascido do Espírito a promessa o faz conhecer a vida por meio de Cristo. A especulação em como será o

<sup>103</sup> LUTERO, M. OSeI 09, p. 328.

<sup>104</sup> LUTERO, M. OSeI 09, p. 329.

<sup>105</sup> LUTERO, M. OSeI 09, p. 338.

tempo vindouro também encontra resposta no próprio texto bíblico, segundo Lutero. O Reformador analisa o versículo quarenta e nove, “assim como trouxemos a imagem do homem terreno, traremos também a imagem do homem celestial”<sup>106</sup>, e comenta sua compreensão de como se dará essa vida futura e como se parecerá o ser humano.

Essa será uma imagem totalmente diferente e magnífica em comparação com a imagem que temos que carregar agora. Pois, então, não haverá desprazer, chateação ou dificuldade como com a presente imagem preguiçosa e frouxa, com a qual temos que andar carregando essa pança pesada e inerte, levantando-a e deixando-nos conduzir por ela; mas nos deslocaremos com tanta agilidade e leveza como o raio que atravessa o céu inteiro, pairando entre as nuvens entre os queridos anjos. Essas ideias é que S. Paulo gostaria de inculcar em nós, para nos acostumarmos logo a nos elevar àquela vida e lembrarmos dela mediante a fé; essa é a nossa esperança e o que desejamos e pedimos ao pronunciar o artigo: creio na ressurreição não só do espírito (como afirmavam os hereges), mas, justamente, da carne ou do corpo que carregamos conosco, que, também, este se tornará um corpo celestial, espiritual<sup>107</sup>.

A imagem retratada por Lutero traz consigo uma compreensão revitalizante do ser ressuscitado. A vida futura será um deixar para trás o que revela a mortalidade da pessoa humana. A esperança cristã encontra um novo horizonte para a existência. Todavia, o Reformador não nega o estado presente, mas reforça a compreensão paulina do corpo celestial que será concedido ao que espera. Assim, encontramos no comentário de Lutero, ao capítulo quinze da primeira carta aos coríntios, um olhar para a Parusia. O Reformador reforça que a esperança nesta perspectiva da promessa encoraja o cristão a viver em meio aos obstáculos e tribulações do presente.

## 2.15

### Epístola aos Gálatas – 1535

O comentário à carta de Paulo aos Gálatas foi reunido por meio das anotações feitas pelos alunos que acompanharam as preleções de Lutero na universidade de Wittenberg. O material foi juntado desde o ano de 1531<sup>108</sup> e compilado em 1535<sup>109</sup>. Os apontamentos agrupados trazem a mais profunda compreensão de Lutero a

<sup>106</sup> 1Co 15,49, NAA.

<sup>107</sup> LUTERO, M. OSeI 09, p. 409.

<sup>108</sup> BECK, N. L. J. Introdução ao Comentário à Epístola aos Gálatas. In: OSeI 10, p. 17.

<sup>109</sup> BECK, N. L. J. Introdução ao Comentário à Epístola aos Gálatas. In: OSeI 10, p. 22.

respeito da fé e da justificação. O tema da fé em correlação com a esperança é abordado pelo Reformador no texto em que apresenta a definição e uso da esperança na Escritura e como a mesma é concebida. O versículo chave para o desenvolvimento do tema encontra-se no capítulo cinco da epístola aos Gálatas, onde lê-se “porque nós, pelo espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé”<sup>110</sup>. O Reformador comenta este versículo valorizando primordialmente a obra de Cristo, na qual se fundamenta a esperança. Na análise que Lutero faz, pode-se constatar essa abordagem.

Paulo conclui, aqui, com uma bela frase sentenciosa, dizendo: “Vós quereis ser justificados por meio da lei, da circuncisão e das obras. Nós não o queremos da mesma maneira, a fim de que Cristo não se torne inútil para nós, a fim de que não nos tornemos devedores para cumprir toda a lei, para que não sejamos desligados de Cristo e não decaíamos da graça. Mas aguardamos a esperança da justiça por intermédio do Espírito, pela fé”<sup>111</sup>.

A afirmativa de Lutero expõe o que ocorre quando se abdica da esperança em Cristo e se fia numa esperança em obras, fazendo com que Jesus se torne inútil e sem serventia para o cristão. Essa leitura encontra fundamentação nas palavras do Apóstolo que apontam para a esperança na justiça, sendo essa justiça aquela conquistada pelo Crucificado. Contudo, o Reformador observa que a esperança, nesse contexto, pode ser interpretada duplamente segundo as duas formas com que a Escritura apresenta a esperança.

No uso da Escritura, o termo esperança é interpretado de duas maneiras, ou como a coisa esperada ou como o sentimento da esperança. É interpretado no sentido da coisa esperada, Cl 1[.5]: “Por causa da esperança que vos está preservada nos céus”, isto é, a coisa esperada e, no sentido do sentimento da esperança, Rm 8[.24s.]: “Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como é que o espera? Mas, esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos”. Assim, também, nesta passagem [Gl 5,5], o termo esperança pode ser interpretado de duas maneiras e, conseqüentemente, também pode ter dois sentidos. O primeiro é: “Nós, por intermédio do Espírito, pela fé, aguardamos a esperança da nossa justiça”, isto é, [24] a justiça esperada, que, com certeza, deverá ser revelada a seu tempo. O segundo sentido é: “Nós, por intermédio do Espírito, pela fé, aguardamos a justiça, com esperança e saudade, isto é, somos justificados e, todavia, ainda não somos justificados, porque a nossa justiça ainda está pendurada na esperança, Rm 8[.24]: “Na esperança, fomos salvos”<sup>112</sup>.

<sup>110</sup> Gl 5,5, NAA.

<sup>111</sup> LUTERO, M. OSeI 10, p. 446.

<sup>112</sup> LUTERO, M. OSeI 10, p. 447.



As duas perspectivas da esperança têm correlação com a justificação e perpassam toda a Escritura. Primeiro, a esperança da promessa vindoura, a coisa esperada, a qual será revelada no Dia do Senhor. Depois, a esperança como o sentimento que ainda não ocorreu plenamente, já que habita no corpo mortal o pecado. Contudo, a pessoa já se sente e se reconhece na promessa, especialmente do perdão.

Assim, a minha esperança, dentro do meu coração esperançoso, é desafiada em meio aos pavores e ao sentimento do pecado e erguida pela fé, de maneira que há esperança de que sou justo. Em seguida, a esperança, no sentido de coisa esperada, espera que aquilo que ainda não vê seja completado e revelado a seu tempo. As duas interpretações são boas, mas a primeira, no sentido de sentimento da esperança, proporciona um consolo mais abundante, pois a minha justiça ainda não é perfeita e perceptível<sup>113</sup>.

As duas formas de esperança se conectam. Uma aponta para aquilo que se espera, a esperança do que venha a ocorrer; a outra se sente, está na dinâmica da vida cristão – pecado e perdão. Vê-se como Lutero transita entre a esperança que aguarda o vindouro e a esperança que é dada pela justiça, ou seja, pelo perdão ofertado por Cristo. A valorização da esperança que se sente, em Lutero, encontra o questionamento a respeito da fé, já que é por meio da fé que se recebe o perdão e a justiça de Cristo. Assim, nesse ponto, o elemento da fé se torna importante para a esperança. O Reformador, então, define o lugar de cada uma das duas – da fé e da esperança – e aponta suas diferenças e funções.

Aqui surge a pergunta a respeito da diferença entre fé e esperança. Fé e esperança diferem, portanto, primeiro, quanto ao sujeito, pois a fé encontra-se no intelecto, a esperança, na vontade. No entanto, não podem ser separadas de fato [...]. Em segundo lugar, os termos diferem quanto à função, porque a fé comanda e dirige o intelecto, todavia, não sem a vontade, e ensina o que deve ser crido. A fé é, portanto, doutrina ou conhecimento. A esperança é exortação, porque excita o ânimo para que seja forte e firme de maneira que esteja ousado, sofra, suporte os males e, neles, espere por dias melhores. Além disso, a fé é um mestre e juiz, lutando contra os erros e as heresias e julgando os espíritos e as doutrinas. Por outro lado, a esperança é um comandante de guerra, lutando contra tais sentimentos, quais sejam, a tribulação, a cruz, a impaciência, a tristeza, a timidez, o desespero, a blasfêmia e volta-se, constantemente, com alegria, firmeza de ânimo, etc., contra esses maus sentimentos acima mencionados. Finalmente, diferem também quanto ao objeto. A fé tem por objeto a verdade e nos ensina aderir a ela segura e firmemente. Ela considera atentamente a palavra do objeto ou a promessa. A esperança tem por objeto a bondade e considera atentamente o objeto da palavra, isto é, a coisa prometida ou as coisas pelas quais se espera, que a fé nos mandou receber<sup>114</sup>.

<sup>113</sup> LUTERO, M. OSel 10, p. 448.

<sup>114</sup> LUTERO, M. OSel 10, p. 448-449.

Essa definição apresentada por Lutero ajuda na compreensão do lugar próprio da fé, a qual está ligada ao entendimento, e da esperança, a qual se encontra na vontade. Uma estabelece o que crê e a outra como se encara o viver desse crer. Contudo, na realidade, fé e esperança dificilmente podem ser distinguidas uma da outra, embora exista alguma diferença entre elas<sup>115</sup>. O viver da fé é, afinal, o viver a esperança. Uma está intrinsecamente ligada a outra, sendo a fé e a esperança correlacionais na teologia.

Assim, a fé, na Teologia, sem a esperança nada é, porque a esperança suporta as dificuldades, persiste nelas e as vence. [...] a esperança sem a fé é presunção no espírito, porque está privada do conhecimento da verdade ou de Cristo, que a fé ensina. É, por conseguinte, uma coragem cega e temerária. Por isso, antes de tudo, uma pessoa piedosa deve ter um entendimento correto e um intelecto formado pela fé, segundo o qual a mente é dirigida de maneira que espere no meio dos males pelas melhores coisas que a fé prescreveu e ensinou<sup>116</sup>.

Para Lutero, a esperança depreende de uma compreensão do que se crê, ou seja, no sentido em que se ouve e crê no que a Palavra ensina a respeito da justiça. A esperança toma seu lugar perante os males que surgem, resistindo-lhes. O Reformador entende que primeiro é preciso que a justiça de Cristo seja concedida ao cristão por meio da fé para em seguida ele receber a justiça completa no dia vindouro, as quais reforçam a esperança. O desvelar desse tema e a compreensão mais acurada a respeito da justiça – presente e futura – propicia um viver na esperança em meio a realidade da vida – especialmente no que diz respeito aos males. Nessa esfera, para o Reformador, se concebe e se exercita a esperança.

Em suma, a fé é concebida pelo ensino, quando a mente é instruída a respeito de que seja a verdade. A esperança é concebida pela exortação, porque, pela exortação, a esperança é excitada nas aflições e ela conforta aquele que já foi justificado pela fé a fim de que não ceda ao mal, mas se oponha a ele mais ousadamente. Mas, se a tocha da fé não ilumina a vontade, a esperança não pode persuadir a vontade. Temos, portanto, a fé, pela qual somos ensinados, pela qual conhecemos, pela qual entendemos a sabedoria celeste, apreendemos a Cristo e permanecemos em sua graça. Quando nos mantemos ligados com Cristo pela fé e o confessamos, imediatamente, insurgem-se contra nós os inimigos, o mundo, a carne, o diabo, odiando e perseguindo-nos de uma maneira muito acerba no corpo e no espírito. Credo, por conseguinte, dessa maneira, justificados por intermédio do Espírito, pela fé, aguardamos a esperança da nossa justiça<sup>117</sup>.

<sup>115</sup> LUTERO, M. OSeI 10, p. 449.

<sup>116</sup> LUTERO, M. OSeI 10, p. 449.

<sup>117</sup> LUTERO, M. OSeI 10, p. 450.

A esperança dá suporte ante aos males da vida, e a fé é a base para a esperança. Lutero ainda aponta para o amor como a prática da fé e da esperança. Essa dinâmica encontra base escriturística e é desenvolvida pelo Reformador para ressaltar a completude da vida cristã.

A fé é anterior à esperança, pois é o início da vida e começa antes de toda a tribulação. Toma, portanto, conhecimento de Cristo e o apreende antes do suplício da cruz. No entanto, ao conhecimento de Cristo seguem, imediatamente, a cruz e a luta. Nesse momento, então, a mente deve ser exortada para fortalecer-se no Espírito (pois a fé nada mais é do que a força teológica, como, também, por outro lado, a fé é a sabedoria ou a prudência teológica) que tem seu lugar na paciência, de acordo com o conceito: “A fim de que, pela paciência”, etc. [Rm 15.4]. Permanecem, portanto, estes três: a fé ensina a verdade e a defende dos erros e das heresias; a esperança suporta todos os males corporais e espirituais; o amor faz todas as coisas boas<sup>118</sup>.

O ensino desenvolvido por Lutero harmoniza a vida cristã no que se crê e na forma como se vive. Isso leva ao próximo passo, o de levar a fé à frente, tendo em vista que aquele que espera também se torna parte no anúncio da esperança. Esse aspecto revela a intencionalidade da vida cristã de amar o próximo levando-o a ter um encontro com a esperança. O Cristão, como entende Lutero, instruído na sua fé, fortalecido na esperança perante os males, ama o seu próximo por meio das boas obras, dentre elas, o transmitir a fé e a esperança cristã.

Pela fé, portanto, principiamos, persistimos na esperança e, no tempo da revelação, tudo obteremos. Entrementes, enquanto vivemos, ensinamos a Palavra porque cremos e propagamos o conhecimento de Cristo entre os outros. Mas, enquanto ensinamos, sofremos perseguições, segundo o preceito: “Eu cri, por isso falei, mas estive sobremodo humilhado” [Sl 116.10]. Mas, enquanto sofremos, somos poderosamente erguidos pela esperança, porque a Escritura nos encoraja com as mais suaves promessas e ricas consolações que a fé ensina. E, assim, a esperança nasce e cresce em nós, Rm 15[.4]: “A fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança”<sup>119</sup>.

Lutero faz um retrato da completude do ser cristão, desde o receber e ser instruído na fé, passando pela esperança que dá forças para enfrentar as intempéries da vida, chegando à atitude cristã perante o próximo em boas obras e testemunho. Essa construção argumentativa revela como o Reformador entende todo espectro do ser cristão e do viver sob e na esperança.

<sup>118</sup> LUTERO, M. OSeI 10, p. 451.

<sup>119</sup> LUTERO, M. OSeI 10, p. 451.

## 2.16

### Usura, aos Pastores – 1540

Em 1540 Lutero retoma o tema da usura, mas agora instando aos pastores que puguem contra a prática. Isso porque não há esperança de que as coisas mudem sem que haja uma transformação de mente e coração<sup>120</sup>. A arma que Lutero e os pastores tinham era o púlpito. Era no anúncio da Palavra que o Reformador encontrava esperança que de alguma forma houvesse mudança, porém essa mudança precisaria ocorrer no coração daqueles que eram lesados a ponto de se abrir-lhes os olhos para o que se passava, posto que a áurea de honestidade e virtude cristã com que se emprestava, ludibriava os que se valiam do “benefício” dos empréstimos.

Escrevi contra a usura já faz quinze anos. Ela irrompera de forma tão violenta que eu não podia ter esperança de melhora alguma. Desde então ela se sofisticou a tal ponto que já não pretende mais ser vício, pecado ou vergonha; ao contrário, já se deixa exaltar como pura virtude e honra, como se prestasse grande amor e serviço cristão para outras pessoas. Que benefício pode haver quando a vergonha é tomada por honra e o vício por virtude? [...] Alemanha já não é mais aquilo que deveria ser; a abjeta ganância e usura a aniquilaram<sup>121</sup>.

O lucro exagerado trouxe um fardo muito grande ao povo alemão e, com esse escrito, Lutero exorta aos pastores para que instruem e admoestem os paroquianos, ensinando-os a precaverem-se contra a usura e a ganância. Não há esperança de melhora, mesmo depois de anos tratando a respeito do assunto. Assim se vê que o Reformador estava atento aos assuntos cotidianos que assolavam a sociedade, e exorta-os a que não confiassem em homens<sup>122</sup>. O ensino da Palavra, neste caso, é para que a esperança do povo não se fie no que é instável, além de ser um convite a ter uma atitude sagaz<sup>123</sup> para que se tome melhores e sóbrias decisões.

---

<sup>120</sup> LUTERO, M. OSel 05, p. 447.

<sup>121</sup> LUTERO, M. OSel 05, p. 447.

<sup>122</sup> SI 146,3.

<sup>123</sup> Mt 10,16.

## 2.17

**Oração Contra os Turcos – 1541**

As convulsões pelas quais a Europa passou naquele período vinham de todos os lados. Outro perigo que rondava a sociedade europeia eram os turcos, pois por muito tempo eles se levantaram contra os territórios cristãos. A pedido do Príncipe Eleitor João Frederico, Lutero redige a “Exortação à Oração Contra os Turcos” em 1541. A situação difícil e as ameaças por parte daquele povo motivaram o pedido. Lutero comenta numa carta que não podia simplesmente dizer que os turcos estavam errados e “nós” certos. Por isso não orava por vitória, mas por uma luta no temor de Deus, com confiança em sua graça<sup>124</sup>. O Reformador reconhecia o risco que havia de uma invasão turca e que ela poderia ser a mão de Deus pesando sobre eles, isso por conta dos pecados que estavam sendo cometidos na sociedade como um todo. Essa perspectiva acende e revela o olhar de Lutero para a possibilidade da permissão de Deus de que seu povo passasse por tempos incertos.

Em resumo, as coisas estão e andam em muito como antes do dilúvio, conforme diz Gênesis 6.12: “Deus viu a terra e eis que estava corrompida. Pois toda carne tinha corrompido seu caminho na terra”. De minha parte estou certo que, se o mundo não se corrigir, mas progredir sempre mais dessa maneira em todo tipo de maldades, então dar-se-á a última ruptura. Em semelhante situação, nenhum consolo ou esperança tenho, senão de que o dia derradeiro está à poria. Exagera-se por demais, de modo que Deus não o poderá tolerar por mais tempo. A essa altura dizes: Que, pois, devemos fazer? Devemos nos desesperar, deixar que as coisas sigam seu rumo e que o turco faça uma limpeza completa sem nenhuma oposição e contra-ataque? Não, de jeito nenhum! [...] Pois assim como Deus não pode suportar a injúria atrevida e a maldade, das quais falei acima, do mesmo modo não quer ele também que se desanime ou chegue ao desespero. Ele quer que se siga o caminho do meio e não que se tome o desvio à direita ou a esquerda. Conforme diz o Saltério: “Deus se compraz naqueles que o temem e confiam em sua bondade” [Sl 147.11]. [...] Portanto, ainda há esperança. Basta haver gente que queira ouvir e deixar-se aconselhar, ou seja, que se comece (como foi dito há pouco) a temer a Deus e confiar em sua bondade. Se isso acontecer, sabemos muito bem que nem turco e nem diabo poderão fazer-nos mal algum. Pois “se Deus está conosco, quem será contra nós” [Rm 8.31]?<sup>125</sup>

Dessa forma, o Reformador encorajou não só a nobreza, mas também o povo cristão que vivia temerário com o seu próprio futuro. A esperança se desvelou no confiar plenamente no Senhor, contanto que o povo se arrependesse do seu caminho e se deixasse conduzir pela instrução cristã, o que faria com que tivessem coragem

<sup>124</sup> WARTH, M. C. Introdução à Guerra contra os Trucos. In: OSel 06, p. 408.

<sup>125</sup> LUTERO, M. OSel 06, p. 450.

diante da oposição quanto aos ataques e investidas dos turcos. Ao relembrar o cuidado do Senhor com o povo de Israel, Lutero quer esperar seus ouvintes que viviam temerários, pois o Deus que agiu no passado, também agirá com bondade para com seu povo, mesmo diante de um perigo tão grande. Não só a entrada dos turcos nos territórios preocupava Lutero, mas a imposição da sua religião, já que essa era uma prática da invasão turca - a de levar consigo outra espiritualidade - o que seria uma afronta ao Senhor. Outra fé seria sinônimo de perda da esperança cristã.

## 2.18

### Gênesis 3 – 1544

O comentário ao Livro de Gênesis revela um Lutero profundamente apegado ao texto Sagrado. O exercício hermenêutico e exegético que o Reformador faz, sobressai aos trabalhos que eram apresentados à época<sup>126</sup>. Como não poderia deixar de ser, o texto em que o Reformador aponta o aspecto da esperança está no versículo conhecido como protoevangelho, a saber, em Gênesis 3.15. Ao tratar o tema da esperança, Lutero aponta a expectativa da ressurreição para a vida eterna. O tema *parusíaco* recebe enfoque, especialmente quando Lutero trata a respeito da segunda parte do versículo que diz “este lhe ferirás a cabeça, e você ferirá o calcanhar” (Gn 3,15 NAA). Essas palavras de Deus à serpente perante Adão e Eva, logo após a queda em pecado, leva o Reformador a sua análise da promessa nela contida. Este texto vivificou Adão e Eva e os ressuscitou da morte para a vida, que eles haviam perdido mediante o pecado. Contudo, trata-se, antes, de uma esperança e não de uma posse<sup>127</sup>. Os pais da humanidade não a tinham como posse, isso porque a morte faz parte da existência humana. Com isso, eles ainda aguardam a ressurreição dos mortos.

Pois imediatamente, desde o útero da mãe, começamos a morrer. Mediante o Batismo, porém, somos restituídos a uma vida de esperança, ou melhor, a uma esperança de vida. Pois a verdadeira vida é unicamente aquela que se vive diante de Deus. Antes de chegarmos a ela, estamos no meio da morte, morremos e apodrecemos na terra, como os outros cadáveres, como se não houvesse vida em lugar nenhum. Mas nós, que cremos em Cristo, temos a esperança de que seremos ressuscitados no último dia para a vida eterna. Desse modo, Adão também foi

<sup>126</sup> PRUNZEL, C. J. Introdução à Preleção sobre Gênesis. In: OSeI 12, p. 19.

<sup>127</sup> LUTERO, M. OSeI 12, p. 212.

ressuscitado por essa declaração do Senhor, certamente não de modo perfeito, pois ele ainda não havia recuperado a vida que perdera. Mas ele recebeu a esperança desta vida quando ouviu que a tirania de Satanás seria esmagada. Portanto, essa afirmação inclui a redenção da lei, do pecado e da morte e aponta para a esperança clara e certa da ressurreição e da renovação na outra vida, depois desta que temos agora<sup>128</sup>.

A ressurreição de Adão, segundo Lutero, acontece ao ouvir a promessa. Obviamente que não está falando da ressurreição vindoura, mas que a esperança na promessa o faz ressuscitar para vida. O que estava perdido para eles encontra esperança na promessa, de forma que Lutero compreende as palavras do protoevangelho. Além disso, o Reformador argumenta que a morte age desde o ventre, essa compreensão reforçando o valor do Batismo infantil, a nova vida que é dada ao batizado por meio da fé no Ressuscitado. O ato batismal concede a esperança na ressurreição, com a ressalva de que a mesma ainda não é recebida plenamente no dia do batismo. O Reformador argumenta que Adão ressuscitou não corporalmente, mas *na* e por meio *da* esperança na promessa. Dessa maneira, Adão, Eva e todos os que creem até o último dia, vivem e vencem mediante essa esperança, a qual aponta para o descendente da mulher.

Olha para Adão e Eva: estão repletos de pecado e morte e, no entanto, por ouvirem a promessa sobre a semente que haverá de esmagar a cabeça da serpente, têm a mesma esperança que nós temos, ou seja, que a morte será removida, o pecado será abolido, e a justiça, a vida e a paz serão restauradas etc. Nessa esperança, nossos primeiros pais vivem e morrem e, por causa dela, são verdadeiramente santos e justos. Também nós vivemos na mesma esperança. E, por causa de Cristo, quando morremos, mantemos essa esperança de vida, que a Palavra coloca diante de nós, enquanto nos ordena confiar nos méritos de Cristo<sup>129</sup>.

A promessa dada por Deus aos pais da humanidade é a mesma promessa na qual Lutero fia a sua esperança. A semente de mulher, o próprio Cristo, que pisa e impõe a morte à serpente, é quem sai vitorioso e dá vida aos que nele confiam. Assim, para Lutero, essa promessa já torna o que nela espera, santo e justo, porque recebe os méritos da obra de Cristo.

Após o protoevangelho, Deus impõe uma condição de vida a Adão e Eva. À mulher é dito que enfrentará dores na gravidez<sup>130</sup>, ao que o Reformador comenta que tudo que é imposto ao ser humano é tolerável, contanto que essa esperança

<sup>128</sup> LUTERO, M. O Sel 12, p. 212-213.

<sup>129</sup> LUTERO, M. Sel 12, p. 213.

<sup>130</sup> Gn 3,16.

permaneça inabalável<sup>131</sup>. Essa compreensão exposta por Lutero revela que a vida cristã, mesmo que sob a imposição de males, precisa ser fortalecida na promessa para que a esperança sustente à pessoa humana perante os diferentes males que podem se impor.

## 2.19

### Salmos – 1545

A Escritura foi a fonte de toda teologia de Lutero, sobre a qual ele se debruçou e extraiu o máximo que pode para sustentar seu ensino. Em 1545, o Reformador escreve o “Prefácio aos Livros Bíblicos”<sup>132</sup>. Era natural que teólogos preparassem textos de apoio à leitura da Escritura. Lutero compõe breves comentários para os livros do Antigo e do Novo testamento, incluindo até mesmo os livros chamados apócrifos ou deuterocanônicos. Um dos destaques em seu trabalho é seu apreço pelo livro dos Salmos, o qual se revela no uso constante de referências em suas homilias e escritos. Ao redigir o prefácio ao livro dos Salmos, o que se destaca é a valorização que o Reformador dá para os escritos dos salmistas no que se refere ao precioso alimento para a esperança cristã.

eu prefiro mil vezes ouvir um santo falar a ver suas obras, do mesmo modo, preferiria mais ainda ver seu coração e o tesouro em sua alma a ouvir suas palavras. No tocante aos santos, aliás, o Livro dos Salmos nos concede isso de maneira extremamente abundante, de sorte que podemos estar certos de como se dispuseram seus corações e de como rezaram suas palavras diante de Deus e de todos. Pois um coração humano é como um barco num mar violento agitado pelos vendavais dos quatro cantos do mundo. Daqui topam nele o temor e a preocupação frente aos desastres vindouros, de lá vêm a atribulação e a tristeza por causa do mal presente. Daqui sopram nele a esperança e uma confiança atrevida quanto à felicidade futura, de lá ventaneiam a segurança e alegria em meio aos bens do presente<sup>133</sup>.

Os salmos são, para Lutero, a voz do coração dos santos, cuja voz fala ao coração dos que meditam e se debruçam nas inspiradas palavras. Isso ocorre pois os Salmistas passaram por situações que se conectam com as dos leitores. Mesmo com a distância temporal dos autores sálmicos, as necessidades humanas, suas aflições e desesperanças continuam imutáveis. Os salmistas registraram em suas

<sup>131</sup> LUTERO, M. OSel 12, p. 214.

<sup>132</sup> LUTERO, M. OSel 08, p.17-155.

<sup>133</sup> LUTERO, M. OSel 08, p. 34-35.



palavras, de forma maestral, temas como temor e esperança. O Reformador diz que os autores fazem uso de palavras tais que pintor algum poderia expressar aquele temor ou aquela esperança; nenhum Cícero ou orador poderia retratá-los<sup>134</sup> tão perfeitamente.

Lutero encontra ecos na Palavra que fortaleceram a esperança naqueles que a escreveram, palavras que restauram a esperança para o tempo atual. O salmo é fonte de esperança e o Reformador o compreendeu desta forma. Lutero aponta seu valor instrutivo, o qual mantém os cristãos na comunhão dos santos, pois os salmos ensinam a alegria, temor, esperança e tristeza, e a pensar e falar da mesma maneira que todos os santos pensaram e falaram<sup>135</sup>.

## 2.20

### Romanos – 1546

O “Prefácio ao Novo Testamento” foi escrito e concluído por Lutero em 1546, já no final da vida do Reformador. Sua teologia e hermenêutica bíblicas, desenvolvidas sobre o tema da justificação pela fé, já estavam consistentes e sólidas. Ao escrever o “Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Romanos”, Lutero expõe sua compreensão de que fora da obra de Cristo não se pode haver esperança. Neste ponto há um claro desejo em definir onde pode arraigar-se a confiança cristã, já que seu embate ocorreu, em diversos episódios, contra a ideia de autojustiça humana. Ao comentar o capítulo cinco da epístola, o Reformador trata das obras da fé.

No quinto capítulo, ele fala dos frutos e das obras da fé, quais sejam: paz, alegria, amor a Deus e a todos, além de segurança, confiança, ânimo e esperança em tristeza e sofrimento. Pois, onde a fé for verdadeira, tudo isso resulta do bem superabundante que Deus nos demonstra em Cristo: de tê-lo feito morrer por nós antes mesmo de lho podermos pedir quando ainda éramos inimigos. Temos, portanto, que a fé justifica sem quaisquer obras e, mesmo assim, não sucede daí que não se deveria fazer boa obra e sim, que as obras justas não ficam ausentes; destas, porém, os santos por obras nada sabem e inventam para si mesmos obras próprias, que não contêm nem paz, nem alegria, nem segurança, nem amor, nem esperança, nem porfia, tampouco qualquer tipo de obra fé cristã direta<sup>136</sup>.

<sup>134</sup> LUTERO, M. OSel 08, p. 35.

<sup>135</sup> LUTERO, M. OSel 08, p. 36.

<sup>136</sup> LUTERO, M. OSel 08, p. 136.

A temática da justificação apenas pela fé é uma das bases da teologia de Lutero. Vê-se que não há uma negação das obras da fé na vida do crente, mas se combate o estabelecimento de práticas não escriturísticas como sendo mandato de Deus e meio de salvação. A esperança para Lutero se fundamente, única e exclusivamente, na obra do Redentor. Lutero entende que o fiar-se nas próprias obras ou obras da lei, ao invés de crer em Cristo e fortalecer nele a esperança, corrobora com a desesperança. Assim o Reformador desenvolve seu pensamento ao comentar o texto de Romanos: “o ser humano é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Rm 3,28 NAA). Vale destacar que Lutero chama de “obras da lei” aquelas cujos autores, uma vez realizando-as, fundamentam nas mesmas a sua justificação pelo fato de terem-nas cumprido<sup>137</sup>. Dessa forma, o ser humano encontra apenas dúvida e insegurança - já que nunca poderá saber se cumpriu a sua obrigação plena da lei - e desespera ao invés de esperar. Isso ocorre com as pessoas que são tentadas a buscar a justiça perante Deus pela sua própria santidade e obras da lei, mas que quando se deparam com o pecado que nelas habita, que procede do coração e que destrói qualquer intento de santidade, podem sucumbir ao desespero e desesperança.

E, não conseguindo alcançar esse objetivo, ele faz com que fiquem tristes, abatidos, pusilânimes, desesperados e de consciência extremamente inquietas. A partir daí, portanto, somente nos resta permanecer em nossos pecados; faz-se necessário externar nosso anseio, com a esperança voltada para a misericórdia de Deus, de que ele nos livre do pecado<sup>138</sup>.

A esperança na promessa é o que permite ao ser humano confiar que, mesmo enquanto pecador, pode esperar no Senhor e na sua misericórdia. Lutero insta a que se abdique da falsa esperança em si mesmo. Ao fazer suas considerações sobre o texto “Bem-aventurados aqueles cujas transgressões são perdoadas” – Salmo citado por Paulo em Romanos 4,7 – o Reformador argumenta usando a conhecida máxima latina *simul iustus et peccato*. Assim, encontra a esperança como fator desse viver simultaneamente justo e pecador.

Ele não lhe imputa seus pecados, isto é, seus desejos cobiçosos, para a morte, mas, nesse meio tempo, na esperança da saúde prometida, ele lhe proíbe de fazer ou deixar de fazer coisas pelas quais aquela saúde poderia ser impedida e seu pecado, isto é, sua concupiscência, pudesse aumentar. Por acaso, [este homem] será completamente

<sup>137</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 271.

<sup>138</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 273.

justo? Não, mas é simultaneamente pecador e justo; na verdade, pecador, mas justo a partir da consideração e da promessa certa de Deus de que ele o libertará do pecado; até tê-lo curado por completo. E assim ele está perfeitamente são na esperança, mas, de fato, ainda é um pecador; todavia, ele possui o princípio da justiça, de sorte que continua sempre a buscá-la mais e mais, sabendo-se sempre injusto<sup>139</sup>.

O Reformador não nega o pecado e nem a justiça de Deus concedida ao ser humano. Lutero as vê coexistentes na pessoa, uma em função do pecado hereditário, do velho Adão, outra em função da promessa, por meio do novo Adão. O pecado é como uma doença que precisa ser constantemente remediada. Com isso, a figura de uma pessoa doente que é encorajada a se cuidar para que tenha saúde é usada<sup>140</sup>. Assim o é com o cristão, que não está plenamente curado da sua enfermidade - o pecado - mas que, esperançoso, espera a cura por meio da ressurreição. Enquanto na enfermidade, ou melhor, nessa vivência hodierna, a esperança na promessa o acompanha e o encoraja a lutar, como o doente, contra aquilo que quer tirar-lhe a vida.

Tão valorosa é a esperança para Lutero, que é nela que ele se fia quando os seus pecados do passado lhe retornam à lembrança. No comentário do mesmo versículo, ele argumenta essa experiencição do perdão.

Pois, se eu devia equiparar-me com os demais pecadores por causa dos pecados cometidos no passado, os quais, segundo dizem, devem ser lembrados sempre (e nisso eles falam a verdade, embora não com a ênfase necessária), eu concluía, em meu pensamento, que esses pecados [passados] não tinham sido perdoados, embora Deus tenha prometido que seriam perdoados àqueles que os confessam. Por isso eu vivia em conflito comigo mesmo, ignorando que o perdão, de fato, é verdadeiro, mas que o pecado não é removido senão apenas na esperança; ou seja, a sua remoção ainda está por acontecer e se efetuará pelo dom da graça que a começa a removê-lo, de sorte que, [desde já], ele não é mais imputado como tal<sup>141</sup>.

Na mesma linha de argumentação da enfermidade, o Reformador reconhece que o pecado é perdoado quando Deus o perdoa, porém na esperança de que, pela ressurreição, o mesmo seja esquecido e removido plenamente até mesmo da memória. Lutero entende que o pecado não lhe será mais atribuído, mesmo que em sua lembrança ele retorne intermitentemente. Enquanto na condição de simultaneamente justo e pecador, a lembrança e as consequências do pecado ainda podem acompanhar o pecador, mesmo após o perdão concedido por Deus. Desta

<sup>139</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 276.

<sup>140</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 276.

<sup>141</sup> LUTERO, M. OSeI 08, p. 276.

feita Lutero se consola, já que o perdão dos pecados não necessariamente os apaga da memória da pessoa nos seus dias, mas são apagados da memória de Deus e nunca mais lhes são imputados sobre o pecador.

## 2.21

### Aspectos Centrais nas Leituras em Lutero

Ao perpassar os escritos do Reformador e buscar seu pensamento no que se refere ao tema da esperança, é preciso destacar alguns aspectos centrais. Estes aspectos ajudam a traçar o pensamento da esperança e como ele se apropria do termo e o aplica a diversas áreas da vida humana.

No início da Reforma, muitos textos abordavam o perigo da falsa esperança. Os méritos e as boas obras foram combatidos com vigor por Lutero. Ambos têm o seu valor, no entanto, não no que se refere à esperança cristã. O ponto focal para Lutero da esperança no coração da pessoa humana está no Ressuscitado. No ensino do Reformador, a fé de que o Deus-homem que nasceu, viveu, morreu e ressuscitou leva ao ser humano a esperar. O objeto certo da fé e da esperança é Jesus, no qual não há insegurança, sendo nele a confirmação da promessa.

A esperança, para o Reformador, é gerada, alimentada e fortalecida pelos chamados “Meios da Graça” – Palavra, Batismo e Eucaristia. Na Escritura, há a revelação da promessa feita por Deus. O Batismo, água unida a Palavra, gera a fé e torna o batizado herdeiro da vida eterna. Esse movimento é importante, como argumenta Lutero, pois a fé é anterior a esperança. Na Ceia do Senhor, o alimentar contínuo dessa fé fortalece a esperança, já que fé e esperança estão ligadas. Os “Meios da Graça” são importantes para o Reformador, tendo em vista que o Deus que concede o perdão e a graça e que gera a fé e alimenta a esperança, é o Deus da promessa, um Deus vivo.

A missão pelo testemunho também faz parte do viver a esperança, segundo o Reformador. A pessoa humana imersa na esperança será parte integrante do seu anúncio, pois aquele que espera vive desejoso de que o próximo seja banhado pela esperança cristã. O esperançado encontra sustentação no que confia ante os males que assolam, expõe Lutero. Dessa forma, a esperança ajuda no viver e move a partilhá-la.

Lutero escreveu a distintas classes sociais para que a esperança não os fizesse inertes à realidade que se lhes impunha. Tanto os nobres como o povo em geral foram alvo da pena do Reformador para que tivessem alimentada a esperança que move o agir. Esperança que faz o que é necessário para que o outro viva. Esperança que já vive a ressurreição e toma parte no bem comum. Segundo o Reformador, a esperança de que algo seja melhor no dia de amanhã, perpassa na disposição do ser humano em ter parte para que aquilo ocorra.

Lutero apresenta diversas facetas no que se refere à esperança, dessa forma, abre-se as portas para o estudo dos séculos subsequentes. O estudo atualiza-se quando se encontra a atemporalidade do seu ensino e o despertar de caminhos para a vida numa viva esperança.

## A Esperança Cristã em Teólogos no Período da Reforma e Pós-Reforma

Após a morte de Lutero, diversos teólogos dedicaram seus trabalhos a manter o legado dos reformadores luteranos. Alguns deles são célebres na história do estudo teológico luterano. Eles mantiveram muito do que foi desenvolvido nos anos da Reforma, mas também apresentaram e aprofundaram temas centrais da fé.

Serão apresentados quatro nomes, o primeiro deles sendo o de Filipe Melanchthon, que foi contemporâneo de Lutero, trabalhou ao seu lado, continuou lecionando e trabalhando com os artigos de fé que provinham da Reforma. No entanto, nos seus últimos anos houve divergências quanto a compreensão de alguns desses artigos, o que fez com que Melanchthon se distanciasse em alguns pontos do pensamento luterano e se aproximasse de outras correntes teológicas.

O Segundo nome é o de Martin Chemnitz, aluno de Melanchthon. Seu trabalho é lido até hoje e a sua dedicada organização dos temas provenientes daquele período dão-lhe um lugar importante na história da teologia luterana. Uma de suas atividades foi organizar o “Livro de Concórdia” e a escrita da “Fórmula de Concórdia”, obra essa que é subscrita até hoje pelos pastores luteranos. Além disso, seu trabalho foi profícuo e exaustivo, sua defesa dos artigos de fé luteranos são consistentes e apresentam um aprofundamento extraordinário da compreensão bíblica.

O terceiro nome será de Johann Gerhard, o qual tinha um profundo conhecimento sobre os “Pais da Igreja” e isso foi importante para que a sua obra fosse reconhecida, revelando que os temas defendidos e ensinados pelos teólogos luteranos não eram coisa nova, no sentido de um novo ensino, mas um resgate do pensamento patrístico e bíblico.

O quarto nome é de Carl Ferdinand Wilhelm Walther, imigrante alemão que foi aos Estados Unidos em busca de uma nova vida, também no que se refere à teologia. Walther foi teólogo, pastor, primeiro presidente da Igreja Luterana (Sínodo de Missouri) e professor de teologia. Ele estava a três séculos de Lutero, contudo, se dedicava a resgatar e proclamar o evangelho redescoberto no período

da Reforma. Entre as suas obras, um dos pontos que se destaca são suas inúmeras prédicas, as quais transpiram teologia bíblica e luterana.

Os quatro teólogos se dedicaram na defesa da fé cristã a partir da perspectiva da Reforma Luterana. Melanchthon, por sua contemporaneidade com Lutero; Chemnitz, pela sua dedicação em unir teólogos cristãos sob uma forte sustentação teológica; Gerhard, por fundamentar e organizar os temas teológicos; e Walther por sua incansável dedicação para que a Igreja Luterana se perpetuasse na América do Norte, seguindo os passos doutrinários dos teólogos anteriores. O tema da esperança cristã foi abordado por cada um deles, mas na maioria das vezes eles o fizeram de forma secundária. Ainda assim, vê-se traços que são pertinentes à compreensão do tema que foi desenvolvida a partir do período da Reforma.

### 3.1

#### Filipe Melanchthon (1497-1560)

Uma das figuras mais emblemáticas na teologia luterana é o também reformador Filipe Melanchthon (1497-1560). Junto a Lutero, eles construíram uma parceria importante para o desenvolvimento do pensamento reformatório. Vale ressaltar a distinção que há entre os dois, pois, enquanto Lutero apareceu no palco da história com segurança profética, dando forma livre a suas ideias, Melanchthon preferia a apresentação sistemática e formulações cuidadosamente trabalhadas<sup>142</sup>. Isto é, um foi o proclamador do evangelho de forma vigorosa e o outro, o organizador do pensamento para ser lido e discutido nos círculos do pensamento teológico e filosófico.

O afamado filósofo humanista Erasmo de Roterdã se manifestou em carta a respeito de Filipe Melanchthon com as seguintes palavras elogiosas: “Meu Deus, que esperanças faz surgir este moço Melanchthon. Pouco mais que um rapaz, e já digno de alta consideração tanto no grego como no latim! Que penetração de entendimento, que pureza e elegância de linguagem! Que conhecimento de coisas ocultas! Que vasta erudição! Que delicadeza nobre, sim, régia!”<sup>143</sup> Dessa maneira

<sup>142</sup> HÄGGLUND, B. História da Teologia, p. 212.

<sup>143</sup> ERASMO DE ROTERDÃ. Erasmus' Annotations on the New Testament. Vol. 3: Galatians to the Apocalypse. 1993. p. 555: “*At deurn immortalem quam non spem de se praebebat, admodum etiam adolescens, ac pene puer, Philippus ille Melanchthon utraque literatura pene ex aequo suspiciendus? Quod inuentionis acumen? quae sermonis puritas? quanta reconditarum rerum*

e com essas palavras, se expressa um dos grandes pensadores clássicos em referência a Melanchthon. Percebe-se o quão erudito e gênio foi Melanchthon para sua época, sendo ele admirado por muitos. Essa genialidade não se resumia apenas a teologia, sendo Melanchthon uma pessoa multifacetada<sup>144</sup>. Ao produzir um currículo escolar impecável e arrojado, unido a sua preocupação premente com a educação alemã, fez com que lhe rendesse o título de “professor da Alemanha”<sup>145</sup>, a maior condecoração concedida a um educador naquele país.

Diferente do que se pensa, Melanchthon produziu diversos trabalhos em áreas distintas<sup>146</sup>, ou seja, ele não foi apenas um repetidor da teologia desenvolvida por Lutero. Em sua jornada, modificou alguns aspectos da posição de Lutero que ele próprio defendera anteriormente. Estas modificações podem ser observadas nas várias edições dos seus *Loci*<sup>147148</sup>. As versões existentes foram subdivididas em três variantes principais nos anos de 1521, 1535 e 1555<sup>149</sup>. Nelas, Melanchthon se apropria do conhecimento e dos alicerces lançados por Lutero, ampliando e desenvolvendo o pensamento proveniente da Reforma.

O primeiro *Loci* (1521) segue a ordem da epístola de Paulo aos Romanos<sup>150</sup>. Este *Loci* foi uma resposta à publicação que seus alunos fizeram das anotações pessoais de Melanchthon, as quais haviam caído em suas mãos. Melanchthon não conseguiu suprimir essa publicação, então, no ano seguinte (1521), publicou o *Loci Communes*<sup>151</sup> com a intenção de sistematizar o seu pensamento e sua teologia. Vale ressaltar que esta é a primeira obra sistemática de todo o movimento reformatório e por isso tem um valor histórico especial<sup>152</sup>. Além disso, os “Tópicos Comuns de 1521” é mais um manual hermenêutico do que um tratado dogmático<sup>153</sup>. Por meio

---

*memoria? quam naria lectio? quam uerecunda regiaequae prorsus indolis festiuitas?”* Tradução do latim: KUNSTMANN, W. Magister Philippus Melanchthon, p. 50.

<sup>144</sup> “Humanista, humanista bíblico, gramático e tradutor, helenista, filósofo, naturalista, erudito universal de abrangência poli-histórica, biógrafo, pedagogo, *praeceptor Germaniae*, educador popular humanista, diretor de ensino, publicista científico, diplomata teológico ou político, cristão leigo de formação humanista, reformador, sistemático da Reforma, conselheiro teológico, serviçal instruído e responsável de seu senhor territorial, porta-voz erudito dos protestantes, doutor da Igreja”. JUNGHANS, H. Temas da Teologia de Lutero, p. 161- 162.

<sup>145</sup> KUROPKA, N. Melanchthon, Filipe, p. 706.

<sup>146</sup> HÄGGLUND, B. História da Teologia, p. 211.

<sup>147</sup> HÄGGLUND, B. História da Teologia, p. 212.

<sup>148</sup> *Loci ou loci communes* – significa: Lugar comum, nesse caso, da teologia.

<sup>149</sup> KUROPKA, N. Melanchthon, Filipe, p. 705.

<sup>150</sup> KOLB, R. The Ordering of the Loci Communes Theologici, p. 321-322. [Tradução Livre]

<sup>151</sup> ALBRECHT, P. S. Filipe Melanchthon (1497-1560), p. 33.

<sup>152</sup> ALBRECHT, P. S. Filipe Melanchthon (1497-1560), p. 32.

<sup>153</sup> MELANCHTHON, P. Commonplaces Loci Communes 1521, p. 5.



dele, Melanchthon interpreta o texto da Escritura de uma forma que seja compreensível aos leitores a defesa da doutrina apresentada.

No primeiro *Loci* escrito por Melanchthon, se encontra o subcapítulo *Amor e Esperança*<sup>154</sup>. Neste texto, a definição da esperança e a sua conexão com a fé e o amor são apresentadas e desenvolvidas pelo teólogo. Melanchthon elabora o tema perpassando a origem da esperança e o ponto focal do lugar para o qual ela se volta, além de aprofundar a questão concernente a resposta da fé que ocorre por meio do amor. A correlação que há entre fé e esperança é descrita e desenvolvida abaixo na argumentação de Melanchthon:

Esperança, além disso, também é obra da fé. Pois fé é aquilo pelo qual cremos na Palavra, e esperança é aquele pelo qual esperamos o que foi prometido na Palavra. A fé na Palavra de Deus nos leva a esperar a promessa, como o Salmo 9: [12] afirma: “Todos os que conhecem o teu nome esperam em ti”. Não há razão para separar um do outro<sup>155</sup>.

Melanchthon aponta para a fé como aquela que sustém a esperança. No entanto, elas são distintas porque a fé recebe no presente o perdão dos pecados e a reconciliação ou a aceitação por causa de Cristo, enquanto a esperança versa sobre os bens futuros e a libertação futura<sup>156</sup>. Os olhos da fé aguardam em esperança a bem-aventurança, dessa forma há a distinção ao mesmo tempo em que há a correlação, como apresenta Melanchthon. Uma se apoia no que Deus oferece hoje, a remissão dos pecados, e a outra se volta para a expectativa vindoura.

A constante volta à promessa, ou melhor, à Escritura Sagrada como local de onde provém a esperança, revela o seguimento de um dos fundamentos da Reforma, o *sola scriptura*, pilar que susteve e sustém a teologia proveniente daquele período, a qual tem seu ensino oriundo exclusivamente da Escritura. No texto Sagrado, argumenta Melanchthon, se usam as palavras “esperança”, “fé”, “expectativa” e “perseverança” de forma intercambiável<sup>157</sup>. Assim, pode-se encontrar sinônimos que indicam encadeamento e correspondência da fé e da esperança, pois sendo a

<sup>154</sup> MELANCHTHON, P. *Commonplaces Loci Communes* 1521, p.142.

<sup>155</sup> MELANCHTHON, P. *Commonplaces Loci Communes* 1521, p. 142: Hope, moreover, is also faith's working. For faith is that by which we believe the Word, and hope is that by which we expect what has been promised in the Word. Faith in the Word of God causes us to expect the promise, as Psalm 9:[12] states, “Let all who know your name hope in you.” There is no reason to separate one from the other. Tradução livre.

<sup>156</sup> MELANCHTHON, F. *Apologia da Confissão de Augsburg*. In: LC, 2021, 198.

<sup>157</sup> MELANCHTHON, P. *Commonplaces Loci Communes* 1521, p. 142.

Escritura a Palavra de Deus, Melanchthon nela encontra o resplandecendo do próprio brilho de Deus.

como Paulo diz, podemos encontrar esperança no consolo das Escrituras [Romanos 15: 4]. A esperança brilha então nas cartas e nesses registros escritos? [...] Paulo diz isso com grande discernimento: a esperança brilha no próprio Deus eterno. Paulo nos liga a Deus, que se manifestou em Sua voz, que quis que fosse registrada por escrito pelos Profetas e Apóstolos, para que o testemunho exista para sempre. Com isso, Ele queria que reconheçêssemos a vontade oculta de reconciliação, que não pode ser compreendida pela agudeza do espírito humano<sup>158</sup>.

Percebe-se que Melanchthon, assim como Lutero, se empenha em buscar na Escritura a sua percepção quanto aos aspectos da vida cristã, incluindo também a esperança como parte do humano. Assim sendo, Melanchthon retira das obras e dos méritos qualquer fio de confiança no que diz respeito à esperança cristã. Filipe aprofunda o ensino, no tocante às obras meritórias, de que elas não são fonte confiáveis para se ter esperança. Vê-se também neste caso que ambos – Lutero e Melanchthon – bebem da mesma água. No seu *Loci*, escrito como obra hermenêutica, Melanchthon extrai um ensino relevante da carta ao Romanos, especialmente no que concerne a questão sobre em qual lugar a pessoa humana pode fiar sua confiança e fortalecer a esperança.

E assim como a fé é confiança na misericórdia de Deus sem consideração por nossas obras, então a esperança é uma expectativa de salvação sem consideração por nossos méritos. Na verdade, a esperança não tem nada a ver com Deus se for baseada em nossos méritos. Pois como alguém poderia esperar por misericórdia quando está pedindo uma recompensa como se fosse devido a seus próprios méritos?<sup>159</sup>

A misericórdia, como ato de Deus, é o lugar da esperança, e não as próprias obras meritórias. À vista disso, se olha para cima com fé na misericórdia e para frente com esperança na ação de Deus. Melanchthon é enfático ao questionar a

<sup>158</sup> MELANCHTHON, P. On the role of the schools. In: MELANCHTHON, P. KUSUKAWA, S. Orations on Philosophy and Education, p. 18: It is even more astonishing that, as Paul says, we can find hope from the consolation of the Scriptures [Romans 15:4]. Does hope shine then in the letters and in these written records? [...] Paul says so with great discernment: hope shines in the everlasting God Himself. Paul links us to God, who made Himself manifest in His voice, which he wanted to be recorded in writing by the Prophets and the Apostles, so that the testimony may exist forever. In this He wanted us to recognise the concealed will for reconciliation, which cannot be understood by the keenness of human wit. Tradução livre.

<sup>159</sup> MELANCHTHON, P. Commonplaces Loci Communes 1521, p. 142: And just as faith is trust in God's gracious mercy with no regard for our works, so hope is an expectation of salvation with no regard for our merits. In fact, hope has nothing to do with God if it is based on our merits. For how could anyone hope for mercy when he is asking for a reward as if it were owed to his own merits? Tradução livre.

espera de recompensa das pessoas por meio dos atos; seu argumento busca desvelar e contrapor esse ensino. Isso, segundo Filipe, é um acinte contra o Deus misericordioso, pois ao ignorar a sua oferta graciosa, a pessoa busca em si mesma aquilo que apenas Deus pode conceder e o que ele graciosamente oferece.

Melanchthon descreve o ser humano e o que se passa no coração daquele que vive aflito, mas que aguarda no Senhor. Em contrapartida, ele apresenta os que nutrem uma confiança nos seus atos como passíveis de recompensa divina. Um crê na misericórdia anunciada, enquanto o outro dispensa essa misericórdia por se considerar autossuficiente. Melanchthon expõe o que se passa ao ser anunciado o evangelho de Cristo a ambos.

A consciência aflita se alegra, e o pecador que crê no Evangelho se alegra por não ter consideração pelos nossos méritos. Mas o hipócrita está indignado. Portanto, Cristo é uma ofensa para os judeus e loucura para os gentios, mas para aqueles que creem, ele é sabedoria e salvação [Romanos 1:16]<sup>160</sup>.

Assim, Melanchthon revela o que se passa no coração aflito e no coração autossuficiente, o qual insiste de forma hipócrita em ignorar a obra de Cristo e tenta em vão encontrar nas obras próprias a esperança que só o Filho de Deus concede. Enquanto isso, o aflito vive a esperar; após ser inundado pela esperança vindoura, a realidade presente se transforma.

Isso não quer dizer que Melanchthon desconsidere as obras, entretanto ele entende que uma fé viva justifica, e que uma fé viva abunda em obras<sup>161</sup>. Aquele que crê e confia na misericórdia de Deus e nela espera, produzirá boas ações de amor para com o próximo. No entanto, o amor produzido na vida cristã não justifica, porque ninguém ama tanto quanto deveria, o quanto o Senhor exige em sua Palavra. A fé justifica, e a fé confia na misericórdia de Deus, não em seu próprio mérito,<sup>162</sup> declara Melanchthon. Por essa razão, a fé viva é uma confiança poderosa e ansiosa na misericórdia de Deus, nunca deixando de produzir bons frutos. Isto é o que Tiago quis dizer ao declarar: “A fé operava juntamente com suas obras”<sup>163164</sup>.

<sup>160</sup> MELANCHTHON, P. *Commonplaces Loci Communes* 1521, p.142: The afflicted conscience rejoices, and the sinner who believes the Gospel rejoices that there is no regard for our merits. But the hypocrite is indignant. Therefore, Christ is an offense to the Jews and foolishness to the Gentiles, but to those who believe, he is wisdom and salvation [Romans 1:16]. Tradução livre.

<sup>161</sup> MELANCHTHON, P. *Commonplaces Loci Communes* 1521, p. 143.

<sup>162</sup> MELANCHTHON, P. *Commonplaces Loci Communes* 1521, p. 143.

<sup>163</sup> Tg 2,22.

<sup>164</sup> MELANCHTHON, P. *Commonplaces Loci Communes* 1521, p.143.

A esperança está intimamente ligada a justificação pela fé, a qual dá alicerce à teologia proveniente da Reforma. Melanchthon discorre sua compreensão a respeito da Justificação pela Fé, e é importante para o entendimento do tema da esperança que se tenha em mente o ele que pensa no que concerne a esse assunto. Pode-se dizer que a concepção acerca da Justificação conserva toda sua argumentação no que se refere à esperança cristã. Nas palavras de Melanchthon, ao explicar a Justificação pela fé, se observa a pureza e elegância sobre a qual se referiu Erasmo de Roterdã quando o elogiou.

Somos justificados, portanto, ao sermos mortos pela Lei, somos ressuscitados pela palavra da graça que foi prometida em Cristo, isto é, pelo Evangelho do perdão dos pecados; quando pela fé nos apegamos a este Evangelho sem duvidar que a justiça de Cristo é nossa justiça, que a satisfação de Cristo é nossa expiação e que a ressurreição de Cristo é nossa; em suma, quando não temos nenhuma dúvida de que nossos pecados estão perdoados e que Deus agora está favoravelmente disposto para conosco e deseja o nosso bem. Nossa justiça, então, não consiste em nossas obras, não importa quão boas sejam ou pareçam ser. Em vez disso, a fé somente na misericórdia e graça de Deus em Jesus Cristo é nossa justiça. E isso é o que o profeta diz e o que Paulo afirma tantas vezes: “O justo vive pela fé.” Romanos 3,[22] fala da “justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo”<sup>165</sup>.

Para Melanchthon e para todos os teólogos e reformadores luteranos, o ensino a respeito da Justificação pela fé é de primordial importância, já que é nele que se encontra o ensino do doce evangelho da salvação. Sua argumentação tem como intento desvelar aos olhos dos seus leitores o lugar da fé e da salvação, onde se pode esperar. De outra forma ou em outro objeto, a pessoa humana irá nutrir insegurança, dúvida e desesperança no coração dos que em si mesmos esperam ou, ainda, pode-se gerar pessoas com uma confiança falsa que as enganará e ao cabo podem-nas levar à morte<sup>166</sup> eterna. Melanchthon intenta elucidar esta que é a primícia da concepção teológica luterana, para que então o cristão viva em paz sob a graça na esperança que lhe é concedida como dádiva.

<sup>165</sup> MELANCHTHON, P. *Commonplaces Loci Communes* 1521, p; 115: We are justified, therefore, when having been put to death by the Law we are brought back to life by the word of grace that has been promised in Christ, that is, by the Gospel of the forgiveness of sins; when by faith we cling to this Gospel without doubting that Christ's righteousness is our righteousness, that the satisfaction of Christ is our expiation, and that the resurrection of Christ is ours; in short, when we do not doubt at all that our sins are forgiven and that God is now favorably disposed toward us and desires our good. Our righteousness does not, then, consist in our works, no matter how good they are or seem to be. Rather, faith alone in the mercy and grace of God in Jesus Christ is our righteousness. And this is what the prophet says and what Paul asserts so many times: “The just lives by faith.” Romans 3,[22] speaks of “the righteousness of God through faith in Jesus Christ”. Tradução livre.

<sup>166</sup> Pv 14,12.

A mensagem do Deus escático<sup>167</sup> é a de que também seu povo já tem a vida eterna, e pode nutrir essa esperança por meio da obra redentora de Jesus. Assim sendo, a justiça de Deus vem de fora, vem do Cristo, como reafirma Melanchthon. Nesse mesmo tom, ele prepara a “Apologia da Confissão de Augsburgo”<sup>168</sup>. Melanchthon considera uma causa maior a questão da esperança da salvação, o que foi seguido por teólogos luteranos da ortodoxia<sup>169</sup>, os quais dedicaram seu trabalho a expor o ensino da bem-aventurança eterna e como alcançá-la. Essa posição tem por objetivo conceder ao povo uma fé que não titubeie, mas que peregrine no esperar.

Lutamos por uma causa maior: a partir de onde as mentes piedosas devem conceber a esperança segura da salvação, se as obras boas podem proporcionar paz às consciências, se elas devem pensar que alcançar a vida eterna opondo boas obras ao juízo de Deus, ou, então, se deve pensar que por misericórdia são consideradas justas e alcançarão a vida eterna. Se essas coisas se tornam controversas e a consciência não resolver a questão, ela não conseguirá ter consolo firme e seguro<sup>170</sup>.

Melanchthon revela uma preocupação com a consciência dos cristãos. Isso porque se a confiança que o ser humano nutre no coração não estiver alicerçada na promessa da salvação, por meio de Cristo, dessa forma a esperança será enganosa. A falta dessa confiança e fé geram incerteza e insegurança, além de que a pessoa se tornará escrava de uma vida de constante dedicação na espera de uma recompensa – a vida eterna – que não foi dessa forma prometida e nem por esse meio. Na realidade, segundo a escritura, a salvação é concedida gratuitamente por meio da fé no Crucificado, Jesus Cristo. Nesse interim, a Justificação pela fé é tema central e basilar para toda a construção teológica de Melanchthon.

Melanchthon cita o Doutor da Igreja Bernardo de Claraval (1090-1153) para, dessa forma, fortalecer o seu argumento acerca da justificação pela fé e não por meio das obras. Ao utilizar o pensamento de teólogos consagrados na História da Igreja, ele revela seu conhecimento e abertura para aprendizagem por meio de nomes aprovados por toda a igreja cristã.

Bernardo confessou que suas obras não eram dignas da vida eterna, ao dizer: “Vivi perdido”. Mas ergueu-se e aprendeu a esperança da salvação a partir do momento

<sup>167</sup> Termo utilizado no Dicionário de Lutero. MüM. 2021, p. 400-406.

<sup>168</sup> MELANCHTHON, F. Apologia da Confissão de Augsburgo. In: Livro de Concórdia, p. 145-326

<sup>169</sup> HÄGGLUND, B. História da Teologia, p. 260.

<sup>170</sup> MELANCHTHON, F. Apologia da Confissão de Augsburgo, p 203.

em que entendeu que o perdão dos pecados e a vida eterna lhe foram dados por causa de Cristo por misericórdia<sup>171</sup>.

Ao argumentar sobre as palavras de Bernardo de Claraval, Melanchthon encontra uma teologia que se redescobre com a Reforma, dessa forma, o teólogo refere que aquilo que defende e abraça, encontra ecos no ensino dos grandes nomes da igreja. Na mesma toada, outra citação feita por Melanchthon desvela de forma ainda melhor o pensamento do Doutor da Igreja.

a vida eterna é dada como presente por causa de Cristo, por misericórdia, aos que recebem o perdão mediante a fé e não contrapõem seus méritos ao juízo de Deus, como também Bernardo diz com profunda seriedade: “Antes de tudo, é preciso crer que só podes ter o perdão dos pecados pela indulgência divina. Depois, que não podes ter nenhuma boa obra, a menos que também isso ele tenha dado. Por último, que não podes merecer a vida eterna por obra nenhuma, mas também ela é dada gratuitamente”<sup>172</sup>.

Pode-se concluir que Melanchthon reafirma o pensamento reformatório, apontando a Palavra de Deus como fonte da fé e, conseqüentemente, da esperança, estando nela o anúncio do evangelho salvador, o qual se fundamenta no Cristo. Isso reforça e dá peso a um dos sustentáculos do ensino proveniente dos reformadores, que é o da sola *scriptura* - a Palavra como fonte geracional da esperança.

Para Melanchthon, a distinção entre fé e esperança auxilia na compreensão a respeito do lugar do amor, amor esse que se apresenta nas boas obras, ou seja, nos afetos, na generosidade e na solidariedade daquele que crê. O amor é obra da fé, assim como a esperança. Para Melanchthon, as duas andam em paralelo, ambas habitam no mesmo cristão. Pode-se concluir que o ser que espera, também é um ser que esperança, ativo em obras de amor. Não se pode dissociar, como se lê em Melanchthon, a esperança e as obras como reação a fé<sup>173</sup>.

Melanchthon encontra na justiça de Cristo a essência do que se crê. A sua compreensão a respeito da justificação pela fé indica a fonte da esperança a ser nutrida na pessoa humana. Fora desse objeto certo, resta o engano e a dúvida. Qualquer outra coisa colocada no lugar de Cristo, trará desesperança ou falsa esperança. Alguém que busca encontrar esperança nas suas próprias obras, pode

<sup>171</sup> MELANCHTHON, F. Apologia da Confissão de Augsburgo, p 205.

<sup>172</sup> MELANCHTHON, F. Apologia da Confissão de Augsburgo, p. 313.

<sup>173</sup> MELANCHTHON, P. Commonplaces Loci Communes 1521.

percorrer um caminho tortuoso, quando, na verdade, esse caminho já foi feito pelo Crucificado e à pessoa basta receber e esperar.

Pode-se perceber que, em muitos aspectos, aquele pensamento primevo de Lutero vai ecoando, ao mesmo tempo que elementos que reforçam a argumentação ajudam a compreender no que se fundamenta o pensamento de Melanchthon. A esperança tem como fonte a fé na promessa e se apresenta nos olhos que esperam, bem como no amor presente em atos de resposta.

### 3.2

#### Martin Chemnitz (1522-1586)

Há um ditado do século XVII sobre Martin Chemnitz que é mais ou menos assim: “Se o Segundo Martinho não tivesse vindo, o primeiro não teria prevalecido”<sup>174</sup>. Isso se dá porque o segundo complementou e organizou a obra do primeiro. Há diferenças entre os dois na forma como trabalham e desenvolvem a sua obra, contudo, no que tange ao objetivo, o segundo estruturou e sintetizou a obra do primeiro, para que assim o ensino das Escrituras estivesse acessível. Enquanto Lutero mostra sua personalidade, seus gostos e desgostos, suas emoções, em uma linguagem forte e muitas vezes extravagante, Chemnitz não faz nenhuma dessas coisas, mas sistematicamente procede para abater os argumentos de seus oponentes por meio do ensino bíblico direto e expondo os fatos conforme estão claramente expostos nas Escrituras<sup>175</sup>. O primeiro proclamou e ensinou incansavelmente o evangelho redescoberto na Palavra; o segundo organizou a defesa doutrinária do evangelho redescoberto. A frutífera produção literária e a benéfica atividade na Igreja fazem de Chemnitz, depois de Lutero, o teólogo mais importante da história da Igreja Luterana<sup>176</sup>.

Chemnitz foi aluno de Melanchthon e dele recebeu diversas contribuições para sua formação. Em sua autobiografia, Chemnitz dá destaque para a aprendizagem que teve no que se refere ao processo para o estudo da Escritura: — ele [Melanchthon] respondeu que a luz principal e o melhor método no estudo

<sup>174</sup> PREUS, H. A. Preface. In: PREUS, H. A. SMITS. E. The Doctrine Of Man in the Writings of Martin Chemnitz and Johan Gerhard, p. VII

<sup>175</sup> PREUS, J. A. O. Chemnitz and the Book of Concordia. In: Concordia Theological Quarterly, p. 208.

<sup>176</sup> PREUS, R. D. The Theology of Post-Reformation Lutheranism, p. 48.

teológico era observar a diferença entre a Lei e Evangelho<sup>177</sup>. Esse procedimento se caracteriza especialmente por encontrar no texto da escritura preceitos e promessas, em nada diferindo do pensamento proveniente dos primeiros reformadores quanto à exegese e interpretação da Escritura. Além desse método de estudo das Escrituras, Chemnitz pensava que se a Palavra de Deus resolvesse o assunto, seria isso<sup>178</sup>, não haveria mais o que discutir e especular sobre o tema em questão. Dessa forma, Chemnitz não entrava em filosofias e alegorizações perante o que claramente se revela. Consequentemente, Chemnitz estava colocando à parte todo tipo de ensino que não fosse proveniente da Palavra ou apontasse para ela.

Chemnitz é um dos autores da “Fórmula de Concórdia”<sup>179</sup> e também o principal nome envolvido na formulação do “Livro de Concórdia” – o qual, depois de apresentado às igrejas evangélicas alemãs, foi assinado por 8.188 teólogos, pastores e professores<sup>180</sup>. A aceitação numerosa revela que havia desejo pela unificação e definição clara do ensino confessional, em razão das muitas divergências teológicas, as quais surgiram nos anos posteriores à morte de Lutero. Chemnitz desempenha um papel incessante em todo o processo e desenvolvimento desse trabalho, visto que o teólogo foi escolhido desde a época em que era bibliotecário na Universidade de Königsberg para servir como mediador entre facções beligerantes dentro do luteranismo<sup>181</sup>. O seu contato com a literatura antiga nesse período, especialmente a dos “Pais da Igreja”, foi determinante para estabelecer a defesa doutrinal e sustentar a compreensão dos temas provenientes da Escritura. Dessa forma, o “Livro de Concórdia” reúne os símbolos confessionais da igreja luterana até hoje. Ao citar os Pais em seu trabalho, também demonstra que Lutero não havia inventado algo novo, mas que sua teologia era um retorno ao ensino bíblico e contido na patrística – quando escrevem a partir da escritura.

Um dos temas abordados na “Fórmula de Concórdia” e que coopera com o estudo a respeito da esperança, é concernente à predestinação ou, como diz o título do artigo, “Da Eterna Presciência”. Essa doutrina tinha seu fundamento na

<sup>177</sup> KEMNITZ, M. An Autobiography Of Martin Kemnitz. In: Theological Quartely. V.III, n.4, p. 480.

<sup>178</sup> PREUS. J. A. O. Chemnitz and the Book of Concordia. In: Concordia Theological Quarterly, p. 205.

<sup>179</sup> Hägglund, B, História da Teologia, p 233; O texto da Fórmula de Concórdia consta no Livro de Concórdia (LC, p. 519-708), ele se divide em Epítome e Declaração Sólida.

<sup>180</sup> Introdução à Fórmula de Concórdia. In: LC, p. 524

<sup>181</sup> PREUS. J. A. O. Chemnitz and the Book of Concordia. In: Concordia Theological Quarterly, p. 202.



compreensão errônea a respeito da predestinação e estava se disseminando pelos rincões evangélicos germânicos. O perigo que preocupava Chemnitz, bem como os teólogos que o acompanhavam, era que essa doutrina traria insegurança quanto à salvação para uns e uma falsa convicção a outros.

A essa fantasia e pensamento errôneo deve contrapor-se este fundamento claro, que é certo e não pode falhar: uma vez que "toda Escritura inspirada por Deus" se destina a servir não para segurança e impenitência, mas "para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça"<sup>182</sup>, e visto que tudo na palavra de Deus nos foi prescrito não para que, com isso, fôssemos levados ao desespero, mas "a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança"<sup>183</sup>, por isso, sem sombra de dúvida, o entendimento sadio ou o uso correto da doutrina da eterna presciência de Deus de modo nenhum é que, por ela, se cause ou se fortaleça impenitência ou desespero. A Escritura nos apresenta esta doutrina com o único propósito de, por meio dela, nos remeter à palavra<sup>184</sup>, nos exortar ao arrependimento<sup>185</sup>, estimular à vida piedosa<sup>186</sup>, fortalecer a fé e nos dar a certeza de nossa salvação<sup>187188</sup>.

A preocupação de Chemnitz, bem como dos teólogos que auxiliaram na produção desse texto, era com respeito à vida cristã. O artigo combate a doutrina da predestinação, a qual pode suscitar dois sentimentos, sendo eles: a impenitência ou o desespero. O risco é de que esses dois sentimentos tragam grave prejuízo para vida cristã, já que a doutrina da predestinação inibe o arrependimento, deixa de estimular a vida piedosa e retira a certeza da salvação. Com isso, a esperança deixa de residir na pessoa pelo motivo correto, ou seja, a obra de Jesus, para esperar numa possível e duvidosa predestinação.

Por isso, se queremos pensar e falar de modo correto e proveitoso a respeito da eterna eleição ou predestinação e preordenação dos filhos de Deus para a vida eterna, devemos nos acostumar a não especular em torno da nua, secreta, oculta e insondável presciência de Deus. Pelo contrário devemos meditar o conselho, propósito e preordenação de Deus em Cristo Jesus (que é o genuíno e verdadeiro "Livro da Vida")<sup>189</sup>.

Chemnitz, a exemplo dos reformadores, busca na Escritura o fundamento e a estruturação dos seus argumentos e, se a Palavra de Deus não dá respostas a alguns

<sup>182</sup> 2Tm 3,16.

<sup>183</sup> Rm 15,4.

<sup>184</sup> Ef 1,13-14; 1Co 1,21.30-31.

<sup>185</sup> 2Tm 3,16-17.

<sup>186</sup> Ef 1,15-19; Jo 15,3-4.10.12.16-17.

<sup>187</sup> Ef 1,9.13.14; Jo 10,27-30; 2Ts 2,13-15.

<sup>188</sup> Fórmula de Concórdia. In: LC, p. 689

<sup>189</sup> Fórmula de Concórdia. In: LC, p. 689-690.

temas, o teólogo não especula sobre eles. A leitura que Chemnitz faz de Cristo como o Livro da Vida ressalta que fora de Cristo, e sem ele, não há eterna eleição. A salvação tem a ver com o Cristo e não com a percepção humana de predestinação. Se o cristão anseia pela vida eterna, é sobre Cristo que o seu nome precisa estar, assim como o nome de Cristo sobre a própria pessoa (Batismo). Sem Cristo não há esperança cristã. O que ocorre, por outro lado, é que a pessoa humana nutre uma falsa e soberba esperança, a qual a faz buscar em si mesmo sinais de que é predestinado. Por conta desse receio, Chemnitz alerta para o perigo iminente que acompanha tal doutrina.

Logo, se sou preordenado para a salvação, nada pode me prejudicar nisso, mesmo que sem arrependimento eu pratique todo tipo de pecados e coisas vergonhosas, despreze palavra e sacramento e não me preocupe com arrependimento, fé, oração ou vida piedosa. Serei e tenho de ser salvo, pois a presciência de Deus tem se ser realizada. Mas, se não sou predestinado, nada vai me ajudar, por mais que eu me atenha à palavra, me arrependa, creia etc., pois não posso impedir ou modificar a presciência de Deus<sup>190</sup>.

Segundo o ensino da predestinação, o qual Chemnitz refuta, parte das pessoas vive na desesperança e dúvida, além de abandonarem aquilo para o que são chamadas a fazer enquanto esperam; em contrapartida, os que confiam serem predestinados podem, em certos casos, ignorar o chamado à vida piedosa e de amor ao próximo ou mesmo fazê-lo pela motivação errada, pois podem acreditar que ao fazê-lo estão dando mostras de que são predestinados.

Chemnitz ressalta o viver pela fé – segundo o ensino da Justificação pela fé – o qual não encontra em si mesmo o que confirma a sua salvação, mas em Cristo, o qual é objeto onde se acha a promessa e se pode residir a confiança. Essa justiça, para Chemnitz, recebida por meio da fé em Cristo, vai então gerar tanto o amor como a esperança. Ambos – amor e esperança – podem ser confirmação à pessoa humana de que ela tem a vida eterna, pois o amor e a esperança são frutos da confiança no Cristo. Dessa forma, Chemnitz conclui o artigo referente à Justiça da fé diante de Deus, apontando para esse único e possível caminho do viver cristão.

Cremos, ensinamos e confessamos que, embora a contrição que precede e as boas obras que seguem não pertençam ao artigo da justificação diante de Deus, não se deve, contudo, imaginar uma espécie de fé possa existir e permanecer com e ao lado de um mau propósito de pecar e agir contra a consciência. Pelo contrário, depois que

---

<sup>190</sup> Declaração Sólida. In: LC, p. 689

a pessoa foi justificada pela fé, uma fé verdadeira e viva “atua pelo amor”<sup>191</sup>. Assim, as boas obras sempre seguem à fé justificante e, se a fé é verdadeira e viva, certamente as boas obras são encontradas com ela, visto que a fé nunca está só, mas sempre vem acompanhada de amor e esperança<sup>192</sup>.

Chemnitz assinala que o amor e a esperança se manifestam concomitantes e são provenientes da fé. O amor como ato do cristão é o esperar da fé, que se move em direção ao bem-estar do outro, e a esperança, como anseio pelo vindouro, são os olhos que se voltam para o futuro. Um acompanha o outro. A vida do esperançado se evidencia pelo amor presente nos seus atos. A vida de confiança em Cristo se torna solidária ao tempo em que aguarda a consumação dos séculos<sup>193</sup>.

As boas obras provêm da fé e denotam quem espera e em quem se espera. Assim, o ser humano que passa da incredulidade ao crer ou o injusto que se torna justo, pelos méritos de Cristo, vai conseqüentemente amar como resposta e espera como confiança na promessa. Nesse sentido, Chemnitz analisa a pessoa que é justificada por meio da fé.

justificação, que não é apenas a remissão dos pecados, mas também a santificação e renovação do homem interior através da aceitação voluntária da graça e dos dons pelos quais uma pessoa injusta se torna justa e uma o inimigo torna-se amigo, para ser herdeiro segundo a esperança da vida eterna. [...] Pois embora ninguém possa ser justo a menos que os méritos da paixão de nosso Senhor Jesus Cristo sejam comunicados a ele, isso ocorre nesta justificação dos ímpios, quando através do mérito desta santíssima Paixão o amor de Deus é derramado pelo Espírito Santo nos corações daqueles que são justificados e é inerente a eles. Portanto, nessa justificação o homem recebe, junto com o perdão dos pecados, todas essas coisas infundidas por Jesus Cristo, em quem está implantado pela fé: a esperança e o amor. Pois a fé, a menos que a esperança e a caridade sejam acrescentadas a ela, não se une perfeitamente a Cristo, nem torna alguém um membro vivo de Seu corpo. Por esta razão, é dito mais verdadeiramente que a fé sem obras é morta e inútil, e que “em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor”<sup>194195</sup>.

---

<sup>191</sup> Gl 5,6.

<sup>192</sup> Fórmula de Concórdia. In: LC, p.536.

<sup>193</sup> Mt 13,49.

<sup>194</sup> Gl 5,6

<sup>195</sup> CHEMNITZ, M. Examination of the Council of Trent part 1, p. 460: justification itself, which is not only the remission of sins but also the sanctification and renewal of the inner man through voluntary acceptance of grace and of the gifts by which an unjust person becomes a just one and an enemy becomes a friend, that he may be an heir according to the hope of eternal life. [...] For although no one can be righteous unless the merits of the passion of our Lord Jesus Christ are communicated to him, yet this takes place in this justification of the ungodly when through the merit of this most holy passion the love of God is poured out by the Holy Spirit into the hearts of those who are justified and inheres in them. Therefore in that justification man receives, together with the forgiveness of sins, all these things infused through Jesus Christ, in whom he is implanted through faith: hope and love. For faith, unless hope and charity are added to it, neither unites perfectly with Christ nor makes one a living member of His body. For this reason it is most truly said that faith

Dessa forma, Chemnitz assevera que a partir da fé, que confia no Crucificado, decorre as boas ações em amor, bem como a esperança que sustenta a pessoa justificada. Isso revela que aquele sujeito é membro do corpo vivo de Cristo. Dessarte, os efeitos mostram a causa e, quando os efeitos cessam, podemos concluir que a causa também não existe de fato<sup>196</sup>, segundo Chemnitz. Isso quer dizer que se não há amor – a exemplo de Cristo – e nem esperança, pode-se pensar que o objeto da fé, no qual a pessoa se ancora, não seja o objeto certo, a saber, Cristo Jesus. Isso porque se faltar o amor e a esperança, falta-lhes o que é fontal para tanto, a fé justificadora. Esse aspecto pode dar ao cristão uma firme e inabalável confiança, já que retira de si os sinais da predestinação e, ao fundamentar sua confiança em Jesus, o fruto proveniente será esperança e amor.

Em Hebreus 6,19<sup>197</sup> temos a figura muito reconfortante da âncora. Pois quando uma âncora cai na areia movediça, ela não consegue segurar o navio com firmeza; mas quando é lançada sobre um fundo firme, ela mantém o navio seguro contra todas as ondas. Assim, diz ele, a âncora da nossa esperança foi lançada no próprio céu e, de fato, no lugar onde Cristo é nosso Sumo Sacerdote, que agarra, aperta e segura esta âncora, como Ele diz, João 10,28: “Ninguém os arrebatará da Minha mão”, e como diz Paulo, Fp 3,12: “prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus”. Assim, Rm 5,1-2: “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus”. Da mesma forma: “a esta graça na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus”<sup>198</sup>.

Chemnitz distingue a fé da esperança, mas reconhece que são parecidas em seu significado. Isso pode se depreender quando se retrata a esperança ancorada no céu. Assim como a fé cristã está sustentada em Cristo, assim também Chemnitz usa a esperança, que ancorada não permite que se solte, mesmo que as tempestades castiguem aquele que espera. Em seus estudos da língua grega, para melhor compreensão do texto sagrado, Chemnitz verifica que a substituição de fé por

---

without works is dead and useless, and that “in Christ Jesus neither circumcision nor uncircumcision avails anything, but faith which works by charity.” Tradução livre.

<sup>196</sup> CHEMNITZ, M. *Loci Theologici*. Part II, p. 1038.

<sup>197</sup> Hebreus 6,19-20 “Temos esta esperança por âncora da alma, segura e firme e que entra no santuário que fica atrás do véu, onde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”.

<sup>198</sup> CHEMNITZ, M. *Examination of the Council of Trent* part 1, p. 594: In Heb. 6:19 we have the very comforting figure of the anchor. For when an anchor falls into quicksand,<sup>86</sup> it cannot hold the ship firmly; but when it is cast onto a firm and retentive bottom, it holds the ship firmly against all waves. Thus, he says, the anchor of our hope has been cast into heaven itself, and indeed at the place where Christ is High Priest for us, who grasps, fastens, and holds this anchor, as He says, John 10:28: “No one shall snatch them out of My hand,” and as Paul says, Phil. 3:12: “To make it my own, because Christ Jesus has made me His own.” Thus Rom. 5:1–2: “Since we are justified by faith, we have peace with God.” Likewise: “We stand in the grace of God, and rejoice in our hope of sharing the glory of God.” Tradução livre.

esperança é possível em ambos os termos e em vários casos. Erasmo é citado para sustentar seu argumento tendo em vista o seu notável saber linguístico.

devemos mostrar que este significado da palavra “fé” não está em conflito com o uso comum do grego. Existem muitos casos em que é usado no sentido de “confiança”. Erasmo já viu e notou isso em seu tratamento de Hebreus 10 e Romanos 1, onde ele diz que as Sagradas Escrituras frequentemente usam “fé” para expressar a ideia de “confiança” em Deus, então que o significado é quase o mesmo que “esperança”<sup>199</sup>.

Dessa forma, Chemnitz demonstra que a correlação entre ambas, fé e esperança, ocorre na própria Escritura. A Palavra de Deus, então, não só abre essa possibilidade, como indica para onde essa fé olha, espera e de onde emana. Assim como a esperança se ancora no céu, como escreveu Chemnitz, assim também a esperança se apoia cá embaixo, na cruz, no sacrifício vicário. Chemnitz alarga essa compreensão ressaltando que a esperança para o ser humano, se olha para o crucificado, dele espera que haja perdão pelo mal cometido.

E o que é o sacrifício, exceto o que foi oferecido por nós? O sangue inocente derramado apagou todos os pecados do culpado. Portanto, “contigo está o perdão”<sup>200</sup>. Pois se não houvesse perdão contigo, se apenas quisesses ser o juiz e não quiseste ser misericordioso, se marcasses todas as nossas iniquidades e as investigasses, quem resistiria? Quem ficaria diante de você e diria: “Eu sou inocente?” Quem ficaria em seu julgamento? Portanto, a única esperança é que haja perdão em ti<sup>201</sup>.

Chemnitz parece apontar para a confiança que move semanalmente o povo de Deus de volta aos templos, pois ali é oferecido visualmente o perdão – Palavra, Batismo e Eucaristia. Chemnitz não cita o ato litúrgico, mas é nele que o anúncio e a proclamação do perdão que o Crucificado oferta são concedidos, estando a esperança a mover os corpos a regressar e a ouvir as preciosas palavras “os teus pecados estão perdoados, vá em paz”.

<sup>199</sup> CHEMNITZ, M. *Loci Theologici* Part II, p. 912: Finally, we must show that this meaning of the word “faith” is not in conflict with the common Greek usage. There are many instances where it is used in the sense of “trust.” Erasmus already saw and noted this in his treatment of Hebrews 10 and Romans 1, Where he says that the Holy Scriptures frequently use “faith” to express the idea of “trust” in God, so that the meaning is nearly the same as “hope.” Tradução livre.

<sup>200</sup> SI 130,4.

<sup>201</sup> CHEMNITZ, M. *Examination of the Council of Trent* part 1, p. 508: And what is the sacrifice except what has been offered for us? The out-poured innocent blood has blotted out all sins of the guilty. Therefore ‘with You there is forgiveness.’ For if there were no forgiveness with You, if You only wanted to be the judge, and were not willing to be merciful, if You should mark all our iniquities and investigate them, who could stand? Who would stand before you and say, ‘I am innocent?’ Who would stand in Your judgment? Therefore the only hope is that there is forgiveness with You.” Tradução livre.

Chemnitz tem uma vasta obra de defesa do ensino evangélico, apesar de serem poucas as vezes em que se dedica ao tema da esperança. Contudo, percebe-se que o teólogo encontra na esperança a resposta e explicação para assuntos relevantes à vida cristã. Ao fazer a leitura do texto sagrado, tendo em vista a lei e o evangelho como norteadores, percebe-se que Chemnitz apresenta a esperança de formas distintas – por vezes apontando para a vida eterna; em outras, desvelando a fé como sendo sua fonte e sinônimo e, ainda, quando a esperança move o corpo místico de Cristo novamente a sua proclamação de perdão na esperança de que ele seja concedido novamente.

Destaca-se ainda a preocupação de Chemnitz quanto ao objeto no qual reside a confiança do cristão. O combate ao ensino da preordenação de Deus – seja para salvação, seja para condenação – traz mais prejuízo para o viver cristão do que benefícios. Por isso o foco e o lugar da esperança, segundo Chemnitz, precisam residir naquele de quem provém a promessa e o cumprimento, a saber, o Cristo.

Chemnitz ressalta a resposta que ocorre na vida daquele que vem a crer. A pessoa que é justificada pela fé, ou seja, salva por meio de Cristo unicamente, responde em amor e esperança, amor para com o seu semelhante e, pode-se incluir, para com a criação, bem como a esperança que move o viver um dia após o outro aguardando o que foi prometido para o tempo vindouro. Dessa forma, a esperança se torna presente e parte integrante do cristão.

### 3.3

#### John Gerhard (1582-1637)

Johann Gerhard é considerado o terceiro proeminente teólogo luterano depois de Lutero e Chemnitz<sup>202</sup>. Esse reconhecimento se dá pela sua monumental obra, o que também ocorre com os dois teólogos que o precederam. Gerhard escreveu muitos livros em quase todos os campos teológicos: exegese, teologia dogmática, literatura devocional, história e polêmicas<sup>203</sup>. Gerhard foi profícuo no seu trabalho, o que se revela na ampla quantidade de material produzido. Chama a atenção seu conhecimento pormenorizado da Escritura e dos Pais<sup>204</sup>, o que o atesta como um

<sup>202</sup> PREUS, R. The Theology of Post-Reformation Lutheranism. vol.1, p. 53.

<sup>203</sup> PREUS, R. The Theology of Post-Reformation Lutheranism. vol.1, p. 53.

<sup>204</sup> DREHER, M. N. A igreja latino-americana no contexto mundial, P. 96.

dos grandes teólogos luteranos. Seus sermões foram publicados e lidos avidamente. Em seu célebre *Loci Theologici*, Gerhard manifesta uma profunda piedade evangélica, uma forte tendência sistemática e filosófica<sup>205</sup>. Sua produção sustentou o ensino evangélico luterano nos séculos que se seguiram<sup>206</sup>.

Gerhard segue os caminhos da Reforma no que tange a importância dada à Sagrada Escritura, reconhecendo-a como superior à tradição no que se refere ao que ensina. Mas, ao mesmo tempo, o método analítico adotado por Gerhard atribui ao pensamento sistemático uma posição privilegiada em relação à Escritura<sup>207</sup>. Dessa forma, o ensino a respeito de temas específicos da teologia, que até então poderiam estar fundamentados em apenas uma fração do texto bíblico, é abordado e desenvolvido na amplitude do ensino escriturístico. Contudo, esse método também rendeu críticas, já que tornou o conhecimento teológico um tanto quanto enfadonho. Isso se deu pois, ao contrário de Lutero - que buscou tornar a teologia acessível ao povo - a ortodoxia, da qual Gerhard é considerado um dos precursores, tornou-se sempre mais erudita, formalista e árida<sup>208</sup>.

Gerhard foi professor, mas diferente do seu exaustivo trabalho sistemático, ele foi admirado como educador. No ano de 1616, em seu retorno à cidade de Jena, ele se torna o mais famoso e estimado docente naquela instituição. Sua habilidade em ensinar e sua bondade o tornaram querido por todos os seus alunos. Durante seu tempo em Jena, as pessoas vinham de longe e de perto em busca de seus conselhos, assim como haviam procurado Lutero um século antes<sup>209</sup>. Isso revela o lado pastoral de Gerhard, lado esse que é possível encontrar em diversas das suas obras. Dessa forma, vê-se que Gerhard está preocupado em relacionar teologia à vida cristã. Se em Lutero ouvimos a voz do profeta e em Chemnitz a voz do erudito, então a voz de Gerhard é a voz do pastor evangélico, o pastor das almas e o homem de sabedoria<sup>210</sup>. Assim sendo, parte do seu trabalho se destaca por essa sensibilidade para temas que tocam a existência humana. No seu “Manual do Conforto para Pessoas Doentes”, Gerhard revela esse traço ao encorajar seus leitores a uma vida sob a esperança.

<sup>205</sup> PREUS, R. The Theology of Post-Reformation Lutheranism. vol.1, p. 53.

<sup>206</sup> PREUS, R. The Theology of Post-Reformation Lutheranism. vol.1, p. 159

<sup>207</sup> JEDIN, H. Manual de Historia de la Iglesia. Tomo IV, p. 761.

<sup>208</sup> DREHER, M. N. A igreja latino-americana no contexto mundial, p. 96.

<sup>209</sup> PREUS, R. The Theology of Post-Reformation Lutheranism. vol.1, p. 53.

<sup>210</sup> SMITS, E. Johann Gerhard. In: PREUS, H. A. SMITS, E. The Doctrine of Man in the writings of Martin Chemnitz and Johann Gerhard, p. 222.

Se sua consciência o puxa para baixo, não permita que isto o afaste da esperança e confiança em Cristo. Nas feridas de Cristo você tem o firme fundamento para a confiança. Ele o cobre com a correnteza de sua misericórdia, que jorra para você. O sofrimento de Jesus Cristo, nosso Salvador, é seu refúgio. Se sua sabedoria é loucura, se sua justiça nada é, se você só merece ira e condenação, o sofrimento de Cristo pode-lhe ajudar. A fé salvadora olha para o Cristo na cruz, de suas feridas verte o bálsamo para nossas feridas, confie nele de coração, vista-se com os méritos de Cristo<sup>211</sup>.

A sensibilidade que Gerhard apresenta, no que se refere à vida cristã e aos sofrimentos que a pessoa humana passa, impele aquele que sofre a esperar no Cristo. No entanto, mais do que apenas direcionar o que passa por angústias a esperar no Crucificado, a vida e o ensino de Gerhard também apontam no sentido do amor cristão. Isso porque, como Gerhard refere, se um membro no corpo de Cristo sofre, mas o outro não sofre com ele, certamente é um membro morto, não tendo o espírito de vida<sup>212</sup>. Assim, segundo Gerhard, se demonstra que não apenas a esperança em Cristo é parte integrante do ser, mas a fé viva e eficaz, a qual sente e chora com a pessoa que passa por angústias e sofrimentos. Essa é uma perspectiva pastoral do teólogo que alude ao amor cristão e ao esperar da fé.

Para Gerhard, o valor do conhecimento da Escritura molda a vivência do cristão chegando ao ponto de dizer que ela o torna perfeito<sup>213</sup>. Isso porque, como argumenta Gerhard, todo o ensino correspondente da Palavra leva a virtudes, as quais são concedidas pela aprendizagem e assentimento das verdades bíblicas. Pensando dessa forma, Gerhard também reforça que há a incumbência do conhecimento da Palavra, por parte daquele que professa a fé, para que com isso seja desenvolvido na pessoa aquilo que é a vontade de Deus. Dentre as virtudes desenvolvidas, uma delas é a esperança, a qual concede vigor ao ser humano para suportar as adversidades cotidianas, como avigora o teólogo.

Existem três responsabilidades para o cristão verdadeiramente piedoso: conhecer a verdade, fazer o bem, suportar os males. Consequentemente, também contamos três virtudes principais e cardeais de um cristão: “fé, amor e esperança”. À fé pertence o conhecimento da verdade; ao amor, fazer o bem; à esperança, a resistência do mal. [...] consequentemente há cinco responsabilidades ao todo que são exigidas na perfeição do cristão piedoso: o ensino e a repreensão referem-se ao conhecimento da verdade; a instrução e a correção referem-se a fazer o bem; e o encorajamento diz respeito à paciência e perseverança no mal. Por tudo isso, a Escritura não é apenas

<sup>211</sup> GERHARD, J. Manual Do Conforto Para Pessoas Doentes, p. 32.

<sup>212</sup> SMITS, E. Johann Gerhard. In: PREUS, H. A. SMITS, E. The Doctrine of Man in the writings of Martin Chemnitz and Johann Gerhard, p. 221.

<sup>213</sup> GERHARD, J. On the Natural of Fheology and Scripture, §363.



útil, mas também suficiente, dessa forma é correto dizer que ela torna o homem perfeito<sup>214</sup>.

Gerhard argumenta no sentido de uma perfeição possível proveniente da Palavra que emerge do conhecimento da verdade escriturística e da sua aplicação plena. Contudo, Gerhard não defende que isso é realizável à pessoa humana por suas próprias virtudes e ações. O valor intrínseco de transformação que há na Palavra de Deus não lhe é retirado. Isso porque o teólogo reconhece que a pessoa é cega e ignorante; em boas ações, negligente e carente; na tolerância do mal, fraca e impaciente<sup>215</sup>. O que remete ao mal que é próprio do humano e que milita contra o Espírito<sup>216</sup>. Assim sendo, apenas por meio da Palavra Gerhard encontra respostas para uma esperança que vivifica o ser diante de suas fraquezas, impaciências e abatimentos provenientes do mal.

O pecado não permite à pessoa humana chegar à perfeição na existência presente, como alude Gerhard. Mesmo após o batismo, sendo ele para o perdão dos pecados, o problema do mal que recebido na concepção<sup>217</sup> do ser humano não é sanado. Os traços da maldade inerentes à pessoa, mesmo após o batismo, acompanham-no por toda a vida dando mostras da situação humana e reprimindo as virtudes ofertadas na Palavra – afetando a própria esperança. Nesse ponto se tem em vista a vida do cristão, a qual foi alcançada pela promessa e é salva por meio da fé no Crucificado. Gerhard cita Agostinho, o qual atesta o argumento quando trata da pessoa que é justa (justificada pela fé), mas ainda assim é acompanhada do pecado – vê-se que este homem de Deus pertence ao número dos bem-aventurados de quem foi dito: ‘Bem-aventurado aquele a quem o Senhor jamais atribuir pecado’<sup>218</sup>. Dessa forma, Gerhard também confessa os pecados dos justos, afirmando que os justificados colocam sua esperança na misericórdia de Deus ao

---

<sup>214</sup> GERHARD, J. On the Natural of Theology and Scripture, §363: there are three responsibilities for the truly devout Christian: to know the truth, to do good, to endure evils. Consequently, we also count three chief and cardinal virtues of a Christian: “faith, love, and hope.” To faith belongs a knowledge of the truth; to love, the doing of good; to hope, the endurance of evil.[...] consequently there are five responsibilities altogether that are required in the perfection of Christian piety: teaching and reproof have respect to the knowledge of the truth, instruction and correction have respect to doing good, and encouragement has respect to the patient endurance of evil. For all these, Scripture is not only useful but is also sufficient, so it is right to say that it makes a man perfect. Tradução livre.

<sup>215</sup> GERHARD, J. On the Natural of Theology and Scripture, §363.

<sup>216</sup> Gl 5,17.

<sup>217</sup> Sl 51,5

<sup>218</sup> Rm 4,8; Sl 32,2.

invés de confiar em sua própria justiça<sup>219</sup>. A afirmação de Agostinho é que independentemente de pertencer ao povo de Deus por meio do Batismo, o pecado estará presente. Lutero chama a isso de *simul justus et peccator* – simultaneamente justo e pecador. Consequentemente, e agora resgatando o argumento de Gerhard, também está presente a imperfeição no ser humano, a ponto de as virtudes concedidas – fé, esperança e amor – estarem manchadas pelo mal, serem incompletas e imperfeitas. No entanto, a esperança se sustenta na promessa vindoura, pois a conjuntura existencial não permite esperar uma perfeição presente; por mais que o pecado não seja atribuído ao justo, ainda assim o mal está presente na carne<sup>220</sup>.

Todos os pecados são perdoados no Batismo e que, no entanto, deve haver uma luta contra os vícios carnis. Nessa disputa, os próprios renascidos às vezes são atingidos por um dardo hostil e, consequentemente, não podem lisonjear-se com a ideia de que têm um coração puro e imaculado, razão pela qual a perfeição plena só deve ser esperada na vida por vir. Os pecados diários de fraqueza surgem da carne e, portanto, dão testemunho de que o pecado ainda habita na carne. Os pensamentos corruptos que às vezes surgem, apesar de nossa má vontade, testificam que o coração ainda está corrupto e não é completamente imaculado<sup>221</sup>.

A pessoa humana não pode lutar sozinha contra o mal que lhe atinge como dardos e nem consegue fazer o que é certo, segundo a vontade de Deus, pelas próprias forças e sem orientação e expectativa. Ao cristão é concedido, em certa medida, forças para enfrentar e lutar contra os males que o assolam. No entanto, depreende-se que a fé, e consequentemente a esperança e o amor, se nutrem na Palavra com vistas à promessa vindoura, assim podendo-se suportar o presente. Gerhard afirma que Deus se revela na Escritura e instrui as pessoas na verdade, levando-as a fazer o bem, e as encoraja a suportar adversidades para este propósito: que possam finalmente compartilhar na salvação eterna<sup>222</sup>. Na esperança *parusíaca*, Gerhard destaca a finalidade da vivência sob a Palavra.

<sup>219</sup> GERHARD, J. On Sin and Choice: Theological Commonplaces, §64.

<sup>220</sup> Rm 8,3.

<sup>221</sup> GERHARD, J. On Sin and Choice: Theological Commonplaces, §65: that all sins are forgiven in Baptism and that nonetheless there must be a struggle with carnal vices. In this contest, the reborn themselves are at times smitten by a hostile dart and, consequently, cannot flatter themselves with the idea that they have a pure and spotless heart, for which reason full perfection must only be hoped for in the life to come. The daily sins of weakness arise from the flesh and therefore bear witness that sin is still dwelling in the flesh. The corrupt thoughts which creep in at times despite our unwillingness testify that the heart is still corrupt and is not totally spotless.

<sup>222</sup> GERHARD, J. On the Natural of Theology and Scripture., §364.

O teólogo sustenta e batalha em suas obras pela teologia que leciona, contudo, percebe-se em seus escritos o intento quanto à conformidade entre aqueles que estarão unidos na eternidade, a saber, os que creem no Cristo. Gerhard se refere à esperança cristã destacando-a do chamado à piedade e ao serviço – mesmo reconhecendo que ambas são parte da caminhada comportamental do cristão. Seu argumento se refere ao sujeito escático, o qual no presente age na busca da conformidade entre os que professam a mesma esperança. Pode-se dizer que há no teólogo um apreço pela questão ecumênica, ao mesmo tempo que uma preocupação – tendo em vista seu trabalho – com a questão doutrinária. Gerhard intenta a respeito da unidade, ao tempo que se mantém no que acredita ser o ensino bíblico mais acertado.

Embora nesta vida os devotos tenham vocações e dons diferentes<sup>223</sup>, não obstante, há um chamado geral para todos à piedade e ao serviço de Deus, também uma esperança de chamado apresentado a todos em Cristo, a saber, vida eterna. Na verdade, Deus prometeu as recompensas da vida eterna a todos os que acreditam em Cristo e perseveram na verdadeira fé e na busca da piedade. 2Tm 4,8: “Não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda”. Não é apropriado que aqueles que serão vitoriosos juntos no céu estejam em desacordo na terra<sup>224</sup>.

Gerhard desenvolve sua premissa quanto a unidade entre os cristãos na união trinitária, a qual se revela no amor, paz e harmonia entre as pessoas da Santíssima Trindade. Isso, por si só, já deveria mover os crentes à união espiritual no corpo místico de Cristo, pois não é certo que os membros do mesmo corpo discordem uns dos outros, admite Gerhard. A união dos crentes entre si e com Cristo - por meio da qual se tornam membros do único corpo místico cuja cabeça é o Senhor - é criada pelo Espírito Santo, que é o vínculo dos crentes entre si e com Cristo<sup>225</sup>.

Gerhard sustenta que não é adequado àqueles que compartilham a mesma esperança estarem em desacordo neste tempo. Não se pode ter expectativa quanto ao futuro, ser imerso pela mesma graça, e ainda estar em conflito dado que há, aparentemente, uma mesma unidade de fé, a qual Gerhard define da seguinte forma:

<sup>223</sup> 1Co 1,17.

<sup>224</sup> GERHARD, J. On The Nature of God and on the Trinity, §103,3: Although in this life the devout have different callings and different gifts (1 Cor. 7:17), nevertheless there is one general calling for all to piety and to the service of God, also one hope of calling set forth to all in Christ, namely, eternal life. In fact, God has promised the rewards of eternal life to all who believe in Christ and persevere in true faith and the pursuit of piety. 2 Tim. 4:8: “Not only to me but to all who love His coming.” It is not fitting that those who will be victorious together in heaven should be at variance on earth. Tradução livre.

<sup>225</sup> GERHARD, J. On The Nature of God and on the Trinity, §103,2.

Assim como existe um Evangelho pelo qual todos nós somos chamados à esperança da vida eterna, assim também uma fé une e une todos os que creem, uma vez que é acesa pelo Espírito Santo com a pregação do Evangelho. Portanto, porque suas mentes estão unidas pela unidade da fé, não é apropriado que suas vontades estejam em desacordo uma com a outra<sup>226</sup>.

Gerhard trabalha os temas concernentes à unidade cristã tendo em mente a vida vindoura. O teólogo levanta o questionamento de como grupos cristãos podem se reconhecer como tendo a mesma esperança e, no entanto, estarem separados como corpo de Cristo. Se o destino é o mesmo, por quê se caminha separado enquanto peregrina neste tempo?

Por conta da perspectiva vindoura, a morte se tornou um dos grandes temas das meditações de Gerhard. À vista disso, é preciso manter a morte diante dos olhos para tornar a vida realmente significativa e responsável, pois, dessa forma, se espera a vinda de Senhor e durante toda a vida se torna imprescindível estar preparado para encontrá-lo<sup>227</sup>. A pessoa vai esperar, não apenas porque espera o vindouro, mas porque sua vida encontra razão de ser e se torna diligente e ativa no presente em amor.

Gerhard analisa de forma didática o decálogo, onde aponta qual dos mandamentos pertence a esperança. No seu estudo a respeito do primeiro mandamento – “Eu sou o Senhor, seu Deus. Não tenha outros deuses diante de mim”<sup>228</sup> - Gerhard explica que não devemos ter outros deuses, mas devemos ter o único Deus verdadeiro, então certamente devemos reconhecê-lo corretamente com base em sua Palavra<sup>229</sup>. A Escritura revela quem é o Deus do primeiro mandamento, dessa forma argumenta Gerhard:

Se Deus é o nosso Deus, isto é, o nosso Deus que tornou conhecida a sua bondade em sinais claros, certamente devemos ter esperança nEle. Consequentemente, também a esperança pertence ao primeiro mandamento. Sl 7,1 “Ó Senhor meu Deus, em Ti espero”. Da fé, esperança e amor vem a paciência, que rende a Deus a obediência nas calamidades com calma de espírito. Pois se realmente cremos que a

<sup>226</sup> GERHARD, J. On The Nature of God and on the Trinity, §103,5: As there is one Gospel by which we all are called to the hope of eternal life, so also one faith unites and conjoins all who believe as it is kindled by the Holy Spirit from the preaching of the Gospel. Therefore because their minds are joined together by the unity of faith, it is not proper that their wills be at variance with one another. Tradução livre

<sup>227</sup> SMITS, E. Johann Gerhard. In: PREUS, H. A. SMITS, E. The Doctrine of Man in the writings of Martin Chemnitz and Johann Gerhard, p. 222.

<sup>228</sup> Êx 20,2-3.

<sup>229</sup> GERHARD, J. On the Law, §57,1.

cruz foi colocada sobre nós por Seu propósito paternal e que a ajuda de Deus brilhará sobre nós no final, então por que recusaríamos assumir o jugo da cruz?<sup>230</sup>

Ao desenvolver seu argumento, Gerhard coloca a esperança no primeiro mandamento, no lugar em que se reconhece o único e suficiente Deus. Assim, Gerhard abre uma nova perspectiva, que é a vida sob a cruz, a qual reconhece que mesmo em tempos contrários ao bem-estar, ainda assim o cristão pode reconhecer-se sob a poderosa mão de Deus. A partir do conhecimento da majestade divina, se reconhece que tudo o que é proveniente de Deus é bom. Viver sob a cruz, segundo a teologia da cruz apresentada por Gerhard, é reconhecer a fraqueza humana e os limites da vocação, na qual Deus o inseriu<sup>231</sup>. Gerhard apresenta a perspectiva bíblica da situação humana. Além disso, refere as ações e permissões de Deus que englobam o primeiro mandamento.

Os preceitos de Deus foram dados ao povo para que eles os cumprissem, contudo, se isso fosse realmente possível ao ser humano, a vinda do menino-Deus não teria sido necessária, o Pai não precisaria tê-lo enviado. No entanto, a fraqueza humana se estende no cumprimento da Lei do Decálogo. Gerhard desenvolve explicação teológica para a vida prática do cristão, porém o teólogo sabe que o realizar não está na capacidade humana, isso porque as pessoas não têm mais a liberdade de escolher pelo bem e o mal, como o era antes da queda.

Mas não se pode nem se deve concluir que o homem pode guardar toda a Lei, muito menos que o poderia fazer por sua própria liberdade de escolha, pois “o mandamento que me havia sido dado para vida” por conta da corrupção de nossa natureza “esse se tornou mandamento para morte” (Rm. 7,10). “Porque aquilo que a lei não podia fazer, por causa da fraqueza da carne, isso Deus fez, enviando o seu próprio Filho” (Rm. 8,3). Assim, na observância dos mandamentos, a esperança da vida não está mais em nós mesmos, mas em Cristo, que “Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê” (Rm. 10,4)<sup>232</sup>.

<sup>230</sup> GERHARD, J. On the Law, §57,5-6: If God is our God, that is, our God who has made known His goodness in clear signs, surely we must hope in Him. Accordingly also hope belongs to the First Commandment. Ps. 7:1: “O Lord my God, in You do I hope.” From faith, hope, and love comes patience [patientia], which renders to God obedience in calamities with calmness of spirit. For if we truly believe that the cross is placed upon us by His fatherly purpose and that the help of God will shine upon us in the end, then why would we refuse to take up the yoke of the cross? Tradução livre.

<sup>231</sup> GERHARD, J. On the Law, §57,7.

<sup>232</sup> GERHARD, J. On Sin and Choice, §78: But it neither can nor ought to be concluded from this that man can keep the whole Law, much less that he could do it by his own powers of free choice, for “the commandment given us for life” on account of the corruption of our nature “is found to produce death” (Rom. 7:10). “What was impossible for the Law because it was weakened by the flesh God has done by sending His own Son” (Rom. 8:3). Thus, in the keeping of the Commandments, the hope of life lies no longer in ourselves but in Christ, who “is the end of the Law for the righteousness of everyone who believes” (Rom. 10:4). Tradução livre.

Para Gerhard, o fundamento da esperança cristã está em Cristo, pois ao ser humano não é possível cumprir o decálogo, Cristo o cumpre; ao ser humano não é possível escolher o bem – segundo a vontade de Deus –, Cristo perfaz a vontade do Pai. Jesus é revelado aos cristãos e é o objetivo da fé central das Escrituras, o fundamento de esperança e salvação. Nele está o coração e a alegria do Pai Celeste e, por essas razões, Ele também é honrado com vários louvores e nomes nas Escrituras<sup>233</sup>.

Gerhard reconhece o pecado humano como parte do que afeta a esperança cristã. As dúvidas acompanham o esperar humano, até mesmo no que tange à responsabilidade presente e a significação da vida, isso quando a perspectiva vindoura não nutre a vivência presente. A premissa de Gerhard está na Palavra como parte fundamental para a esperança e para o esperar, no entanto, o teólogo alerta para o perigo decorrente da razão humana, quando esta se coloca à parte ou acima da Escritura, pois a experiência atesta que a razão humana tem sido a pior tentadora de suas próprias inclinações<sup>234</sup>. Pode-se aferir esse pensamento no intento do teólogo ao tratar do assunto da unidade daqueles que possuem a mesma esperança, ao mesmo tempo em que Gerhard firma os pés na teologia bíblica, o que acentua as divisões naquele século.

### 3.4

#### **Carl Ferdinand Wilhelm Walther (1811-1887)**

Walther foi o líder teológico do Sínodo de Missouri<sup>235</sup>. Sua atividade como presidente, pastor e professor repercute na igreja luterana até o presente, pois, assim como os escritos de Martinho Lutero continuaram a influenciar a Igreja Luterana vários séculos após sua morte, Walther permanece uma influência formativa, tanto no Sínodo de Missouri quanto em sua igreja parceira<sup>236</sup>. Além disso, há a influência da teologia da Reforma em sua obra, a qual é evidente até mesmo sem suas prédicas. A igreja luterana não estava organizada, pelo menos não o grupo germânico do qual

<sup>233</sup> GERHARD, J. On Christ, §23.

<sup>234</sup> GERHARD, J. On the Natural of Theology and Scripture, §474,2

<sup>235</sup> THREINEN, N. C.F.W. Walther: Model of Spiritual Formation in a Confessional Lutheran Context, p. 65.

<sup>236</sup> THREINEN, N. C.F.W. Walther: Model of Spiritual Formation in a Confessional Lutheran Context, p. 65.

Walther fazia parte. Após algumas divergências entre os imigrantes, Walther se tornou líder daquela comunidade, tornando-se o construtor do maior grupo protestante individual de germano-americanos<sup>237</sup>. Estava à frente da nascente igreja luterana nos Estados Unidos, conseqüentemente, tudo o que ele disse, escreveu, fez ou aprovou em questões religiosas foi considerado como se o próprio Sínodo o tivesse dito, escrito, feito ou aprovado<sup>238</sup>. Nas múltiplas tarefas eclesiais às quais Walther se dedicava frente ao grupo, tudo era sustentado sobre um fundamento reformista. A herança teológica da Reforma o acompanhava nas suas incumbências. Sua pregação, sua escrita convincente e sua habilidade na organização o impulsionaram oito anos depois para a presidência do recém-organizado Sínodo Evangélico de Missouri, Ohio e outros estados, cargo que ocupou por quatro décadas<sup>239</sup>.

Imigrante alemão, Walter moldou sua época adaptando os ensinamentos de Lutero às necessidades dos imigrantes alemães do século XIX<sup>240</sup>. Sua formação se inicia ainda na Alemanha. Além de vir de uma longa linhagem de pastores, Walther estudou na universidade de Leipzig<sup>241</sup>, um dos redutos da teologia da reforma, cidade onde desempenhou um papel importante na biografia de Lutero<sup>242</sup>. Nesse interim, se constata que sua formação foi determinante para a expressão permanente do seu trabalho. Conta-se que na Universidade de Leipzig, Walther recebeu uma educação teológica completa, podendo citar extensamente os escritos de Lutero<sup>243</sup>.

Walther foi profícuo na produção de homilias. Para se ter ideia do quão relevante foi sua dedicação como pregador, os seus sermões foram organizados e publicados em 1800 e logo se tornaram *best-sellers*. Em um período de onze anos esse compêndio foi republicado oito vezes, vendendo vinte mil cópias<sup>244</sup>, número expressivo tendo-se em vista o contexto da época. Além de expressar a importância de Walther para a ocasião, esses dados revelam seu extraordinário dom como pregador<sup>245</sup>.

<sup>237</sup> KOLB, R. C.F.W. Walther, Interpreter of Luther on the American Frontier, 469.

<sup>238</sup> THREINEN, N. C.F.W. Walther: Model of Spiritual Formation in a Confessional Lutheran Context, p. 65.

<sup>239</sup> BARNBROCK, c. Introduction, 2013, p, XIII; KOLB, R. C.F.W. Walther, Interpreter of Luther on the American Frontier, 470.

<sup>240</sup> KOLB, R. C.F.W. Walther, Interpreter of Luther on the American Frontier, 469.

<sup>241</sup> KOLB, R. C.F.W. Walther, Interpreter of Luther on the American Frontier, 469.

<sup>242</sup> Keßler, M. Leipzi, p. 648.

<sup>243</sup> KOLB, R. C.F.W. Walther, Interpreter of Luther on the American Frontier, 470.

<sup>244</sup> BARNBROCK, c. Introduction, p, XIII.

<sup>245</sup> BARNBROCK, c. Introduction, p, XIII.

Um dos trabalhos mais celebrados de Walther são as suas preleções a respeito da correta distinção entre Lei e Evangelho. O livro é um compilado de transcrições de alunos dos encontros que ocorriam semanalmente entre os anos de 1884 e 1885<sup>246</sup>. Os temas abordados são os mais distintos da teologia bíblica e as fontes teológicas, diversas. Isso se evidencia nos teólogos que Walther leu e que podem ser encontradas em suas palestras sobre a lei e o evangelho<sup>247</sup>.

Um dos temas abordados nessas preleções é o da justificação pela fé, a qual é fruto das reflexões dos reformadores e considerada o fundamento da teologia luterana. Esse tema é tratado por Walther em suas preleções como basilar para a compreensão do ensino a respeito da distinção entre Lei e Evangelho. A sua argumentação se direciona para alertar a respeito do perigo em perverter a concepção relativa à justificação pela fé. Assim como outros teólogos, Walther vê nesse ensino o sustentáculo não apenas da doutrina, mas da própria esperança cristã.

Ai de quem injetar veneno na doutrina da justificação! Ele envenena o poço que Deus cavou para a salvação da humanidade. Quem tira esta doutrina dos seres humanos lhe roubou tudo; pois ele rouba o coração da cristandade, do cristianismo, que cessa de pulsar depois de um ataque desses. A escada para subir ao céu é tirada e não há mais esperança para a salvação dos homens<sup>248</sup>.

Walther assevera para a importância da compreensão a respeito da justificação pela fé e vê nessa doutrina o coração da cristandade. Para o teólogo, a esperança cristã não se sustenta sem que se instrua corretamente a respeito desse tema. Sem a confiança vindoura, conquistada pelo Salvador, a esperança é afetada e deixa de ser esperança. Isso porque os efeitos da justificação são de paz de consciência com Deus, a adoção como filhos de Deus, o dom do Espírito Santo, santificação e renascimento, a esperança da vida eterna<sup>249</sup>. A esperança é proveniente da justificação, segundo Walther.

No entanto, é preciso entender de que forma o teólogo interpreta a forma pela qual se recebe essa justiça, proveniente da justificação pela fé. Para Walther, esse é um tópico relevante e que clarifica como a herança teológica da Reforma norteia seu pensamento. Além disso, deixa exposto as premissas, a recepção da justiça proveniente de Cristo, e qual o meio e o papel do ser humano nesse ato justificador.

<sup>246</sup> JAGNOW, D. J. [ed.] Apresentação à edição brasileira, p.7

<sup>247</sup> KOLB, R. C.F.W. Walther, Interpreter of Luther on the American Frontier, p. 470.

<sup>248</sup> WALTER, C. F. W. A Correta Distinção entre Lei e Evangelho, p. 172.

<sup>249</sup> BAIER, J. W. WALTHER, C. F. W. [ed.]. Compendium of Positive Theology.



Deus não vinculou a justiça de Cristo às condições, mas é prometida, garantida e concedida na Palavra e nos sacramentos, gratuitamente, e de nenhuma outra forma, para aqueles que os usam. Portanto, nem amor, nem esperança, nem humildade, nem paciência, nem qualquer outra virtude, mas somente a fé pode ser o meio para receber a justiça. Assim que um homem deseja receber esta justiça por qualquer outro meio, então, para ele, esta promessa não é mais garantida. Com isso, ele transforma a promessa em uma mentira para si mesmo e baseia sua justiça na areia movediça de suas próprias obras, e não na rocha imóvel<sup>250</sup>.

Walther vincula a justiça de Cristo concedida ao cristão diretamente à fé. Assim percebe-se que a justificação pela fé, tema concernente aos reformadores, se renova nas preleções do teólogo e é resgatada para trazer a certeza da salvação por meio unicamente de Cristo. Agora, questiona Walther, haverá algo mais que uma pessoa precise para se tornar justa diante de Deus além da fé? Onde uma promessa gratuita, um penhor, uma esperança são falados, somente a fé é o meio pelo qual a promessa, o penhor e a esperança trarão alegria<sup>251</sup>. A fé à qual Walther se refere, é a fé concedida no batismo e na conversão por meio do anúncio da Palavra. Para Walther, a fé está ligada à esperança e ao amor, no entanto, essas virtudes provenientes da fé não podem ser compreendidas com partes necessárias para a salvação, pois elas não são a razão da redenção humana. São, na verdade, partes integrantes da vida cristã, respostas provenientes da fé. A esperança e o amor são frutos da fé e resultantes de sua ação ativa. Assim sendo, a propriedade da fé em Cristo é que ela se une à esperança e ao amor, e estes estão ligados a Ele por necessidade, embora não sejam uma razão para a causa da salvação<sup>252</sup>. Walther argumenta que essas virtudes são expressão da fé. Além disso, ele acreditava que a ortodoxia genuína deveria produzir uma fé viva, a qual não estaria alienada do mundo<sup>253</sup>, o que demonstra seu compromisso para com a realidade humana, não limitando-se apenas a tratar de assuntos etéreos, mas dedicando-se a instruir as pessoas a uma vida ativa e responsável – em amor – após serem alcançadas pela fé salvadora.

<sup>250</sup> WALTHER, C. F. W. Guest Sermon Romans 4,14, p. 200: God has not attached the righteousness of Christ to conditions, but it is promised, pledged and bestowed in the Word and in the Sacraments, freely, and in no other way, to those who use them. So then neither love, nor hope, nor humility, nor patience, nor any other virtue, but only faith alone can be the means to receive righteousness. As soon as a man wants to receive this righteousness through any other means, then for him this promise is no longer secure. By this he makes the promise into a lie for himself, and he bases his righteousness on the quicksand of his own works rather than on the immovable rock. Tradução livre.

<sup>251</sup> WALTHER, C. F. W. Guest Sermon Romans 4,14, p. 200.

<sup>252</sup> BAIER, J. W. WALTHER, C. F. W. [ed.]. Compendium of Positive Theology.

<sup>253</sup> KOLB, R. C.F.W. Walther, Interpreter of Luther on the American Frontier, p. 471.

Ao tratar de temas relevantes do dia a dia, Walther tem em mente a condição humana, isto é, a sua má vontade e sua inclinação natural para o mal que impedem de agir segundo a vontade de Deus, o que leva a pessoa ao caminho contrário dos preceitos divinos, do amor, e que, conseqüentemente, afeta a esperança. Por conta disso, a dinâmica da lei e evangelho é fundamental, pois enquanto a lei de Deus exprime o pecado e faz com que o cristão espere pelo perdão, essa mesma esperança de graça e perdão transforma a pessoa. Walther sustenta que com a esperança dessa graça e salvação, levantam-se atos opostos à má vontade e que eficientemente tendem à expulsão do pecado habitual, enquanto são expulsos pelos hábitos espirituais que nascem<sup>254</sup>. O cristão se desespera pelo pecado quando ouve a lei de Deus. Em consequência, ele espera o perdão que é proclamado, essa esperança o impele a novos atos e ao abandono do que é mal. Nesse processo, o anúncio de lei e evangelhos se torna eficaz e alimenta a esperança cristã.

Walther reconhece a transformação, contudo, ele advoga a favor da situação humana de pobre e miserável pecador. Isso porque em sua fraqueza, a pessoa humana não encontra nada de heroico, no entanto, quando sua confiança se aloja na promessa da Palavra, isso dá à pessoa esperança e demais virtudes que não se encontram nela, mas que são ofertadas de fora.

Pois quem quer que tenha chegado até aqui, sempre que tem uma Palavra de Deus para sua fé, para seu trabalho, para sua esperança, apesar de estar ciente de suas próprias fraquezas, ele ri como um herói que permanece acima dos ataques impotentes de seus inimigos contra uma fortaleza de pedra alta. Para quem quer que tenha chegado até aqui, uma palavra de promessa dá a ele mais esperança, coragem e conforto do que toda a sabedoria, poder e bem-estar do mundo<sup>255</sup>.

Walther se volta para a Escritura como local de onde sucede a fé, o amor e a esperança. A valoração da Palavra em detrimento da sabedoria do mundo apontada por Walther quer ser o balizador. Ele avulta a Palavra de Deus e isso perpassa toda produção pastoral do teólogo. Essa característica herdada dos reformadores foi base no passado e se atualiza no presente. Tal é a importância que Walther dá a Escritura, que coloca sobre ela o renascimento espiritual do cristão, essencialmente no que se refere à escuta e orientação por parte da palavra, salientando seu poder. Esse poder transforma a vida, fazendo-a esperar mesmo em períodos hostis.

<sup>254</sup> BAIER, J. W. WALTHER, C. F. W. [ed.]. *Compendium of Positive Theology*.

<sup>255</sup> WALTHER, C. F. W. *The Feast of St. John the Baptizer*, p. 123

Tal pessoa não julga mais de acordo com sua razão e as sugestões de seu coração, mas a Palavra de Deus toma posse total de sua alma e o governa. A Palavra de Deus é agora sua luz, sua sabedoria e seu conselho, seu conforto e sua esperança, sua arma e seu refúgio. Sim, a Palavra de Deus se torna sua segunda vida, sua segunda alma; ele carrega em si mesmo escrito em seu coração, não com tinta, não com um estilete de lembrança, mas com as chamas de fogo do Espírito Santo. Uma pessoa renascida é uma criatura completamente nova. Ele pensa e julga de acordo com a Palavra, fala de acordo com a Palavra, vive de acordo com a Palavra, está pronto para tudo suportar e sofrer pela Palavra e, se necessário, morrer por ela<sup>256</sup>.

Walther coloca um alto valor à Palavra, contudo, é importante saber como ele percebe a chave que direciona sua compreensão teológica, sem contar a perspectiva de transformação na vida da pessoa humana, como argumenta o teólogo. Para que a esperança cristã se sustente até em tempos adversos, será preciso que o entendimento abarque esse conhecimento proveniente da Escritura e o tenha como sua base de sustentação. A chave escriturística se torna, para Walther, não só o fundamento da vida cristã, mas o fundamento da própria Igreja de Cristo.

Esta doutrina da justificação somente pela graça por meio da fé contém o único fundamento de toda esperança e bem-aventurança. É o coração, a alma, a semente e a estrela de todas as Sagradas Escrituras. É a chave divina para todos os outros mistérios de fé revelados nas Sagradas Escrituras. É o artigo sobre o qual a igreja se sustenta ou cai. É o sol único que ilumina as trevas da vida e as noites de tribulação e morte. Onde este sol não brilha mais, nada além de escuridão infernal se abate sobre nós<sup>257</sup>.

A justificação pela fé novamente sempre retorna à proclamação pastoral de Walther. A Igreja vive sob uma guerra para manter o anúncio da promessa bíblica. O teólogo chega a dizer que é esse artigo de fé que sustenta a Igreja, ou a sua falta, a faz sucumbir. A justificação pela fé liberta o cristão das amarras da lei que o enredam para viver sob a esperança proveniente do Crucificado. Para Walther, na questão de salvação humana, o único caminho possível é o caminho de Cristo – seu perdão e graça. Para o teólogo, a igreja corre perigo quando esse artigo de fé é deturpado. Isso porque o pequeno rebanho da Igreja de Cristo tem inimigos

<sup>256</sup> WALTHER, C. F. W. Gospel Sermons. V.2, p. 8: In spiritual matters such a person no longer judges according to his reason and the suggestions of his heart, but the Word of God takes complete possession of his soul and rules him. The Word of God is now his light, his wisdom and his counsel, his comfort and his hope, his weapon and his refuge. Yes, the Word of God becomes his second life, his second soul; he carries it in himself written in his heart not in ink, not with a Stylus of remembrance, but with the fiery flames of the Holy Spirit. A reborn person is a completely new creature. He thinks and judges according to the Word, he speaks according to the Word, he lives according to the Word, he is ready to endure and suffer everything for the Word, and if necessary die for it. Tradução livre.

<sup>257</sup> WALTHER, C. F. W. Guest Sermon (1866), p. 200.

poderosos – visíveis e invisíveis – e é preciso que se anuncie que as batalhas não lhes turvem o reconhecimento de quem é aquele que dá a vitória.

Temos em mente que a verdadeira igreja não pode e não deve se gabar de suas próprias obras perante o mundo, mas se orgulha exclusivamente no sangue de Cristo, que sua única arma é a iníqua Palavra de Deus, e ela deve estar sempre preparada para sofrer tudo do mundo, de modo que parece que suas esperanças em sua guerra devem ser mínimas<sup>258</sup>.

Não obstante, o argumento de Walther diz que para o mundo, a igreja se parece incapaz de vencer as batalhas, contudo, a sua vitória não está nas suas próprias forças, mas naquele que espera o coração dos cristãos – o próprio Cristo. |A igreja aguarda o regozijo eterno e a ressurreição, as suas batalhas até o dia vindouro são constantes, no entanto a sua esperança não provém das vitórias dessas batalhas, senão daquele que venceu a maior de todas as batalhas, pois, enquanto o mundo olha no aquém, o cristão olha para o além. Em sua prédica, o pastor ressalta o texto da batalha celestial descrita em Apocalipse<sup>259</sup>, a qual confirma a vitória e que se torna a esperança concedida ao corpo místico de Cristo.

Aqui você vê as verdadeiras batalhas da igreja na alegre esperança de vitória garantida, e essa esperança se baseia na posse de todo o poder dAquele sob cuja bandeira ela trava guerra, e na impassibilidade da Palavra que não é apenas ela defesa e arma, mas também sua joia que a igreja luta para manter<sup>260</sup>.

A Palavra é ativa ante as batalhas, e a esperança cristã está fundamentada na promessa proveniente dela. Assim, a Igreja e os cristãos se defendem dos dardos inflamados do Maligno<sup>261</sup>. Isso porque, no que se refere à promessa, o pensamento de Walther aduz à compreensão de que a promessa não se refere a um céu na terra, mas que a vida será permeada por momentos difíceis. A promessa aponta para o

<sup>258</sup> WALTHER, C. F. W. Feast of St. Michael Sermon on Revelation 12,7-12, p. 162: and we further bear in mind that the true church cannot and may not boast of her own works before the world, but boasts solely in the blood of Christ, that her sole weapon is the inuch maligned Word of God, and she must always be prepared to suffer everything from the world so it seems that her hopes in her warfare must be slim to none. Tradução livre.

<sup>259</sup> Ap 12,11 “Eles o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo diante da morte, não amaram a própria vida”.

<sup>260</sup> WALTHER, C. F. W. Feast of St. Michael Sermon on Revelation 12,7-12, p. 162: Here you see the true church battles in the joyous hope of guaranteed victory, and this hope of hers is founded upon the possession of all the power of the One under whose banner she wages war, and upon the impassibility of the Word that is not only her defense and weapon, but also her jewel which she fights to keep. Tradução livre.

<sup>261</sup> Ef 6,16

vindouro, onde se estabelece o destino pelo qual se espera e que já foi conquistado, pois se desfruta apenas parcialmente no presente.

É esta a esperança, de que tudo seja melhor de uma vez; que de repente o cristão estará em completa bem-aventurança; que a igreja experimentará subitamente a sua glorificação, é esta também a sua esperança mais profunda? - Sim, meu amado, esta esperança, como todas as nossas esperanças cristãs, repousa sobre um fundamento bom e inabalável. Baseia-se na promessa infalível de Deus, que é confiável e todo-poderoso. As Sagradas Escrituras nos dizem claramente: Chegará o dia em que a igreja não mais chorará e gemerá, mas exultará; quando ela não mais esperará pela glória, mas a desfrutará; não haverá mais longa batalha, mas triunfo; quando ela não mais permanecerá miseravelmente sujeita às tempestades da vida, mas seja como uma noiva adornada para seu marido no dia de seu casamento<sup>262</sup>.

Walther compreende que a promessa vindoura é o tesouro da Igreja, já que o povo de Deus se sustém nessa promessa e nela sua esperança reside. Em suas prédicas, o teólogo reforça esse aspecto tão premente para a vida cristã. A Igreja anuncia o que a de vir com o intuito de encorajar as pessoas a viverem da fé. Walther reforça que essa esperança cristã concede um conforto, o qual o teólogo chama de “conforto celestial”.

A riqueza da igreja [...] é o que é pregado a ela e crido por ela. Com isso ela tem, junto com um Salvador, um Deus misericordioso, e com um Deus misericordioso o perdão de todos os seus pecados, e com o perdão de seus pecados, uma consciência tranquila e com uma consciência tranquila a esperança de vida eterna, e com a esperança da vida eterna, um conforto celestial em todos os seus problemas terrenos, e com este conforto, verdadeira paz, verdadeira paz em seu coração. A igreja não tem que buscar sua boa fortuna como faz o mundo. Ela já tem<sup>263</sup>.

Walther aponta para a perspectiva escatológica da promessa de Deus. Sendo ela parte da riqueza da pregação da Igreja, a esperança do porvir já faz parte da

<sup>262</sup> WALTHER, C. F. W. Revelation 21.1-5 The New Jerusalem (1856), p. 249: Is this hope, that all it once it will be better; that suddenly the Christian will be in complete bliss; that the church will suddenly experience its glorification, is this also your deepest hope? - Yes, my beloved, this hope, like all of our Christian hopes, rests upon a good, unshakable foundation. It rests upon the infallible promise of God who is trustworthy and almighty. The Holy Scriptures tell us clearly: A day is coming when the church will no longer weep and groan, but exult; when she will no longer hope for glory but enjoy it; no longer battle but triumph; when she will no longer stand miserably subject to the storms of life, but be as a bride adorned for her husband on the day of her wedding. Tradução livre.

<sup>263</sup> WALTHER, C. F. W. Sermon For Church Dedication on Psalm 87 (1865), p. 261: the wealth of the church [...] is what is preached to her and believed by her. By this she has, along with a Savior, a gracious God, and with a gracious God the forgiveness of all her sins, and with the forgiveness of her sins, a quiet conscience, and with a quiet conscience the hope of eternal life, and with the hope of eternal life, a heavenly comfort in all her earthly troubles, and with this comfort, true peace, true peace in her heart. The church does not have to seek after her good fortune as does the world. She has it already. Tradução livre.

vivência do ser humano. Pode-se afirmar que Walther aplica a seu modo, a máxima escatológica do “já, e ainda não”, pois o cristão já se deleita em alegria pela promessa, no entanto ainda não a usufrui completamente. Sendo membro da Igreja de Cristo, a pessoa não deve, segundo Walther, desejar permanecer como está recebendo apenas fração da promessa.

É certamente verdade e provado diariamente, “se nós, cristãos, tivéssemos esperança apenas para esta vida”, se a esperança de vida eterna não estivesse ligada à nossa fé, “então seríamos as pessoas mais infelizes deste mundo”<sup>264</sup>. Pois então como um crente poderia se alegrar com seu Salvador? Mas sabemos que aqui apenas bebemos gotas da misericórdia de Deus, mas no céu beberemos o quanto quisermos, a partir dos rios<sup>265</sup>.

O anseio pela imortalidade está no ser humano desde a criação e Walther argumenta que esse anseio é parte da vida das pessoas que não creem. Pois, escreve o teólogo, até mesmo os incrédulos têm suas esperanças. Mesmo aqueles que rejeitam a Cristo frequentemente falam da imortalidade da alma humana<sup>266</sup>. No entanto, questiona Walther, sobre o que desejam construir sua esperança de imortalidade?<sup>267</sup> Então, o teólogo argumenta quanto ideia provinda da razão humana de que a divindade teria uma dívida com o ser humano que se esforça, logo, essa dívida teria que ser paga com a possibilidade da entrada na vida eterna. Walther reforça o argumento ao dizer que temos por natureza muitas aspirações que nunca são realizadas, e é por isso que até os pagãos suspiram conosco em sua esperança por outro mundo<sup>268</sup>. No entanto, o teólogo destaca o lugar de onde provém a esperança da vida eterna e imortalidade do cristão, na exclamação “o Senhor ressuscitou!”, a qual nos dá esperança de vida.

Walther insta os cristãos à verdade da ressurreição para que nela fundamentem a fé e a esperança vindouras. O teólogo ressalta a necessidade de que aqueles que iniciam o seu seguimento em Cristo, tenham sua base firmada na sólida promessa da ressurreição.

<sup>264</sup> 1Co 15,19 “Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos as pessoas mais infelizes deste mundo” (NAA).

<sup>265</sup> WALTHER, C. F. W. Second Service Christmas Day, p. 184-185: It’s certainly true and proven daily, “if we Christians have hope for this life only,” if the hope of eternal life were not bound to our faith, “then we would be the most pitiful of all creatures.” For then how could a believer rejoice over his Savior? But we know that here we only sip drops of God’s mercy, but in heaven we will drink to our hearts’ content, as from rivers. Tradução livre.

<sup>266</sup> WALTHER, C. F. W. That Great Word: “The Lord Is Risen!” (1840), p. 98.

<sup>267</sup> WALTHER, C. F. W. That Great Word: “The Lord Is Risen!” (1840), p. 98.

<sup>268</sup> WALTHER, C. F. W. That Great Word: “The Lord Is Risen!” (1840), p. 99.

Assim que uma pessoa começa a ter fé e, desse modo, ter certeza da graça de Deus, a primeira coisa que ele deseja que lhe seja permitida e deseja é a certeza de sua salvação. A fé sem essa esperança é como ser um viajante em uma estrada física, mas não ter certeza se essa estrada o levará à sua amada pátria, ou, talvez, a um poço sem fundo. Assim? Existe um fundamento inabalável sobre o qual os cristãos crentes podem fundamentar sua esperança de finalmente ressuscitar para a vida na salvação? - Sim, meus amigos, e este fundamento inabalável não é outro senão a gloriosa ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos<sup>269</sup>.

Walther, ao pregar no funeral de um cristão, falou a respeito da vida daquela pessoa, que ela havia vivido “feliz na esperança, paciente na prova e constante na oração”<sup>270</sup>. Essa perspectiva de vida cristã se baseia naquele artigo que é o coração do cristianismo para Walther, a justificação pela fé. A feliz esperança não está vinculada à própria atividade, mas àquele que concede a sua justiça ao ser humano. Walther entende que a Igreja tem responsabilidade em pregar e ensinar claramente a respeito da salvação por meio de Cristo somente, além de não permitir que, ela própria, seja envenenada com outros caminhos (como se existissem) que levariam à salvação, à imortalidade e à vida eterna. É dessa forma, pelo que se lê nos textos de Walther, que se pode conceder uma vida cristã que se conecta a Deus na oração, que suporta com paciência as intempéries e que vive, em meio a tudo isso, numa esperança que faz da pessoa humana, feliz e esperançosa.

### 3.5

#### Conexão da Esperança em Lutero

Os traços do pensamento do Reformador Martinho Lutero seguem acompanhando o desenvolvimento do pensamento teológico. Os meandros de sua teologia ecoam nos escritos dos teólogos posteriores. Temas recorrentes como fé e obras; justificação pela fé; fé, esperança e amor; anúncio do Evangelho; assim como

<sup>269</sup> WALTHER, C. F. W. Christ's Glorious Ressurrection from the Dead, the Unshakeable Foudation for Our Own Eventual, Blessed Ressurrection into Glory (1880), p.126: As soon as a person has come to faith and thereby to be sure of God's grace, the first thing he wants permitted him and he desires is certainty of his salvation. Faith without this hope is a like being a traveler on a physical road but not being sure if that road will lead him to his beloved homeland, or, perhaps, to an bottomless pit. So? Is there an unshakeable foundation upon which believing Christians can ground their hope to eventually rise to life in salvation? - Yes, my friends, and this unshakeable foundation is none other than the glorious resurrection of Jesus Christ from the dead. Tradução livre.

<sup>270</sup> WALTHER, C. F. W. Grave Side Address at the Burial of a Christian Husband, p. 78: “Happy in hope, patient in trial, constant in prayer.” Tradução livre.

outros, reaparecem e se fundamentam. O intento de clarificar e explicar o pensamento reformatório, resgata os temas centrais que fundamentaram a Reforma.

Assim como Lutero, os teólogos que vieram após o Reformador reforçaram a preocupação com a questão concernente à fé e obra, pois tanto as boas obras como as obras meritórias são, novamente, descartadas como fonte para esperança de salvação. As melhores obras feitas pela pessoa humana, sem a fé unicamente em Cristo, são más aos olhos de Deus – mesmo que perante o mundo sejam obras virtuosas. As obras não são fontes confiáveis para receber a promessa de Deus, assim como ressalta Melancthon. Na verdade, o que se encontra na teologia reformatória é a perspectiva das boas obras como sendo frutos da fé. Chemnitz desenvolve essa compreensão ao afirmar que o amor é proveniente da fé, o amor como ato do cristão em boa obra pelo semelhante e para o seu bem-estar. Assim, aquilo que Lutero tanto se dedicou a proclamar, encontra respaldo e reforço na argumentação daqueles que acompanham seu ensino.

Para a doutrina reformatória, as obras não têm parte para se conquistar a salvação. Com isso, o artigo de fé que trata da justificação pela fé se torna basilar para compreender o ensino de Lutero, pois essa é a forma de explicar a salvação gratuita e exclusivamente por Cristo – e não pelos méritos e obras. Séculos depois, Walther continua a instruir o povo de Deus com respeito à justificação pela fé, e chega a afirmar que essa doutrina é o coração da cristandade. Se a confiança proveniente da graça de Cristo, concedida por meio da sua morte na cruz, a esperança vindoura será severamente afetada. Isso porque, como destaca Melancthon, se a confiança não estiver fundamentada em Cristo e na sua promessa, a esperança que a pessoa carrega será enganosa e lhe trará dúvidas. Lutero apontou para o problema em ter a confiança fundamentada nas boas obras como uma confiança em si mesmo, o que acarretaria uma esperança sem fundamento e promessa. Assim sendo, para a salvação não se pode esperar em si mesmo e em nenhuma pessoa humana, lembra o Reformador. A justiça de Cristo é o que permite ao cristão descansar naquele que faz a promessa e cumpriu a obra redentora.

Houve acusações à doutrina da justificação pela fé desenvolvida por Lutero, no sentido de dizer que as boas obras não são importantes para a vida cristã. No entanto, não foi isso que o Reformador ensinou, assim como os teólogos que o seguiram. Não há uma proibição para as boas obras, ou atos de amor, mas, sim, à



recomendação que elas sejam feitas, pois são frutos da fé salvadora, a qual confia na justiça de Cristo para sua redenção. Assim Walther se dedicou a anunciar a Palavra apresentando aos seus ouvintes as necessidades diárias e chamando-os a uma vida ativa e responsável, em amor pelo semelhante, isso após serem alcançados pela salvação por meio de Cristo. Percebe-se que quando a esperança reside no Ressuscitado, a pessoa se torna livre para frutificar. Lutero argumentou que a esperança ativa – servir o próximo e suportar ultrajes – agrada a Deus, não pelo que se faz e suporta, mas em razão do que se confia.

Assim sendo, a esperança não está nos efeitos decorrentes, mas está em alguém, está em Cristo. Gerhard destacou que o fundamento da esperança cristã está em Cristo, isso porque ao ser humano não é possível cumprir as exigências que Deus faz à pessoa humana. Nesse mesmo argumento, Walther destaca que a esperança cristã não está vinculada à própria atividade, mas naquele que cumpre a obra de justiça na cruz. Qualquer outra coisa colocada no lugar de Cristo, no que concerne à redenção, trará desesperança ou uma falsa esperança, reafirma Melancthon. Se a pessoa chega ao ponto de perder a esperança, Lutero diz que ela perdeu o próprio Cristo, já que é por meio Dele que a esperança é nutrida e semeada no coração. Assim, a confiança reside e espera naquele que cumpriu a promessa, Cristo Jesus, o qual Chemnitz aponta ser o “Livro da Vida”, pois fora dele não pode haver eterna salvação.

Para Lutero, a vida cristã está sustentada sob a cruz de Cristo. No entanto, nessa vida as cruzes são parte do viver enquanto neste mundo. O Reformador reconhece que Deus está oculto e que age também por meio das provações. Assim, se reconhece as intempéries dessa vida como parte integral do ser. Nesse caso, a esperança cristã tem um papel vital na vida cristã. Gerhard se dedicou a tratar desse assunto ao impelir seus interlocutores a esperarem em Cristo quando estivessem em meio às angústias. O teólogo percebe que a cruz não está apenas sob aquele que sofre, mas também sobre aquele que é chamado a agir em amor para com o angustiado. Para que se compreenda esse chamado à obra de amor, é necessário que os cristãos sejam instruídos a respeito do que a Palavra ensina, aponta Walther. Isso porque é nela que o Senhor chama o seu povo a agir em compaixão e amor, diante das demandas do semelhante. Além disso, é por meio da Palavra que se vivifica a esperança ante as fraquezas e abatimentos provenientes do mal, como lembra

Gerhard. Assim, aquilo que Lutero aponta como uma vida sob a cruz, só se sustentará a partir da confiança e esperança em Cristo.

A esperança cristã principiou no diálogo entre os teólogos posteriores a Lutero com o próprio Reformador. Muitos temas reformatórios encontraram conexão com a concepção da esperança cristã. Por conseguinte, esse tema da escatologia recebe uma atenção, mesmo que secundária, que ajuda no pensamento e argumentação contemporânea sobre as questões concernentes a ele. A esperança cristã teve seu desenvolvimento intensificado subsequentemente à produção teológica dos teólogos examinados, com isso, o conteúdo da esperança cristã foi amplamente abordado entre teólogos mais recentes. Ainda assim é possível perceber, como se verá, que o resgate dos conceitos fundamentais, os quais sustentam a teologia luterana, são reutilizados e reinterpretados para que se chegue a uma compreensão atualizada que acompanha o desenvolvimento teológico no que se refere à esperança cristã.

## **Esperança: Formulações Escatológicas Contemporâneas e Implicações Verticais e Horizontais.**

No último século, o tema da esperança cristã se evidenciou no estudo teológico. Como se viu, Lutero não tratou do assunto diretamente, mas produziu farto material que exprime sua compreensão a respeito do tema. Dessa mesma forma, Melanchthon, seu contemporâneo e companheiro nos eventos da Reforma do século XVI, escreveu um artigo no seu *loci* chamado “Amor e Esperança”. No entanto, a esperança foi tratada de forma diminuta em comparação com o tema do amor nesse escrito. Chemnitz e Gerhard, nos séculos XVI e XVII, aplicaram-se na construção de obras que unissem os pastores, professores e teólogos luteranos. Além disso, também se dedicaram à produção de obras que respondessem aos questionamentos e às investidas de pensamentos teológicos divergentes. No entanto, ambos não aprofundaram o tema da esperança cristã como se notabiliza atualmente. Walther, no século XIX, foi profícuo na produção de sermões e outras obras. Nestes, o tema da esperança aparece quando o pastor falar a respeito da expectativa pela vida eterna. Em certa medida, essa falta de uma definição clara e um estudo aprofundado do tema da esperança cristã levou teólogos e pastores a colocarem a esperança cristã no pós-morte ou, como se diz na sistemática luterana, no estado intermediário da alma. Esse lugar que se espera é a vida no céu, uma vida fora da criação.

Contudo, diferente do que ocorreu nos séculos anteriores ao XX, o trabalho teológico voltado para a esperança cristã se multiplicou nos últimos cem anos. Vários teólogos e pensadores, das mais diversas vertentes de pensamento, se esmeraram para desvelar esse artigo de fé. Entre os teólogos luteranos não foi diferente, a produção teológica se intensificou no sentido de suprir essa lacuna – algumas das quais aparecem nesse trabalho. O caminho percorrido foi na busca ao resgate do ensino bíblico concernente à temática, dessa forma, os exegetas trouxeram à tona a esperança da perspectiva bíblica. Esse trabalho intenso orientado para o tema da esperança cristã também respondeu e fortaleceu a discussão desse artigo de fé no âmbito teológico luterano. Muitas questões foram apreciadas e investigadas para que se desenvolvesse esse enunciado.

O século 20 testemunhou um ressurgimento do interesse pela esperança cristã. Os teólogos lutaram com algumas questões básicas que vão ao cerne desta doutrina: Qual é a natureza da esperança cristã? O ensino bíblico a respeito da segunda vinda de Cristo, a ressurreição universal dos mortos, o julgamento final e o céu e o inferno devem ser interpretados literalmente? Ou essas são apenas formas simbólicas para expressar o significado último da história? São ideias mitológicas? Ainda mais básicas são as questões relativas ao motivo da esperança humana. Se houver uma boa razão, o que é único na esperança cristã em comparação com outros tipos de confiança em relação ao futuro? Como a esperança cristã difere do otimismo cego?<sup>271</sup>

Os questionamentos são atualizados assim como se atualizam as necessidades humanas. Os teólogos fizeram um profundo trabalho e trouxeram a compreensão bíblica, especialmente respondendo a uma esperança secundária que era (e é) semeada. Cada um dos autores citados neste capítulo se notabiliza por estruturarem seus argumentos sobre os ombros dos teólogos que contribuíram no desenvolvimento da teologia bíblica luterana. Arestas são aparadas e a esperança cristã, da perspectiva luterana, parece se definir no lugar e no espaço, mas não só isso, ela se define em alguém.

Os *insights* bíblicos ajudam na restauração da esperança que era vivida entre os cristãos do Novo Testamento, além de revigorarem o anúncio do Evangelho para uma esperança genuinamente cristã para os dias atuais. A leitura que se faz tem um viés luterano, o que talvez levante questionamentos que não são profundamente tratados. Sendo assim, o tema da esperança cristã e o seu ensino são o assunto que se busca desvelar, bem como revigorar a mensagem da vinda de Cristo para uma vida ativa e solidária no cotidiano. Se houver a fé cristã, conseqüentemente haverá esperança e amor.

---

<sup>271</sup> NAFZGER, S. H. (Ed.) et al. *Confession The Gospel A Lutheran Approuach to Systematic Theology*, p. 1109: Christian hope. Theologians wrestled with some basic issues that go to the very heart of this doctrine: What is the nature of the Christian hope? Is biblical teaching concerning the second coming of Christ, the universal resurrection from the dead, the final judgment, and heaven and hell to be taken literally? Or, are these only symbolic forms for expressing the ultimate meaning of history? Are they mythological ideas? Even more basic are the questions concerning the reason for human hope. If there is a good reason, what is unique about the Christian hope as compared to other types of confidence regarding the future? How does Christian hope differ from blind optimism? Tradução livre.

## 4.1

### Esperança Secundária

Há uma busca pela ampla compreensão de como se entende a esperança cristã em todas as correntes teológicas. No entanto, segue-se com o foco na corrente teológica Luterana, isto é, como se orienta e o que se prega, definindo o escopo para o qual se voltarão críticas pertinentes quanto ao anúncio e ensino. Torna-se relevante esse diagnóstico, pois se fosse feita uma pesquisa entre os cristãos luteranos questionando-os sobre qual é a esperança que cada pessoa tem, uma parcela significativa diria que é “ir para o céu”. Esse pensamento e esperança permeiam o imaginário de muitas pessoas, as quais ouvem de seus pastores prédicas que indicam esse caminho. Contudo, essa esperança – de ir para o céu – não encontra respaldo bíblico, ou melhor, ela se encontra de forma secundária, pois, se considerarmos toda a mensagem escriturística, “ir para o céu” não é o fim e destino do ser humano que crê. Gibbs se refere a essa esperança como tema menor e secundário, o qual tomou o lugar da verdadeira esperança Bíblia<sup>272</sup>. O nome que se dá na teologia sistemática para esse lugar e tempo – ir para o céu – é “estado intermediário da alma”, ou seja, a pessoa espera pela morte do corpo para seguir para a vida no céu. Essa compreensão equivocada tomou lugar da verdadeira esperança bíblica, e conseqüentemente trouxe resultados para a vida ordinária dos cristãos.

O estado intermediário da alma encontra referências bíblicas, contudo, ao que parece, a Palavra de Deus não tem a intenção de desvelar esse período – na perspectiva do *chronos* – nem o local, como se fosse um espaço físico. A Palavra concede pistas do que ocorre com a pessoa humana, isto é, com seu corpo e alma. Essas pistas demonstram que fazer do céu o fim e o objetivo da esperança cristã é equivocado, isso porque não há promessa de vida contínua no céu. A Palavra promete outra, ou melhor, uma nova e eterna vida.

Por mais que a alma entre na bem-aventurança e dela desfrute, a esperança de salvação do cristão não se limita a essa expectativa futura de gozo apenas para a alma – num céu – isso enquanto o corpo jaz apodrecendo na sepultura, mas inclui o homem inteiro<sup>273</sup>. O que se percebe é que a ressurreição do corpo ficou em

<sup>272</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 29.

<sup>273</sup> BOUMAN, H. J. A. The Christian Hope, p. 247

segundo plano, assim como a vinda de Cristo, no que concerne à esperança cristã. Dessa forma, a esperança que deveria aguardar ansiosamente a segunda vinda de Cristo, tem sido obscurecida pelo pensamento de “morrer e ir para o céu”<sup>274</sup>.

Quando se tem esse discurso, de que a esperança do cristão seria a de ir para o céu, ofusca-se a esperança no retorno de Cristo. Sasse relata a história de um jovem teólogo que, após sua formação, buscou a cidade de Tübingen para estudar com o renomado teólogo Ferdinand Christian Baur, conhecido por lecionar o método histórico-crítico na Alemanha. O jovem teólogo ficou perplexo ao ouvir uma das prédicas do renomado professor sobre o tema “Jesus nunca voltará”<sup>275</sup>. Se a esperança cristã não está no retorno de Cristo e, sim, numa bem-aventurança no céu, isso consequentemente acarretará outros problemas para a vida hodierna do cristão.

Seis tópicos são desenvolvidos por Gibbs<sup>276</sup>, apontando o impasse que se torna depositar a esperança cristã no *lugar* errado. Pois, quando se perde de vista a esperança bíblica e cristocêntrica, ideias divergentes trazem à tona doutrinas falsas, as quais contaminam a compreensão e a esperança dos cristãos. O primeiro aspecto apontado pelo teólogo, é quanto a uma antropologia falha, que pensa apenas na alma imortal com significativa importância em detrimento do corpo, o qual não tem valor por decompor-se na sepultura. Ao perder alguém, frases como “o que importa é que a alma está no céu” não refletem a esperança bíblica. Gibbs, então, constata que muito mais condizente com a esperança cristã é a criança que no sepultamento do avô diz “o vovô está dormindo”<sup>277</sup>. Assim, o esquife aguarda o dia em que a alma e o corpo serão restabelecidos como uma só unidade, segundo a antropologia bíblica e a promessa da ressurreição do corpo, unido à alma para a vida eterna.

Secundariamente, Gibbs relembra que focar na existência da alma fora do corpo é um pensamento gnóstico antigo e combatido pela Igreja por toda a história. Esse pensamento ensina que o espiritual é bom, enquanto o físico é mal. A consequência disso para a vida diária é um desprezo pelo que é do mundo e uma valorização do que é transcendente, acarretando na forma que se encara situações cotidianas. A valorização se dá apenas para funções e vocações que tenham uma

<sup>274</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 34.

<sup>275</sup> SASSE, Hermann. Some thoughts on Christian hope, p. 49

<sup>276</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 34-39.

<sup>277</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 34.

ligação com o divino, ao mesmo tempo que as simples atividades são descartadas e diminuídas.

Em terceiro lugar, Gibbs aponta para o risco de um pensamento egocêntrico quando se faz do “ir para o céu” a esperança cristã, pois a pessoa centra em si mesma a esperança, quando na verdade o foco da esperança cristã não está na pessoa humana e na sua condição futura, mas na vinda de Cristo.

Em quarto lugar, Gibbs destaca o escândalo da escatologia luterana ao expor o ensino equivocado da tradição dogmática luterana que não permitiu que a verdadeira esperança bíblica ocupasse um lugar de destaque ou, pelo menos, retivesse o conteúdo bíblico. As categorias dogmáticas se desenvolveram na dicotomia entre o “reino da graça” e o “reino da glória”. O reino da graça seria o tempo presente, enquanto o Evangelho da graça é anunciado; o reino da glória seria o tempo da bem-aventurança no pós-morte. O problema desse artigo dogmático é que ele foca, de novo, na morte e não na vinda de Cristo. Isso soa como se o ponto crucial da esperança cristã fosse o dia em que a morte do corpo chega, pois assim se entraria no Reino da Glória.

Além disso, em quinto lugar e ainda apontando para o problema da distinção “reino da graça” e “reino da glória”, Gibbs afirma que há um mau uso da Escritura no que tange ao tema da esperança cristã quando tratada sob essa perspectiva dicotômica. O teólogo traz exemplos bíblicos que são mal utilizados quando se fala sobre esse assunto. Por exemplo, em João 14,2-3<sup>278</sup>, Jesus refere-se a quando ele voltar, apontando para sua segunda vinda, e não encorajando os ouvintes a esperarem um lugar no céu. Em Mateus 25,14<sup>279</sup>, “servo bom e fiel” são palavras ditas pelo Senhor quando Ele volta para acertar as contas; assim será com os cristãos no dia da vinda do Senhor. Em Filipenses 2,20-21<sup>280</sup>, a esperança de Paulo é colocada inteiramente no retorno de Cristo do céu. O apóstolo não tem a pretensão de uma vida etérea da alma num lugar celestial. Gibbs ainda afirma que o Novo Testamento tem pouco a dizer de um “céu” onde as almas ficariam. Em

<sup>278</sup> Jo 14,2-3: Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu já lhes teria dito. Pois vou preparar um lugar para vocês. E, quando eu for e preparar um lugar, voltarei e os receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, vocês estejam também.

<sup>279</sup> Mt 25,14: — Pois será como um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens.

<sup>280</sup> Fp 3,20-21: Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas.

contrapartida, o que se tem de referências à segunda vinda de Jesus expõe o que a Escritura promete esperar.

Em sexto lugar, Gibbs fala da confusão causada pelos hinos entoados pelos cristãos na história recente – mais especificamente entre os cristãos luteranos. A letra desses hinos tem levado pessoas a construírem sua esperança na ida ao céu e não na vinda de Cristo. Gibbs argumenta:

Sei que há um sentido em que isto pode ser verdadeiro. Mas permita-me dizer, de uma forma um tanto provocativa, que meu lar – e seu – não é “lá em cima”. Nosso lar é bem aqui! Somos criaturas, parte da criação. Mas nosso lar foi arruinado pelo pecado e nós ajudamos a arruiná-lo. No entanto, Deus não deixa Sua criação permanecer arruinada. Ele não decidiu simplesmente nos levar para cima. Ele veio cá para baixo, tornou-se parte da criação, nascido de mulher, nascido sob a lei. Ele veio e nos salvou e virá novamente, para salvar<sup>281</sup>.

O estado intermediário está relatado na Escritura, como formula o teólogo. Segundo ele, a Escritura ensina que as almas dos cristãos estão “com Cristo”<sup>282</sup>, “no paraíso”<sup>283</sup>, “deixando o corpo e habitando com o Senhor”<sup>284</sup>. Segundo a Palavra, a pessoa descansa até que seja revelada a vitória na consumação dos séculos. Essa esperança consola o coração dos cristãos, especialmente no que se refere àquelas pessoas que perderam um ente querido, pois

...sabemos o suficiente para ter consolo em relação aos nossos queridos, que morreram na fé no Senhor. Sim, eles são benditos, pois repousam de seus labores (Ap 14.13<sup>285</sup>) e estão louvando o Cordeiro sem cessar. Mas a vitória final ainda não é deles. A manifestação plena da vitória final, de Deus em Cristo, ainda não aconteceu<sup>286</sup>.

Por isso Gibbs é enfático ao dizer para que teólogos e pastores apontem para o retorno de Cristo<sup>287</sup>, isso quando for pertinente sinalizar para a mensagem da esperança cristã. Dessa forma, se alimentará a verdadeira esperança e não uma secundária, como tem sido apregoada. Nesse sentido, é impreterível que se diga que a esperança cristã não está numa vida no céu, lugar este que é de descanso e sobre

<sup>281</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 39.

<sup>282</sup> Fp 1,23: Estou cercado pelos dois lados, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor.

<sup>283</sup> Lc 23,43: Jesus lhe respondeu: — Em verdade lhe digo que hoje você estará comigo no paraíso.

<sup>284</sup> 2Co 5,8: Sim, temos tal confiança e preferimos deixar o corpo e habitar com o Senhor.

<sup>285</sup> Ap 14,13: Então ouvi uma voz do céu, dizendo: — Escreva: “Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor.” — Sim — diz o Espírito —, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham.

<sup>286</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 40.

<sup>287</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 41.



o qual a Palavra não nos revela grandes detalhes. Talvez a falta de informação bíblica quanto a esse lugar de descanso, seja para que não se filosofe a respeito desse tema e espere-se no que a Palavra promete. Dessa forma, ensina-se aos cristãos a verdadeira esperança e, conseqüentemente, o dia da Vinda do Senhor não causará temor, mas será aguardado ansiosamente pelos que serão salvos, tendo-se em vista que será nesse dia que ocorrerá a restauração de toda criação segundo a promessa que lhe é conferida.

A Escritura registra que a pessoa humana não se caracteriza apenas por uma parte, mas que a esperança escatológica está na união final do corpo e da alma, na ressurreição<sup>288</sup>. A esperança da igreja primitiva estava centrada na vinda de Cristo, no dia da ressurreição, quando os mortos serão chamados para a vida<sup>289</sup>. No entanto, o foco da esperança, mesmo que seja o dia da ressurreição dos mortos, só é possível pelo outro evento que ocorre. Sánchez afirma que, em última análise, a esperança cristã nos dirige não para a vida após a morte ou para a outra vida, mas para Cristo<sup>290</sup>. Faz-se necessário dispensar energia para que essa esperança se torne o ensino principal na Igreja, pois a sua relevância se torna o resgate do pensamento cristão do primeiro século.

O exercício é necessário por causa de um contraste. Há um contraste entre a esperança que está nas páginas do Novo Testamento, por um lado e, por outro lado, o que é frequentemente a piedade atual e padrão das pessoas, tanto leigos como clero [...]. Da maneira mais simples, diria desta forma. Os autores do Novo Testamento pensaram, viveram e escreveram escatologicamente, com sua esperança voltada de maneira completa, firme e intensa para a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo<sup>291</sup>.

A perspectiva do retorno de Cristo fez com que os cristãos do primeiro século não só escrevessem, mas fossem pessoas escáticas. Talvez houvesse o desejo premente pela vinda de Cristo de forma mais afluída por conta da proximidade que eles estiveram daquele que caminhou entre eles, assim como a pessoa que espera reencontrar o seu ente mais próximo que partiu, ao invés de se lembrar daquele que é seu antepassado distante. Talvez isso explique a vida escatológica que é demonstrada nas linhas escritas do Novo Testamento, pois o proceder dos

<sup>288</sup> Jo 5,28-29: Não fiquem maravilhados com isso, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a voz dele e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.

<sup>289</sup> 1Co 15; Fp 3,20.

<sup>290</sup> SÁNCHEZ, L. Escatología la Esperanza Cristiana, p. 11.

<sup>291</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p.28.

primeiros cristãos que é descrito nos livros do Novo Testamento apresenta essa ótica.

Para que se caminhe nos passos escáticos daquele período, é relevante ouvir o que a Palavra relata. A mensagem de Paulo aos Romanos “e não vivam conforme os padrões deste mundo (desta era), mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente”<sup>292</sup> é um chamado a ouvir e a viver a promessa de Deus. Se quiser crer e viver como os escritores e os cristãos do Novo Testamento o fizeram, é preciso que Deus renove as mentes pelo poder de Sua palavra<sup>293</sup>. A Palavra faz parte, segundo Gibbs, da mudança na mente dos cristãos, para que se tenha a esperança cristã e um viver escatológico no presente.

A compreensão do céu precisa ser restaurada segundo o ensino da Escritura, para que se tenha um entendimento bíblico quando se refere a ele. No imaginário popular, céu é o lugar *lá em cima*, onde Deus habita com seus anjos. Contudo, a Escritura nos apresenta o céu como sendo o reino da presença de Deus que está acima de nós. Jesus ensina a orar “Pai nosso que estás no céu”. Na ascensão, Jesus ascende para o céu, onde prepara uma morada para os cristãos. Mas essa imagem “de subir ao céu”, argumenta Sánchez, pode levar os cristãos a esquecerem da imagem do céu como a esfera de onde Deus desce para habitar conosco e revelar sua misericórdia e favor<sup>294</sup>. Além de pensar no céu como habitação de Deus, na sua transcendência, é necessário lembrar da separação proveniente do pecado, o qual corrompeu a criação e colocou a criatura em oposição a Deus. Scaer, ao tratar da presença real de Cristo na Santa Ceia, argumenta que os luteranos não reconhecem a distância espacial entre o céu e a terra, senão que o céu se manifesta sobre a terra nos Sacramentos<sup>295</sup> (Batismo e Santa Ceia), os meios pelos quais Deus concede a sua graça e perdão.

A oposição foi restaurada quando Jesus baixou do céu e habitou entre nós. O Céu se revelou com a presença de Cristo, uma das cenas emblemáticas ocorrendo no monte da transfiguração, a imagem do céu diante dos olhos dos discípulos. Pode-se concluir que o céu está presente onde Deus está presente. O céu está presente quando Jesus se dá, na Palavra e nos Sacramentos (Batismo e Santa Ceia). Dessa

<sup>292</sup> Rm 12,12: Alegrem-se na esperança, sejam pacientes na tribulação e perseverem na oração.

<sup>293</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p.28.

<sup>294</sup> SÁNCHEZ, L. Escatología la Esperanza Cristiana, p. 82.

<sup>295</sup> SCAER, D. P. Uma Respuesta Luterana, p. 78.

forma, o cristão já tem parte na eternidade, mas ainda não plenamente. Desde os primeiros pais - que perderam a imortalidade do corpo - até hoje o ser humano busca o restabelecimento da sua situação. Pensando assim, a esperança do redentor é tão antiga quanto a humanidade caída<sup>296</sup> e a espera pelo seu retorno é constante. Assim como no Antigo Testamento se esperou o Messias Salvador, assim também é no Novo Testamento, do qual os cristãos atuais fazem parte e esperam a vinda daquele que os salvou.

## 4.2

### A Esperança é a Espera de Alguém

Quando se pensa em esperança cristã pode ser que a pessoa imagine m lugar no céu ou no tempo – a eternidade. Contudo, a esperança cristã espera alguém; a esperança cristã é a espera de Cristo. Diferente do que se possa imaginar, o que o cristão espera é a vinda de Cristo para reinar em glória – ou, pelo menos, era isso que ele deveria esperar, pois a Palavra de Deus confirma e concede essa promessa. Além disso, essa mensagem *foi e é* o anúncio premente da Igreja em todas as eras. Quando assim não fez, levou pessoas a uma compreensão da esperança cristã estranha ao que a Palavra registra em suas páginas. O resgate do que anuncia a Escritura, com respeito ao que *e* em quem se espera, restaura a esperança que havia no coração dos primeiros cristãos.

Cristo Jesus é a esperança, a esperança da glória escatológica final. Ele é uma esperança infinita, pois quando voltar – e somente quando Ele voltar – trará o triunfo final de Deus, Seu Pai, a vitória completa sobre todo pecado e toda doença e a morte será engolida. [...] O Novo Testamento todo, página após página, está ocupado e com o foco nesta esperança. O Novo Testamento está repleto da tensão entre uma obra completa que está sendo apenas parcialmente experimentada e uma obra completa que será plena e totalmente recebida<sup>297</sup>.

O cristão pode olhar com fé para o passado, para a ressurreição de Cristo e a vitória completa por meio de sua obra. A guerra já foi vencida, mas o combate segue até o dia em que todo o território for tomado pela presença e restauração do Rei dos reis, ou seja, Cristo já foi vitorioso, a sua vitória é concedida a todo o que nele crê. No entanto, enquanto nessa vida se espera a sua vinda gloriosa para que se possa

<sup>296</sup> SASSE, H. Some thoughts on Christian hope, p. 53

<sup>297</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 32.

desfrutar plenamente de que se promete na Escritura, a ressurreição de Cristo, a sua vitória sobre a morte, se torna a ressurreição daquele que crê, mesmo que ainda não desfrute plenamente e siga enfrentando batalhas na vivência.

A ressurreição não é mais uma possibilidade futura, mas já se tornou um fato consumado aos olhos de Deus. Visto que a ressurreição foi realizada aos olhos de Deus, a esperança do cristão na ressurreição não é tanto uma esperança do que Deus fará, mas sim confiança no que Deus já realizou. A fé em Deus e a esperança na ressurreição à medida que os eventos futuros se fundem quando o cristão pela fé começa a compartilhar a perspectiva de Deus<sup>298</sup>.

A ressurreição de Cristo já ocorreu e confirmou sua obra redentora. Entretanto, essa mesma ressurreição é concedida ao ser humano em partes. Isso ocorre, segundo a compreensão dos teólogos luteranos, pelos Meios da Graça – Palavra, Batismo e Santa Ceia. A Palavra quando anunciada, leva o ser caído à fé no Ressuscitado e lhe comunica a ressurreição. É por meio da Palavra ou da voz do Filho que, por meio da fé Nele, vida eterna e ressurreição já chegam aos cristãos antecipadamente<sup>299</sup>. O Batismo olha em direção à ressurreição do corpo, e o mesmo ocorre com o Sacramento do Altar. Eles são a antecipação do futuro, de nossa ressurreição e da união completa com Cristo. Esta é a doutrina da Novo Testamento<sup>300</sup>. O batismo dá plena e completa justificação porque no batismo se recebe todos os benefícios da morte e ressurreição de Cristo<sup>301</sup>, regenerando a pessoa e dando-lhe a nova vida. Na Santa Ceia, o corpo ressuscitado de Cristo, nascido de Maria<sup>302</sup>, está presente nos elementos para ser comido e bebido. A pessoa que nasce no Batismo é nutrida na Ceia do Senhor<sup>303</sup>. O Sacramento do Altar ressalta o fato de que a graça de Deus atinge a pessoa inteira, corpo e alma, e que há uma conexão entre a participação da "carne vivificante" do Senhor glorificado e a ressurreição dos corpos<sup>304</sup>. O Ressuscitado dá a ressurreição aos cristãos, mas ainda não se usufrui completamente dos seus benefícios.

<sup>298</sup> SCAER, D. P. Luther's Concept of the Resurrection in His Commentary on 1 Corinthians 15, p. 217. the resurrection is no longer a future possibility but has already become an accomplished fact in the sight of God. Since the resurrection has been accomplished in the sight of God, the Christian's hope in the resurrection is not so much a hope of what God will do as it is confidence in what God already has accomplished. Faith in God and hope in the resurrection as future events are merged when the Christian by faith begins to share God's perspective. Tradução livre.

<sup>299</sup> SÁNCHEZ, L. Escatología la Esperanza Cristiana, p. 18.

<sup>300</sup> SASSE, H. Isto é o meu Corpo, p. 143.

<sup>301</sup> WALTHER, M. C. Fé e Batismo em Lutero, p. 101.

<sup>302</sup> SCAER, D. P. Uma respuesta Luterana, p. 87.

<sup>303</sup> SCAER, D. P. El Ponto De Vista Luterano, p. 89.

<sup>304</sup> SASSE, H. Isto é o meu Corpo, p. 284

Já ressuscitados para a vida... e ainda não ressuscitados para a vida. A primeira ressurreição ocorre na conversão, no Batismo. A segunda quando Jesus vem novamente. Palavras de salvação, no Novo Testamento, são tanto “já” como “ainda não”. O conteúdo do já e ainda não é Jesus e Sua ação, expressa por Aoristos Indicativos e Futuros Indicativos: “segundo a sua misericórdia, *nos salvou*” (Tt 3.5); “*seremos* por ele salvos da ira” (Rm 5.9); “*Mas agora*, sem lei, se manifestou a justiça de Deus” (Rm 3.21); “Porque nós, pelo Espírito, aguardamos *a esperança da justiça*” (Gl 5.5); “A lei do Espírito da vida te *livrou* da lei do pecado e da morte” (Rm 8.2); “Desventurado homem que sou! Quem me *livrará* do corpo desta morte?” (Rm 7.25); “Deus enviou Seu Filho, *para resgatar*... a fim de que recebêssemos a *adoção* de filhos” (Gl 4.4,5); “aguardando a *adoção* de filhos, a *redenção do nosso corpo*.” (Rm 8.23). Aquilo que já recebemos... ainda não recebemos<sup>305</sup>.

O ser humano, por sua condição, é um ser escatológico, um ser esperançoso porque deposita sua confiança em algo que espera<sup>306</sup>. Dessa forma, não é só o cristão que tem a perspectiva da esperança em sua existência. A própria Escritura revela que há uma esperança em toda a criação, a qual vive em ardente expectativa<sup>307</sup>, no entanto, no caso de todo ser humano, ela está oculta por conta do pecado original. Contudo, essa esperança aparece no cotidiano, quando, de um lado, pessoas expressam palavras como “não vejo a hora” de que daquilo que se espera aconteça, dessa forma, aguardando o que virá no futuro; de outra forma e em outros momentos, há aqueles que dizem “não deixe para amanhã o que pode fazer hoje”, expressando uma esperança imediatista em contraste com o futuro incerto. A esperança cristã dá um passo além, ela é esperança para o presente e para o futuro e, mais do que isso, ela espera uma pessoa.

A escatologia cristã não assume apenas uma dessas posições em torno da esperança. Está orientado para o futuro e o presente. Na verdade, está entre o já e o ainda não. Mas mais do que qualquer coisa a esperar, a escatologia coloca sua esperança em alguém, em Cristo e em seu reino entre nós<sup>308</sup>.

As categorias de espaço e tempo são penúltimas na escatologia cristã e não podem preceder, mas devem se submeter à realidade cristológica-trinitária mais fundamental<sup>309</sup>. Assim sendo, tanto a perspectiva do céu, como também a vida eterna, não poderiam tomar o lugar do ensino a respeito da vinda de Cristo. O advento vindouro é o evento escatológico a ser anunciado pela Igreja. A vinda do Filho encarnado, que cumpre a obra redentora – no passado; a vinda do Filho nos

<sup>305</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 32-33

<sup>306</sup> SÁNCHEZ, L. Escatología la Esperanza Cristiana, p. 10.

<sup>307</sup> Rm 8,19: A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus.

<sup>308</sup> SÁNCHEZ, L. Escatología la Esperanza Cristiana, p. 10.

<sup>309</sup> SÁNCHEZ, L. Escatología la Esperanza Cristiana, p. 18.

meios da Graça, que dá nova vida e alimenta os que vão sendo salvos<sup>310</sup> – presente, e a vinda do Filho em glória, para julgar e restaurar a criação, para a vida eterna dos que se foram crendo no Senhor<sup>311</sup> e dos que serão transformados<sup>312</sup> – Futuro. Nele, o reino de Deus esteve presente de forma antecipada. Quando o reino de Deus vier final e completamente, então Ele curará nossos corpos e toda a criação<sup>313</sup>, isto é, a vinda de Cristo é restaurativa – criatura e criação.

As pessoas precisam de esperança, ainda mais quando se revela uma criação incapaz de ter paz e viver de forma satisfatória. Por isso questiona Gibbs se Deus já fez pelo mundo tudo o que Ele queria que acontecesse. Está seu nome sendo plenamente santificado, seu reino está vindo completamente e sua vontade está sendo feita através de toda a criação? Não, ainda não<sup>314</sup>. Dessa forma, não só é necessário que se tenha esperança, mas que se tenha e anuncie a própria esperança cristã e de onde provém.

Qual é a natureza dessa esperança cristã? É dado por Deus, por Cristo, pelo Espírito Santo. Deus, e especialmente Cristo, é seu conteúdo apropriado. Nenhum homem pode dar a si mesmo. Nenhum homem pode dá-lo aos outros. Pertence aos grandes carismas que Deus Espírito Santo dá aos que creem em Cristo. Pertence à fé e ao amor e constitui com eles aquela tríade que Paulo menciona repetidamente, não apenas em 1Co 13, mas também 1Ts 1,3 e Ef 4,1-6<sup>315</sup>.

A esperança cristã provém do próprio Deus, é a sua Palavra que a comunica, sendo o instrumento pelo qual o Espírito Santo anuncia a Cristo. Mensagem que diz que o Filho veio, vem e virá, para que os olhos do povo de Deus se voltem em duas direções, a obra concluída do Salvador - pois dessa forma se olha para o passado em fé - e para o futuro, em esperança pela promessa da sua segunda vinda. Essas são as duas direções para as quais o Evangelho convida a olhar – em fé e esperança – passado e futuro.

<sup>310</sup> At 2.47: Enquanto isso, o Senhor lhes acrescentava, dia a dia, os que iam sendo salvos.

<sup>311</sup> Ap 14,13: Então ouvi uma voz do céu, dizendo: — Escreva: “Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor.”

<sup>312</sup> Fp 3,20-21: Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas.

<sup>313</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 31

<sup>314</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 30.

<sup>315</sup> SASSE, Hermann. Some thoughts on Christian hope, P 46: What is the nature of this Christian hope? It is given by God, by Christ, by the Holy Spirit. God, and especially Christ, is its content proper. No man can give it to himself. No man can give it to others. It belongs to the great charismata which God the Holy Spirit gives to those who believe in Christ. It belongs together with faith and love and constitutes with them that triad which Paul mentions repeatedly, not only in 1. Cor. 13, but also 1. Thess. 1:3 and Eph 4:1-6. Tradução livre.

Tanto a esperança quanto a fé têm a ver com o passado e o futuro, embora a fé de uma maneira especial com o primeiro, e a esperança certa e principalmente com o último. Isso explica por que eles pertencem um ao outro. O futuro de ontem é o passado de amanhã. Esta é a razão pela qual a fé e a esperança pertencem à própria natureza da religião bíblica e cristã<sup>316</sup>.

No entanto, Gibbs questiona se não é isto o suficiente. Se temos fé, precisamos de esperança? Sim, é suficiente, mas não é tudo<sup>317</sup>. É suficiente porque por meio da obra redentora há dois milênios, a humanidade pode ser salva. Por meio da fé nessa obra, a humanidade pode esperar pela restauração de toda criação e de toda criatura humana. Essa é a mensagem e a promessa, no entanto, falta aos olhos da fé e da esperança os olhos para a realidade presente – para que se complete a tríade de Paulo – fé, esperança e amor. Isto é, falta o amor.

## 4.2

### Esperança Viva no Amor

A esperança é o fruto passivo da fé, pois a esperança por si só não tem força, a não ser para sustentar ao que espera. Já o amor é o fruto ativo da fé que, juntamente com a esperança, revela a nova criatura em Cristo. O amor é a atualização da esperança e a ação presente do que espera. O amor, nas suas várias faces, revela o coração esperançado. A Escritura anuncia aquele em quem confiar e esperar – Jesus - e Ele envia os que o seguem a amar. Amar a Deus em primeiro lugar e ao próximo como a si mesmo<sup>318</sup> é o chamado diligente para os cristãos na vida hodierna. A pessoa que vive em amor a Deus e ao próximo vive uma vida celestial agora<sup>319</sup>, pois faz o que é a vontade de Deus.

O restabelecimento da esperança bíblica também nos convidará a refletir uma preocupação que o próprio Deus tem pela criação. [...] Nosso amor e preocupação em Cristo podem atingir os mais amplos temas da sociedade: pobreza, doença, vícios e todas as formas de abuso. O ministério de Jesus, do reino de Deus, implicou cura

<sup>316</sup> SASSE, Hermann. Some thoughts on Christian hope, p. 47: Both hope and faith have to do with the past and the future though faith in a special way with the first, and hope most certainly primarily with the latter. This explains why they belong together. The future of yesterday is the past of tomorrow. This is the reason why faith and hope belong to the very nature of the Biblical and Christian religion. Tradução livre.

<sup>317</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 29-30.

<sup>318</sup> Mt 22,37-39: Jesus respondeu: — “Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento.” Este é o grande e primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: “Ame o seu próximo como você ama a si mesmo.”

<sup>319</sup> MOLDENHAUER, A. From Faith to Sight: Christian Hope in Philipp Nicolai's *Freudenspiegel*, p. 27.

e exorcismo, a salvação da pessoa inteira. [...] um dia Cristo voltará e curará todas as nossas doenças para sempre. Talvez, em graciosa resposta às orações de Seu povo, Ele dará uma antecipação daquela cura agora na presente era má<sup>320</sup>.

A esperança cristã volta os olhos para o futuro vindouro, mas também volta os olhos para o futuro próximo. Muitas vezes o cristão vê-se em estado de desamparo em sua existência e espera por um tempo menor ainda neste tempo. Com isso, a sua necessidade o leva a buscar aquele que ainda pode lhe socorrer e suprir as demandas de sua espera presente. Isso ocorre, naturalmente, por meio da oração, o que indica que o cristão não perdeu a esperança e sua disposição de buscar a ajuda de Deus. O aflito não pode ir a outro lugar senão a Deus em busca de auxílio e assistência. A oração é o pedido de ajuda<sup>321</sup> e a mostra da viva esperança, revelada no amor à própria existência. A oração que Jesus ensinou aos discípulos tem em sua composição a demanda, não apenas o futuro escatológico, mas também o futuro iminente.

A Palavra de Deus que nos fala do futuro está cheia de promessas. Em termos de nosso amanhã imediato, Deus, nosso Pai, promete nos dar o pão de cada dia e nos livrar do mal. Em termos de nosso amanhã final, Deus promete completar e cumprir nossa biografia, vencer até a morte por nós e nos dar uma parte na herança e no reino que Cristo conquistou para nós e no qual Ele já entrou<sup>322</sup>.

A esperança do socorro do futuro imediato acontece em meio a tensão presente causada pelo pecado. Por mais que já tenha sido concedido ao cristão – pela Palavra e sacramento – a esperança *parusíaca*, isso não garante que se resolvam as muitas implicações geradas pela maldade humana e que tocam a existência vigente. Isso porque, mesmo Jesus perdoando os pecados, ainda assim muitos dos efeitos reverberam por toda a vida, senão por gerações. Esses efeitos não deixarão de existir até que Jesus venha novamente. Isso está claro ao ser humano. A esse efeito corrente, Gibbs chama de “problemas relacionados à parousia”<sup>323</sup>, pois só com a chegada de Cristo eles cessarão. Dessa forma, é possível

<sup>320</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 42.

<sup>321</sup> SCAER, D. S. Luther on Prayer, p. 305.

<sup>322</sup> BRETSCHER, P. G. The Edifying Word: The Word of Hope, p. 143-144: The Word of God that addresses us out of the future is full of promise. In terms of our immediate tomorrow, God our Father promises to give us our daily bread and to deliver us from evil. In terms of our most ultimate tomorrow God promises to complete and fulfill our biography, to overcome even death for us, and to give us a share in the inheritance and kingdom Christ won for us and into which He has already entered. Tradução livre.

<sup>323</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 31.



dizer que a escatologia lida não apenas com as “últimas coisas” no futuro, mas com as “coisas últimas” que já operam entre nós hoje<sup>324</sup>. Contudo, não se pode confundir a esperança humana com a esperança cristã, tendo em vista que uma se sustém numa espera hipotética, enquanto a outra espera na promessa.

As esperanças humanas, no entanto, sejam mantidas por cristãos ou não-cristãos, têm uma limitação definida. Eles podem ser cumpridos ou não, e mesmo que pareçam ter sido cumpridos, seu cumprimento nunca é final. Até mesmo os doentes que Jesus curou adoeceram novamente e morreram. Essas curas eram sinais da aproximação do Reino de Deus<sup>325</sup>.

Diferente do que acontece com a esperança cristã, que visa a vida vindoura, muitas pessoas no mundo – e por isso também a urgência da proclamação da esperança cristã – vivem numa espécie de dúvida quanto ao futuro escatológico. Uma das raízes desse pensamento vem de uma visão grega clássica, visão essa que diz que o futuro leva à morte, ou seja, para o mal, gerando uma fixação com o passado, e a percepção de que o presente se torna aquele tempo que leva para mais longe daquilo que é idealizado como sendo deleitoso, ou seja, o passado distante da morte futura.

Dentro dessa percepção grega clássica do tempo, não é impossível imaginar por que Paulo pode contrastar a esperança cristã na vindoura ressurreição dos mortos - e, portanto, na vitória final de Cristo sobre a morte - com uma esperança equivocada no presente que se resigna a dizer: "Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos" (1 Coríntios 15:32). Sentimos o desespero, o fatalismo e a desesperança por trás dessas palavras. O futuro é visto como o inimigo. Também ouvimos palavras semelhantes entre nosso povo: Não deixe para amanhã o que você pode fazer hoje. Por quê? Porque pode não haver amanhã. Estamos a caminho da morte, do futuro; melhor fazer e terminar hoje enquanto o tempo está do nosso lado e o futuro ainda não veio para nos impor, para nos eliminar. O amanhã é duvidoso; amanhã significa morte<sup>326</sup>.

<sup>324</sup> SÁNCHEZ, L. Escatología la Esperanza Cristiana, p. 10.

<sup>325</sup> SASSE, Hermann. Some thoughts on Christian hope, p. 43: Human hopes, however, whether held by Christians or non-Christians, have one definite limitation. They may be fulfilled or not fulfilled, and even if they seem to have been fulfilled, their fulfilment is never final. Even the sick persons whom Jesus healed fell sick again and died. These healings were signs of the approaching Kingdom of God. Tradução livre.

<sup>326</sup> SÁNCHEZ, L. The Struggle to Express our Hope, p. 26: Within this classical Greek perception of time, it is not impossible to imagine why St. Paul might contrast the Christian hope in the coming resurrection of the dead — and therefore in Christ's final victory over death — with a misplaced hope in the present that resigns itself to saying, “Let us eat and drink, for tomorrow we die” (1 Cor 15:32). We sense the despair, fatalism, and hopelessness behind these words. The future is seen as the enemy. We also hear similar words among our people: No dejes para mañana que puedes hacer hoy (Do not leave for tomorrow what you can do today). Why? Because there might be no tomorrow. We are on our way to death, to the future; better to do and get done today while time is on our side and the future has not yet come to impose on us, to do away with us. Tomorrow is dubious; tomorrow means death. Tradução livre.

Saber que há pessoas que vivem a falta de esperança cristã, a qual espera a vinda de Cristo, é um chamado a Igreja a ser um agente do amor que leva esperança. Além dessa importância de anúncio, a necessidade de seguir vivendo uma esperança responsável. A esperança bíblica impele a Igreja a uma ação ante a necessidade da esperança humana. A missão, o testemunho e a evangelização dos povos são parte da atividade do amor que respondem à esperança, a qual se espera que seja comungada com o semelhante. Há, dessa forma, um compromisso e responsabilidade com a missão, levar a mensagem que atesta o passado, transforma o presente e aguarda o futuro – em e com Cristo.

Pois viver na esperança significa que entendemos não primariamente “onde” estamos vivendo – “aqui embaixo”, como oposto a “lá em cima”. Antes, a esperança bíblica nos ensina “quando” estamos vivendo, no tempo “agora”, durante a sobreposição das duas eras, após a vitória escatológica de nosso Senhor na ressurreição e antes de seu retorno final em glória. Durante este tempo ele nos deu algo para fazer: “Fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado”<sup>327,328</sup>.

É impreterível à Igreja alimentar a esperança do ser humano. Esta era finita, imperfeita e moribunda de esperança. O evangelho cristão olha para a frente e proclama esperança. Tudo está feito, mas ainda há mais por vir! Cristo completou sua obra, mas ele não terminou ainda<sup>329</sup>. Em Cristo, o céu e a eternidade vieram à terra, dando uma amostra da plenitude da vida em comunhão com ele numa nova terra<sup>330</sup>. No entanto, enquanto a consumação do tempo não chega, ocorre que o cristão é instado a viver ativa e diligentemente. Movido pela confissão da sua fé, pela presença do Senhor nos sacramentos e a revelação da salvação já conquistada, a Igreja se anima a missão e aos cristãos ocorre o encorajamento a uma vivência genuína e generosa nas vocações.

Ao se falar em atitude cristã diante de Deus e da sociedade, faz-se necessário resgatar a compreensão luterana para os dois tipos de justiça. Essa distinção é vista como a contribuição luterana para antropologia teológica. O estudo das duas justiças investiga o relacionamento da pessoa com Deus (*coram deo*) e o relacionamento da pessoa com o próximo e o mundo (*coram hominibus, coram*

<sup>327</sup> Mt 28,19-20 – A Grande Comissão.

<sup>328</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 43.

<sup>329</sup> GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia, p. 31.

<sup>330</sup> SÁNCHEZ, L. Escatología la Esperanza Cristiana, p. 10.

*mundo*)<sup>331</sup>. Pode-se formular questões de como Deus vê a pessoa? Como o mundo a vê? A resposta é que diante de Deus o cristão é visto pelos óculos de Cristo, Deus vê o seu povo através da obra redentora do seu Filho, não mais um sujeito pecador, mas uma pessoa justa por meio da fé. Isso quer dizer que aquele crê no salvador é justificado – justiça passiva, o homem não faz nada, é Jesus quem faz tudo. Por outro lado, diante do mundo o cristão é visto pela ótica do amor, da ação, do testemunho e dos atos – justiça ativa. Essa tese leva à compreensão da dinâmica da vida cristã.

A fé nos liberta do passado; a esperança, das ansiedades futuras, e isso torna o amor possível no presente<sup>332</sup>. Teoricamente é bem formulado, mas é preciso trazer um pouco de desconforto. É fato que Cristo conquistou a salvação para todo o que Nele crê (justiça passiva), isso não é questionado e não há nada a ser feito quanto a isso. No entanto, Gibbs provoca: mas você está ouvindo os gemidos de sofrimento? Nossos ouvidos não devem jamais perder a capacidade de ouvir tais gemidos. Você está ouvindo o gemido da criação?<sup>333</sup> Há gemidos por toda parte – fome, enfermidades (o mundo passa neste momento por uma pandemia), violência (mulheres, indígenas, negros), crimes contra a humanidade e contra o meio ambiente sendo cometidos desenfreadamente. A conduta daquele que espera passivamente o futuro restaurado em Cristo será ativa perante os gemidos incansáveis dos que sofrem?

Devemos estar prontos a ouvir os gemidos de sofrimentos e levar a sério o quanto esta era presente ainda é a era má. Isto significará confrontar seriamente o pecado, em nossa vida e na vida dos outros. Isto significará pensar teologicamente a respeito da doença, dos desastres e da morte. Isto significará estar prontos a ficarmos perturbados pelo mal que ainda existe. Pois o coração do Salvador está perturbado. Não é nada de novo; só temos de levar a sério a teologia da cruz<sup>334</sup>.

Para que a ação de amor, proveniente do cristão que vive na esperança vindoura, ocorra perante o mundo adoecido, é premente que esse sujeito seja restabelecido na sua condição de ser humano, ou seja, a restauração do que era o projeto original de Deus. Isso porque o projeto de justiça e santidade, provenientes do Criador na criação do mundo, foram profundamente afetados com a incursão do

<sup>331</sup> SÁNCHEZ, L. *The Struggle to Express our Hope*, p. 26.

<sup>332</sup> BRETSCHER, P. G. *The Edifying Word: The Word of Hope*, p. 151.

<sup>333</sup> GIBBS, J. A. *A Proeminência da parousia*, p. 30.

<sup>334</sup> GIBBS, J. A. *A Proeminência da parousia*, p. 41.

mal. A partir disso os problemas humanos se tornaram multifacetados. Não há apenas uma área de ação, mas muitas. Para que o cristão tenha ferramentas necessárias para agir – na justiça ativa – se faz necessária a regeneração. Isso advém dos chamados Meios da Graça, meios pelos quais Deus concede a justiça passiva, justiça essa que a pessoa humana não consegue conquistar pelos seus méritos. Dessa forma, a relação com Deus é restabelecida por meio da graça em Cristo. Isso faz com que a pessoa se torne livre da obrigação com o Criador, mas a coloca numa santa obrigação – desconforto – perante a necessidade do próximo.

Deus crucifica a velha natureza com Cristo e a eleva com Cristo para uma nova vida. Deus faz esta obra escatológica de nova criação e renova os pecadores na mesma no presente – com todas as suas tristezas e alegrias – através de sua palavra inspirada pelo Espírito na absolvição, no batismo, na Ceia do Senhor e na mútua consolação dos irmãos. Quando Deus fala sua palavra criativa, passado, presente e futuro não são mais concebidos de forma linear, mas sim entrelaçados em uma realidade salvadora onde as velhas e novas eras se sobrepõem. O trabalho escatológico de humanização de Deus restaura as relações<sup>335</sup>.

Essa humanização ocorre para que as esperanças comuns dos semelhantes não sejam banalizadas. Isso porque as mesmas esperanças cotidianas – cura, liberdade, justiça social – são esperanças presentes na vida de cristãos que aguardam o dia vindouro. Nenhum cristão deveria dissociar-se das esperanças do seu semelhante, pois seria uma grave violação do mandamento do amor ao próximo. Ainda mais grave seria se, para não participar ativamente na tentativa de realizar a esperança e necessidade do próximo, o pretexto fosse de que há coisas superiores a esperar<sup>336</sup>. Dessa forma, alguém que ignora a necessidade do seu próximo em detrimento de uma vida voltada e dedicada para o além, está vivendo contrariamente à vontade de Deus no aquém. Isso porque o cristão já tem parte na eterna vida desde o seu batismo, mas ainda não está nela integralmente – o cristão está na realidade presente, onde sua condição de humano precisa ser restaurada para que se torne agente da justiça.

<sup>335</sup> SÁNCHEZ, L. *The Struggle to Express our Hope*, p. 29: God crucifies the old nature with Christ and raises it with Christ to new life. God does this eschatological work of new creation and renews sinners in the same in the present — with all its sorrows and joys — through his spirit-breathed word in absolution, in baptism, in the Lord's Supper, and in the mutual consolation of the brethren. When God speaks his creative word, past, present, and future are no longer conceived in a linear fashion but are rather intertwined into one saving reality where the old and new ages overlap. God's eschatological work of humanization restores relationships. Tradução livre.

<sup>336</sup> SASSE, Hermann. *Some thoughts on Christian hope*, p. 42.

Antes que exista ação horizontal e antes que o indivíduo aja com justiça diante dos homens e do mundo – *coram hominibus* ou *coram mundo* – a pessoa humana precisa ser declarada justa diante de Deus (*coram deo*) por meio da fé em Cristo. Pode-se afirmar a partir daí que, em termos de identidade humana, a justiça passiva *coram deo* é o que torna alguém humano novamente, primeiramente diante de Deus por meio dos méritos de Cristo. Para Lutero, Cristo como dom torna a pessoa cristã.<sup>337</sup>, ou seja, restaura e restabelece a sua justiça e santidade, as quais foram pervertidas com a queda. No entanto, ainda não se experimenta essa justiça e santidade inteiramente, isso porque o pecado ainda aflige e traz sofrimento para o cristão – *simul iustus et peccator*. Conclui-se que a esperança cristã está intimamente vinculada à justiça diante de Deus, pois pela fé no Salvador ela espera a restauração de toda a criação caída, a qual o indivíduo é chamado a atuar em sua nova humanidade.

O indivíduo que é declarado justo diante de Deus (*coram deo*) também é justificado perante o próximo (*coram hominibus* ou *coram mundo*) por meio dos atos de justiça. Esses atos são o servir e se ofertar em favor do semelhante. Enquanto no relacionamento com Deus os atos são passivos, ou seja, só recebemos os méritos conquistados por Jesus, diante do próximo, em contrapartida, não se pode se eximir da responsabilidade e do chamado aos atos de amor. A esperança vem acompanhada do amor ao semelhante – não apenas pela esperança vindoura, como também pela necessidade de cumprir com as esperanças cotidianas. Dessa forma, o viver do que espera a parusia será dinâmica ante a sociedade.

Isso é justiça ativa ou horizontal. Corresponde, pelo menos para o cristão, a uma nova vida no Espírito ou santificação, a imitar Cristo como exemplo por meio de boas obras em favor do próximo e da sociedade. Em termos de identidade humana, a justiça ativa *coram hominibus* ou *coram mundo* torna o ser novamente humano perante o próximo. Para Lutero, Cristo como exemplo não faz de alguém um cristão (isto é, não torna alguém justo diante de Deus), mas faz de alguém um próximo responsável que sofre todas as coisas pelos necessitados, assim como Cristo se entregou até a morte por vocês<sup>338</sup>.

<sup>337</sup> SÁNCHEZ, L. The Struggle to Express our Hope, p. 29.

<sup>338</sup> SÁNCHEZ, L. The Struggle to Express our Hope, p. 29: This is active or horizontal righteousness. It corresponds, at least for the Christian, to new life in the Spirit or sanctification, to imitating Christ as example through good works on behalf of neighbor and society. In terms of human identity, active righteousness *coram hominibus* or *coram mundo* makes one human again before the neighbor. For Luther, Christ as example does not make one a Christian (that is, it does not make one righteous before God), but it does make one a responsible neighbor who suffers all things for the needy as Christ has given himself even unto death for you. Tradução livre.

Dessa forma, a justiça ativa se torna a ferramenta pela qual o cristão se dedica a mudar e transformar o mundo. Todas as questões que afetam a sociedade pertencem a esta área da vida cristã. Assim, o indivíduo que está em paz, no que concerne a vinda de Cristo, se torna livre para viver a vida humanizada, uma esperança viva no amor. Essa dinâmica é essencial para se perceber nos atos cotidianos, não se empenhando pelo eterno, mas uma resposta em amor pelo que já se recebeu em Cristo.

A Igreja tem responsabilidade de conceder profundamente essa esperança da vinda de Cristo, pois ao proclamar o perdão e a salvação, haverá a humanização da pessoa diante de Deus – justiça por meio de Cristo. Dessa forma, a Igreja retira de sobre a pessoa a carga de uma busca pelo sagrado eterno em atos que não a humanizam em serviço diante do próximo e da sociedade. A esperança cristã se torna viva e responsável diante das esperanças das pessoas.

A distinção luterana entre os dois tipos de justiça também nos permite ver a obra de humanização de Deus a partir da perspectiva da responsabilidade humana no serviço ao próximo - não para ganhar a salvação, mas por amor. A justiça ativa perante o mundo (também chamada de justiça da razão) promove uma sociedade mais justa e humana<sup>339</sup>.

A contribuição que a doutrina das duas justiças apresenta à Igreja proporciona a identificação do lado ativo da esperança cristã. A fé deixa de ser etérea e passa ao campo das ações, contudo, o alvo das ações deixa de ser a busca pelo eterno e passa a ser a busca pelo bem do semelhante. A consciência orienta na escolha do bem e do mal nas relações humanas<sup>340</sup>. Sánchez reforça que isso não é evangelho social, mas é atividade social que flui do evangelho, o lado institucional da justificação<sup>341</sup>, expondo assim a compreensão de que a transformação do indivíduo ocorre a partir do Evangelho em direção ao próximo.

A justiça ativa se torna diligente pelo bem-estar do próximo. Aquele que vive o seguimento de Cristo, o segue em duas direções – a primeira para a vida eterna, na sua vinda *parusíaca*; a segunda, para os atos de compaixão e amor de Cristo

<sup>339</sup> SÁNCHEZ, L. The Struggle to Express our Hope, p. 30: The Lutheran distinction between the two kinds of righteousness also allows us to see God's work of humanization from the perspective of human responsibility in service to the neighbor — not to earn salvation, but for the sake of love. Active righteousness coram mundo (also called the righteousness of reason) promotes a more just and human society. Tradução livre.

<sup>340</sup> WARTH, M. C. A ética de Cada Dia, p. 29.

<sup>341</sup> SÁNCHEZ, L. The Struggle to Express our Hope, p. 30.

destinado ao necessitado. O amor se revela nos atos daquele que vive na esperança e o alvo deste amor está no próximo.

Na esfera da Justiça ativa, a esperança não apenas dá ao amor uma orientação para o futuro, mas, na verdade, dá ao amor seu senso de descontentamento realista com o status quo presente e sua expectativa e trabalho em direção a um futuro melhor para o próximo e a sociedade. A justiça ativa não se preocupa principalmente com a santidade individual, mas é sobretudo "social", preocupada com o próximo e a sociedade<sup>342</sup>.

O conhecimento e assentimento da graça e do amor de Deus, revelados em Cristo, leva o indivíduo a amar esse Deus. No entanto, amar a Deus sempre se concretiza no amor ao próximo<sup>343</sup>. Se a pessoa quiser saber qual a vontade de Deus para sua vida hoje, é preciso olhar derredor, pois o próximo, com a sua necessidade, vai ser a autoridade a indicar onde se pode servir em amor<sup>344</sup>. Os atos não estão dissociados da esperança e do intento em suprir o que espera o semelhante. Se a linguagem da "confiança esperançosa" pode ser usada para descrever a plenitude do ser humano diante de Deus, então talvez a linguagem do "amor esperançoso" possa descrever o que significa ser humano diante do mundo<sup>345</sup>.

Jesus cumpriu com a promessa de salvação feita em toda a Escritura – no Antigo Testamento em promessa e no Novo em proclamação. Jesus entregou a vida porque o ser humano precisa de salvação – mais que tudo em sua existência. O ato de amor de Deus<sup>346</sup> em favor da humanidade, foi entregar seu próprio filho – o qual o agrada. Assim, a exemplo do ato redentor em favor da criatura, o cristão vai se colocar à disposição do seu semelhante, dando-lhe até mesmo aquilo que de mais precioso possa ter. Isso só é possível porque a esperança eterna é passiva e já foi conquistada. Sem ela o ser humano seria uma constante de busca pelo eterno, o que o levaria a agir pela motivação errada em favor do próximo, não em amor, mas em barganha pelo (im)possível destino vindouro. Restaurado pelo perdão e confiante

<sup>342</sup> SÁNCHEZ, L. *The Struggle to Express our Hope*, p. 30: In the sphere of active righteousness hope does not only give love a future orientation but actually gives love its sense of realistic discontent with the present status quo and its expectation of and working toward a better future for the neighbor and society. Active righteousness is not primarily concerned with individual holiness but is above all "social," concerned with the neighbor and society. Tradução livre.

<sup>343</sup> WARTH, M. C. *A ética de Cada Dia*, p. 27.

<sup>344</sup> WARTH, M. C. *A ética de Cada Dia*, p. 104.

<sup>345</sup> SÁNCHEZ, L. *The Struggle to Express our Hope*, p. 30.

<sup>346</sup> João 3.16: Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

na salvação, o servir ao próximo será o caminho do amor que flui desprestenciosamente ao semelhante – em especial pelo necessitado.

A prática da justiça ativa não apenas nos permite criticar nosso passado e ser sensíveis às nossas aspirações, mas também trabalhar com o melhor que Deus nos deu para realizar mudanças críticas que servirão ao nosso semelhante. [...] É isso que deveria significar a ideia, agora clássica, da "opção preferencial pelos pobres". Ensina uma prioridade de amor para com o próximo mais necessitado em nosso meio. Se todo mundo é seu próximo, então ninguém é seu próximo, por assim dizer. Portanto, a justiça ativa não tem medo de se levantar e lutar pelo(s) próximo(s) concreto(s) que Deus colocou diante de nós em nossas várias vocações<sup>347</sup>.

O desfavorecido estará no radar, a sua esperança cotidiana – alimento, vestes, cuidado – tem sua prioridade, não apenas porque a pessoa necessita, mas por uma questão de amor. Esse aspecto revela a motivação, pois qualquer pessoa – cristão ou não – age para suprir necessidades. Mas “a qual custo?” poder-se-ia questionar. Talvez os não cristãos sejam mais ativos em boas-ações do que os cristãos em algumas áreas, contudo, as ações provêm das mais distintas motivações. Ao cristão nem sempre é possível mudar o mundo, ou mudar de forma macro a sociedade em que se vive. No entanto, para que fique claro qual é o semelhante em necessidade por quem se pode agir, esse semelhante está primeiramente entre a família, amigos, colegas e na sociedade – mais próximos do que se imagina e os quais são o destino do amor, da ação de uma esperança viva no amor.

#### 4.3

#### Aspectos contemporâneos e presentes na teologia de Lutero

A teologia luterana se desenvolveu sobre o artigo da justificação pela fé. Lutero se debruçou sobre o tema e encontrou nele alicerce para a fé cristã e a esperança vindoura. Além da justiça diante de Deus por meio da fé em Cristo, a justiça diante do semelhante, por meio do amor, foi difundida e desenvolvida sobre a perspectiva das vocações. Para Lutero, como foi resgatado pelos teólogos

---

<sup>347</sup> SÁNCHEZ, L. *The Struggle to Express our Hope*, p. 31: the practice of active righteousness does not only allow us to be critical of our past and sensitive to our aspirations but also to go to work with the best God has given to us in order to bring about critical changes that will serve our neighbor. [...] This is what the now classic idea of the “preferential option for the poor” should mean. It teaches a priority of love toward the neediest neighbors in our midst. If everybody is your neighbor then nobody is your neighbor, as it were. Therefore active righteousness is not afraid to stand up and fight for the concrete neighbor(s) that God has placed before us in our various vocations. Tradução livre.



luteranos do último século, a vida hodierna e as funções que nela o cristão exerce suas atividades é o lugar onde a esperança se torna viva e eficaz nas boas obras a favor do próximo. Isso pode ser formulado tendo-se em mente que a esperança se fia nos méritos conquistados por Cristo, na Sua vinda, o que leva o cristão a viver e produzir boas obras no presente. Melanchthon argumenta que a distinção feita sobre a fé e a esperança auxilia na compreensão do lugar do amor. Amor, conclui Melanchthon, que se apresenta nos afetos, na generosidade e na solidariedade daquele que crê, sendo o recebedor desses atos, todo aquele que se encontra em necessidade no caminho do cristão.

Em Lutero, dificilmente se encontra uma indicação de que a esperança do cristão é a de ir para o céu – a não ser quando o Reformador se refere ao encontro com Cristo no céu, entre as nuvens, na sua vinda. Dessa forma, é necessário um resgate dessa compreensão para que o ensino a respeito da esperança cristã conduza os cristãos à esperança bíblica da vinda de Cristo, assim como os teólogos luteranos modernos formularam nas suas argumentações. Estabelecer a esperança em Cristo torna a mensagem da promessa vindoura cristocêntrica e retira de sobre o ser humano a expectativa de ir para o céu, além de colocá-lo como agente nesta criação.

A proclamação da vinda de Cristo, como a esperança cristã, é urgente por parte da Igreja. As pessoas necessitam de uma esperança que transcenda a sua existência, mas que lhes responda e ajude a formular caminhos para a vivência presente. Fundamentar a esperança cristã em Cristo e na sua vinda é fundamental, já que, como pensa Lutero, o intento do Diabo é retirar do coração a esperança cristã e colocar no lugar dela qualquer outra esperança que não essa, o que podemos chamar de “obra própria do maligno” – retirar do coração humano a confiança em Cristo e a esperança da sua vinda. Nesse ponto, a Palavra de Deus é o instrumento decisivo para conduzir a Igreja a esse caminho. Lutero, bem como os teólogos posteriores, reconhecem a importância da Palavra, pois se há esperança em Cristo, essa não pode ter vindo do interior da pessoa, senão do Espírito Santo que, por meio da Palavra, iniciou e levou a pessoa a se apegar à Palavra de Deus e a sua promessa em Cristo. A Igreja tem como responsabilidade o anúncio da Palavra, para que a esperança inunde a vida das pessoas e lhes dê uma nova vida por meio de Cristo já nessa existência.

Para Lutero, é impossível suportar quaisquer tribulações sem que se tenha esperança. Os estudos a respeito da esperança cristã se atualizam quando colocam

a esperança em duas direções; para o futuro, na vinda de Cristo, e para o futuro próximo, o amanhã e seus males. A esperança pela vinda depende unicamente da ação do Filho, para que Ele venha ao nosso resgate. A esperança para o futuro próximo perpassa também pelas nossas ações no presente. Essa esperança pode ser a própria esperança ou a ação a favor da esperança do próximo. Sánchez vai dizer que são esperanças cotidianas “espero que isso ocorra”, ao que Lutero irá desenvolver seu pensamento apontando para um dualismo da esperança, pois para o Reformador, há a esperança espiritual e a esperança corporal. Ambas residem o mesmo corpo, porquanto, uma sobressai-se frente a outra. Isto é, a esperança vindoura sobressai a esperança comum ou do futuro próximo. No entanto, o convite que se faz para que se ouça os gemidos que a humanidade ecoa ao redor dos cristãos, são também o chamado de Deus à compaixão e ação – em amor – para com o semelhante. O evangelho é o que transforma o coração humano para essa disposição. A esperança cristã, proveniente da justificação pela fé, liberta a pessoa do intento de salvação pelas próprias obras, ao mesmo tempo em que a impele a ter parte na salvação do semelhante, das suas necessidades presentes como por meio do testemunho - a necessidade eterna. Os teólogos mais recentes reafirmam que toda atividade social e de amor flui única e exclusivamente do Evangelho – isso sob a perspectiva da verdade cristã. A vida cristã encontra sustentação diante das tribulações quando se fundamenta na confiança e esperança em Cristo.

Dentro da perspectiva da vinda de Cristo, há a espera pela ressurreição dos mortos como parte da vitória de Cristo sobre a morte, vitória que se olha com fé na sua realização no passado, como relembra Scaer. É na proclamação dessa vitória sobre a morte, por parte de Cristo, que Lutero encontra o despertar da esperança futura, pois essa mensagem de vitória sobre a morte toca diretamente nas necessidades – enfermidades, tragédias, pandemias – que ferem a pessoa hoje, as quais provêm do mal, mas que reforçam a esperança da cura definitiva, do livramento definitivo, do reencontro definitivo. Assim, a esperança vindoura já tem algo a dizer para o sofrimento do presente: ele terá fim. Para Lutero, em sua leitura da Escritura do relato de Gênesis, há uma primeira ressurreição da pessoa quando a promessa de vida eterna chega aos seus ouvidos. O *simul justus et peccator* corrobora com o entendimento acerca da condição do cristão. Também pode ser chamada de Nova Vida, a qual é a transformação do ser humano para um cristão que ama a Deus e ao próximo, e assim já vive o céu na terra – já que ambos não

estão separados espacialmente. A vida com o Ressuscitado já principia, mas ainda não completamente.

## Conclusão

A composição deste trabalho se deu sob a mensagem escatológica “Jesus Vem”, a qual é vista de todos os cantos do bairro de Realengo<sup>348</sup>. O conhecido maciço da Pedra Branca se impõe, sobre ele repousa a Pedra chamada “Jesus Vem”<sup>349</sup>. Isso mesmo, essa é a mensagem escrita em cores brancas naquela rocha. As letras são grandes, a ponto de serem lidas de todas as regiões do bairro. A mensagem escatológica foi escrita, segundo a lenda que se ouve no bairro, por um pastor pentecostal. Todos os anos essa mensagem é repintada e, para que tal feito ocorra, é necessário que se leve uma escada até o alto do morro. A intenção dessa mensagem registrada sobre o maciço não é conhecida, mas se pode deduzir o que o autor do feito queria comunicar e incorporá-lo a aprendizagem deste trabalho.

Numa leitura a partir do método que distingue Lei e Evangelho, o anúncio daquela alta rocha é de que, literalmente, Jesus está vindo. Primeiramente, na perspectiva da Lei, arrependa-se<sup>350</sup>, abandone os pecados<sup>351</sup> e creia em Cristo<sup>352</sup>, porque Jesus está vindo para julgar este mundo<sup>353</sup> e irá separar as ovelhas dos cabritos<sup>354</sup>. Deem frutos do arrependimento<sup>355</sup> e vivam em amor<sup>356</sup>, servindo o semelhante em sua necessidade<sup>357</sup>. “Jesus Vem” é a mensagem cristã de encorajamento a viver ativamente o amor ao semelhante, sabendo que o Senhor da seara está a caminho.

<sup>348</sup> Sou pastor na Congregação Evangélica Luterana Concórdia, no bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro-RJ.

<sup>349</sup> Pode ser pesquisada no GoogleMaps “Pedra Jesus Vem, Realengo” para que seja conhecida.

<sup>350</sup> Mt 4,17: Daí em diante Jesus começou a pregar e a dizer: — Arrependam-se, porque está próximo o Reino dos Céus.

<sup>351</sup> At 3,26: Tendo Deus ressuscitado o seu Servo, enviou-o primeiramente a vocês para abençoá-los, no sentido de que cada um abandone as suas maldades.

<sup>352</sup> Jo 3,16: Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

<sup>353</sup> At 17,31: Porque Deus estabeleceu um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio de um homem que escolheu.

<sup>354</sup> Mt 25,32-33: Todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos: porá as ovelhas à sua direita e os cabritos, à sua esquerda.

<sup>355</sup> Mt 3,8: Produzam fruto digno de arrependimento!

<sup>356</sup> Ef 5,2: E vivam em amor, como também Cristo nos amou e se entregou por nós, como oferta e sacrifício de aroma agradável a Deus.

<sup>357</sup> Mt 23,11: Mas o maior entre vocês será o servo de vocês.

Na perspectiva do Evangelho essa é a esperança para o cristão que se reconhece num mundo decaído, mal e que nutre no seu coração o ardente desejo pela vinda do Senhor<sup>358</sup>. “Jesus Vem” é a mensagem para se olhar diariamente e ter um respiro de esperança em meio aos bairros da periferia do Rio. “Jesus Vem” se torna a mensagem de esperança necessária em uma cidade com tantas injustiças. “Jesus Vem” é uma lembrança de que, ao recebê-lo, se recebe também o perdão. “Jesus Vem” é a perspectiva do Novo céu e da Nova terra, da restauração da criação, da vida plena e humanizada, para a qual o ser humano foi criado a viver.

No entanto, por mais valorosa que seja a mensagem gravada na rocha sobre o maciço da Pedra Branca, ela não terá relevância se aqueles que a leem desconhecem do que se trata. A Igreja precisa ser a voz que anuncia que “Jesus Vem”, para que as pessoas que se depararem com aquele recado do alto do monte, sejam lembradas no coração da esperança cristã que lhes foi anunciada; para que por meio dela atentem para a vida eterna e a esperem com alegria. Assim, Lutero reconhece a arma que os pastores tinham em sua época, arma essa chamada púlpito. Para o Reformador, é no anúncio da Palavra que se encontra algum fio de esperança de mudança e transformação no coração e mente do povo. Hoje o púlpito pode ter mudado de lugar e ido para dentro da tela de um celular, mas o anseio pela mensagem que restaura a esperança é de todo ser humano, e muitos ainda não sabem qual é a fonte da esperança eterna.

Falar do Jesus que vem é falar do que Ele fez quando veio. Falar do Jesus que vem é falar o motivo pelo qual Ele veio. Falar do Jesus que vem é falar também da condição decaída do ser humano que vive em meio ao mal. A mensagem sintética – Jesus Vem – será simplista e pouco comunicará se não for levada às pessoas por completo. Algo semelhante ocorre com a difundida frase “Jesus te ama” que, solta e solitária, quando muito, comunica apenas aos cristãos. Há toda uma formulação básica da fé para que a mensagem comunique o que ela se destina a comunicar. Dessa forma, o ensino constante a respeito da obra redentora e da necessidade humana se torna urgente.

As formulações teológicas históricas, que buscaram sintetizar e organizar a mensagem do Evangelho, têm o seu valor na ajuda à Igreja no intento de anunciar

---

358 2Pe 1,16: Porque não lhes demos a conhecer o poder e a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade.

eficazmente o Evangelho. Os teólogos que se dedicaram a produzir material com profundidade teológica, o fizeram aplicando a compreensão bíblica vigente. A ortodoxia luterana teve seu papel histórico relevante de fundamentação da crença e ensino das doutrinas fundamentais para o cristianismo. No entanto, muito desse material se tornou distante do povo, no que diz respeito à aplicação hodierna. Isso levou grupos a uma espiritualidade que os distanciava do chamado à vida cotidiana, em especial no que tange a viva esperança que age na direção do auxílio e ajuda no cumprimento das esperanças comuns.

Dessa forma a ortodoxia, por mais valor que tenha, se não vier acompanhada da ortopraxia, será apenas um apanhado de material teológico empoeirado nas estantes. Isso porque a vida cristã se sustenta sobre a confissão de fé e ativamente se volta em ações para com o próximo. A esperança cristã leva, naturalmente, a pessoa a ser parte no cumprimento das esperanças comuns. A prática das boas obras são o lado vivo da esperança cristã, que não espera só no aquém, mas aguarda o além, ou melhor, o retorno do Senhor.

A formulação de Lutero da dupla justiça sustenta a compreensão da esperança cristã de forma passiva e ativa. Isso porque a pessoa humana é receptora passiva da graça de Deus, a qual lhe dá a esperança no retorno de Cristo – é Ele (novamente) quem desce. O sujeito contemplado com a justiça passiva expressará em sua vida as obras próprias dos cristãos. Suas obras são a expressão da esperança viva em amor, direcionadas ao próximo e a criação. O dom da fé na obra redentora de Cristo – justiça passiva – inevitavelmente produzirá boas obras – justiça ativa. A esperança vindoura se expressa na esperança viva no amor, a qual serve às esperanças comuns do semelhante. Melancthon, seguindo a compreensão do Reformador, argumenta no sentido de que a fonte da esperança é a fé na promessa, a qual se apresenta nos olhos que esperam, assim como no presente, em atos de amor como resposta.

Há uma frase atribuída a Lutero que diz “se eu soubesse que o mundo acabaria amanhã, hoje plantaria uma macieira”. A maioria dos estudiosos nega a possibilidade de que Lutero tenha dito essas palavras, porém, essa frase expressa uma profunda esperança cristã, e não causaria admiração se o Reformador tivesse dito algo parecido. Isso porque, independentemente se amanhã será o último dia, o cristão será chamado a esperar a segunda vinda de forma viva e ativa. Plantar uma árvore, ajudar na necessidade de um filho, amparar o amigo enlutado, visitar o adoecido, alimentar o faminto e assim por diante, são o lado ativo da esperança.

Observando, dessa forma, as esperanças no coração dos semelhantes são plurifacetadas, seja pela pobreza ou necessidade, seja pelo futuro melhor ou por qualidade de vida. O que ocorre ainda é que os atos produzidos pelos cristãos, movidos pela graça de Deus, não serão deixados para trás, pois não vamos para um céu, mas aguardamos a vinda do Filho de Deus. Talvez a macieira de Lutero esteja na nova criação, assim como as boas obras – movidas pela fé – acompanharão<sup>359</sup> o cristão no Novo Céu e na Nova terra. A Escritura não dá pistas de como isso acontecerá, mas promete que assim vai ser.

Por outro lado, os cristãos também são acometidos por situações e eventos que lhes trazem insegurança quanto ao futuro próximo. Vive-se hoje em meio à pandemia da Covid-19, situação que trouxe insegurança e expôs o quanto as pessoas estão despreparadas para cuidar de si mesmas e do próximo. A interdependência de cuidado mútuo revela que a vida humana não se vive sozinha. Todos têm esperança de que a pandemia termine logo, no entanto, ela segue ceifando vidas. Nesse caso, é imprescindível que se esteja confiante quanto à esperança cristã, para que se viva em paz quanto ao futuro vindouro, e que dessa forma a vivência seja ativa no tempo presente. Assim Lutero relatou a forma como encarou a peste no seu tempo, dizendo “Se tu [, morte,] podes amedrontar, então, meu Cristo pode encorajar; se tu podes matar, meu Cristo pode dar a vida; se tu tens veneno na boca, Cristo tem tanto mais remédio”. E segue diligente na sua atividade, não ignorando a letalidade da peste, mas sim reconhecendo esperançoso a necessidade do próximo, “Pois é para esse fim que trabalhamos e nos esforçamos, porque temos posto a nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos, especialmente dos que creem”.

À Igreja de Cristo urge olhar para os ignorados e ocultos aos olhos das autoridades, aos esquecidos e largados à própria sorte e, dentro das possibilidades, transformar o mundo daqueles que se encontram desfavorecidos. Essa ação também será incorporada à vida hodierna dos cristãos, para que nas suas vocações sejam agentes da esperança cristã, a prover o que possa contribuir para as esperanças comuns. Além disso, por mais engajado que se seja em suprir as esperanças, não se pode perder de vista que a esperança cristã não está em tornar a terra no céu, porque

---

359 Ap 14,13 Então ouvi uma voz do céu, dizendo: — Escreva: “Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor.” — Sim — diz o Espírito —, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham.

isso não ocorrerá, mas essa esperança está na vinda daquele que transformará a criação e a própria sorte do que crê.

À Igreja, andando em paralelo com as boas obras, será impreterível que o anúncio do Evangelho seja feito constantemente. É o Evangelho que transforma vidas. É o Evangelho que pode mover a Igreja rumo ao encontro vindouro com Cristo e ao encontro do semelhante em amor. Levar a Palavra ao ser humano, para que assim as pessoas se aproximem de Cristo e sintam desejo por aquilo que ainda não tiveram – a sua vinda. Quanto mais próximo de Jesus, maior será a aspiração pela sua vinda. As pessoas precisam, a todo tempo, ser alcançadas pela mensagem do Evangelho, a qual concede a presença do Senhor, mensagem esta que fala da garantida salvação aos que creem e confiam no crucificado.

O céu deixa de ser o lugar para onde se espera e se quer ir para se tornar o lugar onde Deus está, como explica Lutero na oração do Pai Nosso no seu Catecismo Maior. Se Jesus se faz presente na vida do seu povo por meio da Palavra e Sacramentos (Santa Ceia e Batismo), ali está a presença celestial. O céu baixa às pessoas sempre que a Palavra e os Sacramentos são ofertados. Em contrapartida, a ausência de Deus é a perspectiva do inferno. Assim como a vida eterna, não é sentido plenamente, porque o Senhor fez desse tempo o tempo da graça, tempo em que a humanidade pode ser alcançada pelo Evangelho. Nesse sentido, quando o povo de Deus se envolve e age para suprir as esperanças, ele está levando o céu até a vida daquela pessoa, pois no cristão habita o Eterno. O cristão se torna agente do céu, levando a graça e o amor que recebeu do alto para que beneficie a vida do semelhante.

A ressurreição é o desejo vindouro, mas não é o foco primeiro da esperança cristã, já que a Palavra nos diz que os justos e injustos ressuscitarão para o julgamento final. A esperança cristã reside primordialmente na vinda de Cristo, e com ela a ressurreição e a vida eterna, nessa ordem. Ressuscitar para o tempo eterno de plena alegria e graça só será esperado se a esperança da vinda de Cristo, tendo-se no coração a certeza de que por meio dele se é salvo, for o foco da vida cristã. Pois, se for para ressuscitar, que seja para viver com Cristo.

No contexto luterano, tem-se a prática de orar antes das refeições. A prece é a pura escatologia bíblica ao dizer “Vem, Senhor Jesus! Seja nosso convidado...”. A esperança pronunciada diariamente em muitos lares, por meio dessa oração, encontra lugar nos corações e alimenta a esperança vindoura diante das batalhas



cotidianas, além de levar o esperançado a uma vida que olha para o passado em fé, para o futuro em esperança e vive no presente a esperança viva no amor. A mesa é o lugar onde se compartilha e se alimenta também a esperança. Assim ocorreu em diversas ocasiões na narrativa da vida do Salvador. No encontro em torno da mesa, vidas foram salvas e alimentadas pela esperança vindoura.

A esperança cristã se encontra multifacetada nos escritos de Lutero, ela perpassa a obra dos teólogos luteranos posteriores, e toma corpo e realce no último século instigado pelas (re)descobertas teológicas modernas. Pode-se ver como Lutero trabalha a questão da ressurreição como encorajamento para a esperança: a Palavra e os Sacramentos (Batismo e Santa Ceia) como fontes a jorrar a esperança cristã; a esperança como parte integrante do ser, mas que se prospecta de duas formas, uma que olha para o vindouro e outra que espera o futuro próximo, ambas se interrelacionando já que uma move a outra, sendo uma maior que a outra. Entretanto, é necessário dizer que, acima de tudo, para o Reformador, a esperança cristã é a esperança em Cristo. Cristo é o centro da fé que olha para trás; o centro da esperança, que olha para a sua vinda e que se atualiza no presente, em amor pelo próximo – nas suas necessidades e fraquezas – se tornando um Cristo *encarnado* para o semelhante e vendo Cristo *encarnado* no outro.

A esperança do cristão está na vinda de Cristo, isso porque Ele já veio uma primeira vez. Veio para que a humanidade fosse salva, e agora virá para que a humanidade seja julgada. Aqueles que não creem serão separados para a condenação de uma existência de desesperança e ausência de Deus. Aos que creem, que foram alcançados pela graça do perdão e a proclamação da salvação por meio de Cristo, estes já tiveram seus pecados julgados e terão a sua esperança confirmada pela vinda daquele que deu a sua vida para que aqueles que Nele creem recebam a vida eterna. Para os que creem, o julgamento e sentença já ocorreram – na cruz. O julgamento na vinda de Cristo será a pública absolvição dos cristãos. O grito de vitória. Para os que estão sendo salvos, urge crer e anunciar essa mensagem, pois é por meio dela que se confirma a esperança cristã.

## Bibliografia

ALBRECHT, P. S. **Filipe Melanchthon (1497-1560):** Vida, Teologia e Figura do Outro Reformador de Wittenberg. Rio de Janeiro, 2013, 116p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BAESKE, A. Introdução ao Trabalho do Frei Martinho Lutero nos Salmos apresentado a Estudantes de Teologia em Wittenberg. In: **Obras Seleccionadas** v.8. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 333-348.

BAESKE, A. Introdução aos Apontamentos do Dr. M. à Primeira Epístola a Timóteo. In: **Obras Seleccionadas** v.9. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia e Canoas: ULBRA, 2005, p. 425-435

BAIER, J. W. WALTHER, C. F. W. [ed.]. **Compendium of Positive Theology**. Disponível em: <http://www.projectwittenberg.org/pub/resources/text/wittenberg/wittenberg-walther.html>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

BECK, N. L. J. Introdução ao Comentário à Epístola aos Gálatas. In: **Obras Seleccionadas** v.10. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia e Canoas: ULBRA, 2008, p. 15-22.

BOUMAN, H. J. A. The Christian Hope. **Concordia Theological Monthly**. V.XXVI, n. 04, Indiana: Concordia Publishing House, april 1955, p. 241-255.

BRETSCHER, P. G. The Edifying Word: The Word of Hope. **Concordia Theological Monthly**. V.XLII, n. 03, Indiana: Concordia Publishing House, april 1971, p. 134-152

**BÍBLIA**. Nova Almeida Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.

CHEMNITZ, M. **Examination of the Council of Trent** part 1. V.1. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2007.

CHEMNITZ, M. **Loci Theologici** part II. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2008.

DREHER, M. N. **A igreja latino-americana no contexto mundial**. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

DREHER, M. N. Introdução a Hinos. In: **Obras Seleccionadas** v.7. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 473-479.

DREHER, M. N. Introdução ao O Debate de Heidelberg. In: **Obras Seleccionadas** v.1. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1987, p. 35-37.

DREHER, M. N. Introdução ao Do Cativo Babilônico da Igreja. In: **Obras Seleccionadas** v.2. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 341-343.

DREHER, M. N. Introdução as Catorze Consolações. In: **Obras Seleccionadas** v.2. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 11-13.

DREHER, M. N. Introdução Da Vontade Cativa. In: **Obras Seleccionadas** v.4. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1993, p. 11-16.

ERASMO DE ROTERDÃ. **Erasmus' Annotations on the New Testament**. V.3: Galatians to the Apocalypse. Leiden: E. J. Brill, 1990, 1993.

FICHER, J. Introdução a Debate Sobre a Teologia Escolástica. In: **Obras Seleccionadas** v.1. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1987, p. 13-14.

Fórmula de Concórdia. In: **Livro de Concórdia**. As confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Comissão Interluterana de Literatura, 2021, p. 519-708.

GERHARD, J. **Manual Do Conforto Para Pessoas Doentes**. 2ed. Tradução de Horst Reinhold Kuchenbecker. Porto Alegre: Concórdia, Canoas: ULBRA, 2000.

GERHARD, J. **On Christ: Theological**: Theological Commonplaces IV. St. Louis: Concordia Publishing House, 2009.

GERHARD, J. **On the Law**: Theological Commonplaces XV XVI. St. Louis: Concordia Publishing House, 2015.

GERHARD, J. **On The Nature of God and on the Trinity**: Theological Commonplaces: Exegesis II-III. St. Louis: Concordia Publishing House, 2007.

GERHARD, J. **On the Natural of Theology and Scripture**: Theological Commonplaces: Exegesis I. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2009.

GERHARD, J. **On Sin and Choice**: Theological Commonplaces XII-XIV. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2014.

GIBBS, J. A. A Proeminência da parousia. **Igreja Luterana**. Tradução de Gerson Luis Linden. Revista Semestral de Teologia. V. 65, n.1, junho de 2006, p.28-43.

HÄGGLUND, B. **História da Teologia**. Tradução de Mario L. Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. 7ª ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

JAGNOW, D. J. [ed.] Apresentação à edição brasileira. In: WALTHER, C. F. W. **A correta distinção entre Lei e Evangelho**. Tradução de Marie Luize Heimann. Porto Alegre: Concórdia, Canoas: ULBRA, 2005, p.7.

JEDIN, H. **Manual de Historia de la Iglesia**. Tomo IV. Barcelona: Herder, 1973

JUNGHANS, H. **Temas da Teologia de Lutero**. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

Keßler, M. Leipzi, In: **DICIONÁRIO DE LUTERO**. Volker Leppin; Gury Schneider-Ludorff (editores). São Leopoldo: Sinodal, 2021, p. 648-649.

KEMNITZ, M. An Autobiography Of Martin Kemnitz. **Theological Quartely**. V.III, n.4. Indiana, 1899, p. 472-487.

KOLB, R. The Ordering of the Loci Communes Theologici: The Structuring of the Melanchthon Dogmatic Tradition. **Concordia Journal**, n23, 1997, p. 321-322.

KOLB, R. C.F.W. Walther, Interpreter of Luther on the American Frontier. **Lutheran Theology Quarterly** 5, N.1, 1987, 469-485.

KUNSTMANN, W. Magister Philippus Melanchthon. **Igreja Luterana** Revista Teológica, v.21, n.2. 1960, p. 49-55.

KUROPKA, N. Melanchthon, Filipe. In: **DICIONÁRIO DE LUTERO**. Volker Leppin; Gury Schneider-Ludorff (edit.). São Leopoldo: Sinodal, 2021, p. 701-707.

**Livro de Concórdia**. As confissões da Igreja Evangélica Luterana. Tradução de Arnaldo Schüler. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Comissão Interluterana de Literatura, 2021.

LUTERO, M. A Epístola do Bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos. In: **Obras Seleccionadas** v.8. Tradução de Luís H. Dreher. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 235-330.

LUTERO, M. A Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão. In: **Obras Seleccionadas** v.2. 2ª ed. Tradução de Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 277-340.

LUTERO, M. Acerca da Questão, Se Também Militares Ocupam uma Função Bem-Aventurada. In: **Obras Seleccionadas** v.6. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1996, p. 360-409.

LUTERO, M. Aos Pastores para que Preguem Contra a Usura. In: **Obras Seleccionadas** v.5. Tradução de Walter Altmann e Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1995, p. 446-494.

LUTERO, M. Apontamentos do Dr. Martinho à Primeira Epístola a Timóteo. In: **Obras Seleccionadas** v.9. Tradução de Luís H. Dreher. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia e Canoas: ULBRA, 2005, p. 425-598.

LUTERO, M. Catecismo Maior. In: **Obras Seleccionadas** v.7. Tradução de Arnaldo Schüller. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 325-446.

LUTERO, M. Catecismo Menor. In: **Livro de Concórdia**. As confissões da Igreja Evangélica Luterana. Tradução de Arnaldo Schüller. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia; Comissão Interluterana de Literatura, 2021, p. 381-402.

LUTERO, M. Catorze Consolações. In: **Obras Seleccionadas** v.2. 2ª ed. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 11-48.

LUTERO, M. Comentário à Epístola aos Gálatas. In: **Obras Seleccionadas** v.10. Tradução de Paulo F. Flor. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia e Canoas: ULBRA, 2008, p. 15-558.

LUTERO, M. Comércio e Usura. In: **Obras Seleccionadas** v.5. Tradução de Walter O. Schlupp e Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1995, p. 374-428

LUTERO, M. Da Vontade Cativa. In: **Obras Seleccionadas** v.4. Tradução de Luís H. Dreher, Luís M. Sander e Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1993, p. 11-216

LUTERO, M. Das Boas Obras. In: **Obras Seleccionadas** v.2. 2ª ed. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 97-170.

LUTERO, M. Debater Sobre a Teologia Escolástica. In: **Obras Seleccionadas** v.1. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1987, p. 13-20.

LUTERO, M. Do Cativo Babilônico da Igreja. In: **Obras Seleccionadas** v.2. 2ª ed. Tradução de Martin Dreher. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 341-424.

LUTERO, M. Exortação à Oração contra os Turcos. In: **Obras Seleccionadas** v.6. Tradução de Ricardo W. Rieth. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1996, p. 446-466.

LUTERO, M. Exortação à Paz: Resposta aos Doze Artigos do Campesinato da Suábia. In: **Obras Seleccionadas** v.6. Tradução de Helberto Michel. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1996, p. 304-329.

LUTERO, M. Gênesis 3. In: **Obras Seleccionadas** v.12. Tradução de Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia e Canoas: ULBRA, 2014, p. 166-250.

LUTERO, M. Hinos. In: **Obras Seleccionadas** v.7. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 485-574.

LUTERO, M. O capítulo 15 da Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios. In: **Obras Seleccionadas** v.9. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia e Canoas: ULBRA, 2005, p. 281-424.

LUTERO, M. O Debater Heidelberg. In: **Obras Seleccionadas** v.1. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1987, p. 35-54.

LUTERO, M. Os sete Salmos de Penitência. In: **Obras Seleccionadas** v.8. Tradução de Eduardo Gross. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 493-548.

LUTERO, M. Prefácio à Epístola aos Romanos. In: **Obras Selecionadas** v.8. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 129-140.

LUTERO, M. Prefácio ao Livro dos Salmos. In: **Obras Selecionadas** v.8. Tradução de Luís H. Dreher. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 33-36.

LUTERO, M. Trabalhos do Frei Martinho Lutero nos Salmos apresentados aos Estudantes de Teologia em Winttenberg. In: **Obras Selecionadas** v.8. Tradução de Adolpho Schmidt. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 331-392.

LUTERO, M. Um Sermão a respeito do Novo Testamento, Isto É, a respeito da Santa Missa. In: **Obras Selecionadas** v.2. 2ª ed. Tradução de Martin N. Dreher. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 253-276.

MELANCHTHON, F. Apologia da Confissão de Augsburg. In: **Livro de Concórdia**. As confissões da Igreja Evangélica Luterana. Tradução de Arnaldo Schüler. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Comissão Interluterana de Literatura, 2021, p. 145-326

MELANCHTHON, P. **Commonplaces Loci Communes 1521**. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2014.

MELANCHTHON, P. On the rôle of the schools. In: MELANCHTHON, P. KUSUKAWA, S (ed.). **Orations on Philosophy and Education**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 09-22.

MOLDENHAUER, A. From Faith to Sight: Christian Hope in Philipp Nicolai's *Freudenspiegel*. **LOGIA** A jornal of Lutheran theology. V.26, n.2, Eastertide, 2017, 25-30.

MüM. Escatologia. In: **DICIONÁRIO DE LUTERO**. Volker Leppin; Gury Schneider-Ludorff (editores). São Leopoldo: Sinodal, 2021, p. 400-406.

NAFZGER, S. H. (Ed.) et al. **Confession The Gospel** A Lutheran Approuach to Systematic Theology. V.2. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2017.

PREUS, H. A. SMITS. E. **The Doctrine Of Man in the Writings of Martin Chemnitz and Johan Gerhard**. St. Louise: Concordia Publishing House, 2005.

PREUS, J. A. O. Chemnitz and the Book of Concordia. **Concordia Theological Quarterly**. V.44, n.4. Indiana, 1980, p. 200-212.

PREUS, H. A. SMITS, E. **The Doctrine of Man in the writings of Martin Chemnitz and Johann Gerhard**. St. Louis: Concordia Publishing House, 2005.

PREUS, R. D. **The Theology of Post-Reformation Lutheranism**. V.1. St. Louis: Concordia Publishing House, 1970.

PRUNZEL, C. J. Introdução à Preleção sobre Gênesis. In: **Obras Seleccionadas** v.12. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia e Canoas: ULBRA, 2014, p. 17-21.

RIETH, R. W. Introdução a Guerra dos Camponeses. In: **Obras Seleccionadas** v.6. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1996, p. 273-283.

RIETH, R. W. Introdução a Exortação à Paz. In: **Obras Seleccionadas** v.6. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1996, p. 304-306.

RIETH, R. W. Introdução ao Assunto Economia. In: **Obras Seleccionadas** v.5. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1995, p. 367-373.

RIETH, R. W. Introdução ao Capítulo 15 [da primeira carta] de S. Paulo aos Coríntios. In: **Obras Seleccionadas** v.9. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia e Canoas: ULBRA, 2005, p. 283-289.

SÁNCHEZ, L. **Escatología la Esperanza Cristiana**. Saint Louis: Editorial Concordia, 2020.

SÁNCHEZ, L. A. The struggle to express our hope. **Logia**, 19 n.1 Epiphany 2010, p 25-31.

SASSE, H. **Isto é o Meu Corpo** a luta de Lutero em defesa da presença real de Cristo no Sacramento do Altar. Tradução de Mário L. Rehfeldt. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

SASSE, H. Some thoughts on Christian hope. **The Reformed Theological Review**, 26 no 2 May - Aug 1967, p 41-54.

SCAER, D. S. Luther on Prayer. **Concordia Theological Quarterly**. V.47, N.04, Indiana, Oct. 1983, 305-315.



SCAER, D. P. Luther's Concept of the Resurrection in His Commentary on 1 Corinthians 15. **Concordia Theological Quarterly**. V.47, n.3, Fort Wayne: Concordia Theological Seminary, 1983, p. 209-224.

SCAER, D. P. El Ponto De Vista Luterano. In: ENGLE, P. E. (Ed.) ARMSTRONG, J. H. (Ed.) **Cuatro puentes de vista sobre La Santa Cena**. Miami: Editorial Vida, 2010, 87-101.

SCAER, D. P. Uma Resposta Luterana. In: ENGLE, P. E. (Ed.) ARMSTRONG, J. H. (Ed.) **Cuatro puentes de vista sobre La Santa Cena**. Miami: Editorial Vida, 2010, 75-79.

THREINEN, N. C.F.W. Walther: Model of Spiritual Formation in a Confessional Lutheran Context. **LUTHERAN THEOLOGICAL REVIEW**. V.VI. n.1. St. Catharines, Concordia Lutheran Theological Seminary; Edmonton: Concordia Lutheran Seminary, 1993, p. 65-79.

WARTH, M. C. Introdução à Guerra contra os Trucos. In: **Obras Seleccionadas**, v.6. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1996, p. 405-409.

WARTH, M. C. Introdução aos Catecismos. In: **Obras Seleccionadas** v.7. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 315-324.

WALTHER, C. F. W. **A correta distinção entre Lei e Evangelho**. Tradução de Marie Luize Heimann. Porto Alegre: Concórdia, Canoas: ULBRA, 2005.

WALTHER, C. F. W. A forma adequada duma congregação local evangélica luterana independente do estado / Carl Ferdinand Wilhelm Walther. **Revista Igreja luterana**. V. 16, n. 9/10, 1955, p. 220-231.

WALTHER, C. F. W. Christ's Glorious Resurrection from the Dead, the Unshakeable Foundation for Our Own Eventual, Blessed Resurrection into Glory (1880). In: BASELEY, J. R. (Edit.). **Treasury of C. F. W. Walther**. V.II, Dearborn: Mark V Publications, 2008, p. 124-130.

WALTHER, C. F. W. **Gospel Sermons**. V.2, Saint Louis: Concordia Publishing House, 2014.

WALTHER, C. F. W. Grave Side Address at the Burial of a Christian Husband. In: BASELEY, J. R. (Edit.). **Treasury of C. F. W. Walther**. V.VI, Dearborn: Mark V Publications, 2008, p. 78-81.

WALTHER, C. F. W. Guest Sermon Romans 4,14. In: BASELEY, J. R. (Edit.). **Treasury of C. F. W. Walther**. V.VI, Dearborn: Mark V Publications, 2008, 195-202.

WALTHER, C. F. W. Guest Sermon (1866). In: BASELEY, J. R. (Edit.). **Treasury of C. F. W. Walther**. V.VI, Dearborn: Mark V Publications, 2008, p. 195-202.

WALTHER, C. F. W. Revelation 21.1-5 The New Jerusalem (1856). In: BASELEY, J. R. (Edit.). **Treasury of C. F. W. Walther**. V.VI, Dearborn: Mark V Publications, 2008, p. 248-254.

WALTHER, C. F. W. Second Service Christmas Day. In: BASELEY, J. R. (Edit.). **Treasury of C. F. W. Walther**. V.I, Dearborn: Mark V Publications, 2008, 181-186.

WALTHER, C. F. W. The Feast of St. Jonh The Baptizer. In: BASELEY, J. R. (Edit.). **Treasury of C. F. W. Walther**. V.III, Dearborn: Mark V Publications, 2008, 115-124.

WARTH, M. C. **A ética de Cada Dia**. Canoas: Ulbra, 2002.

WARTH, M. C. **Fé e Batismo em Lutero** a base Exegética para a Doutrina Luterana da Regeneração Batismal. Canoas: ULBRA; Porto Alegre: Concórdia, 2004.